

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE  
PRÉ- REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS: PROFLETRAS**

**MARILENE PEREIRA SALAZAR**

**O ENSINO DE LITERATURA NO 5º ANO COM FANFICS: UM OLHAR SOBRE  
“*MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*”**

Rio Branco  
2017

**MARILENE PEREIRA SALAZAR**

**O ENSINO DE LITERATURA NO 5º ANO COM FANFICS: UM OLHAR SOBRE  
“*MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA*”**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS, da Universidade Federal do Acre – UFAC, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Linha 2. Leitura e Produção textual: diversidade social e práticas docentes.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Margarete Edul Prado

Rio Branco  
2017

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UFAC

---

S161e Salazar, Marilene Pereira, 1970-  
O ensino de literatura no 5º ano com Fanfics: um olhar sobre  
"Menina bonita do laço de fita" / Marilene Pereira Salazar. – 2017.  
109 f.; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Acre,  
Programa de Mestrado Profissional em Letras. Rio Branco, 2017.

Inclui referências bibliográficas e anexos.  
Orientador: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Margarete Edul Prado.

1. Literatura. 2. Literatura – Estudo e ensino. 3. Ficção. I.  
Título.

---

CDD: 401.41

Bibliotecária: Maria do Socorro de Oliveira Cordeiro CRB 11/667

**MARILENE PEREIRA SALAZAR**

**O ENSINO DE LITERATURA NO 5º ANO COM FANFICS: UM OLHAR SOBRE  
“MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Letras pelo Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Letras: PROFLETRAS, da Universidade Federal do Acre – UFAC.

Aprovada em, 31 de maio de 2017.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Margarete Edul Prado - Orientadora

---

Universidade Federal do Acre – UFAC

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes - (Membro externo)

---

Universidade Federal de Brasília - UnB

Profa. Dra. Gisela Maria Lima Braga Penha – (Membro interno)

---

Universidade Federal do Acre - UFAC

Profa. Dra. Márcia Verônica Ramos de Macêdo - (Suplente)

---

Universidade Federal do Acre - UFAC

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Senhor Deus, por cuidar sempre de mim, nos momentos tristes e alegres.

À minha família, pelo o suporte e fortalecimento durante esta jornada.

À CAPES, pelo apoio logístico e a criação e efetivação do Mestrado Profissional em Letras.

À minha orientadora, professora Dr<sup>a</sup> Margarete Edul Prado de Souza, pela dedicação na orientação dessa dissertação e por todas as coisas que me ensinou e o exemplo que foi e nunca desistir de mim.

Aos professores do programa de Mestrado, pelo muito contribuíram para o meu aprendizado;

À UFAC e ao Programa de Pós- Graduação em Letras, na pessoa da Prof.<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lindinalva Messias do Nascimento Chaves, pela coordenação.

À Banca examinadora, pelas orientações e sugestões precisas e competentes.

À minha diretora e chefe imediata Professora Mestre Maria de Belém Andrade Brandão Ferreira, pelo apoio e compreensão durante o meu curso de mestrado e as viagens longas do Amapá para o Acre.

Aos meus irmãos em Cristo, pelas orações e torcida de incentivo.

A meu esposo Ribamar Leite de Souza, pela parceria e amor durante esta caminhada.

Aos meus filhos, Diogo, Diego e Bruno, pela alegria de serem meus amigos verdadeiros;

Ao Estado do Acre, que nos acolheu tão bem e nos inspirou a continuar firmes.

Aos colegas de mestrado e os amigos que nunca me faltaram durante todo este processo.

Enfim, agradeço àqueles que diretamente ou indiretamente me apoiaram em diversos momentos deste trabalho.



*"Ler literatura é uma forma de acesso a esse patrimônio [artístico, cultural e histórico representado pelas próprias obras literárias], confirma que está sendo reconhecido e respeitado o direito de cada cidadão a essa herança, atesta que não estamos nos deixando roubar. E nos insere numa família de leitores, com quem podemos trocar ideias e experiências e nos projetar para o futuro. Aceitar que numa sociedade podemos ter gente que nunca vai ter a menor oportunidade de ter acesso a uma leitura literária é uma forma perversa de compactuarmos com a exclusão. Não combina com quem pretende ser democrático".*

Ana Maria Machado (2001, p. 126 - 137)

## RESUMO

### O ENSINO DE LITERATURA NO 5º ANO COM FANFICS: um olhar sobre “*menina bonita do laço de fita*”

A presente dissertação intitulada O ENSINO DE LITERATURA NO 5º ANO COM FANFICS: um olhar sobre “*menina bonita do laço de fita*” tem por objetivo discutir sobre o ensino da literatura infanto-juvenil no Ensino Fundamental II, bem como apresentar uma proposta de intervenção voltada para o despertar e o aumento do gosto pela leitura literária. Adota como instrumento de discussão teórica as ideias de CADERMATORI (1986), COLOMER (2007), CANDIDO (1972), COSSON (2014), FARIA (2004), KLEYMAN (2004), ZILBERMAN (1981), SOARES (1999), ZAPONNE (2008), entre outros, e utiliza, ainda, os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN’s (1997). A pesquisa considera a literatura como instrumento de formação de leitores críticos e que respeitam a diversidade existente na sociedade. Tomou-se como *corpus* o texto: “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado, com 24 laudas. A partir da leitura do livro, das análises do conteúdo temático, elaboraram-se sequências de atividades auxiliadas pela ferramenta digital, a escrita de “*fanfic*” na internet. Observou-se que não há um ensino de literatura sistematizado para o Ensino Fundamental e, quando ocorre, é como forma de pretexto para ensinar outros conhecimentos, como por exemplo, os gramaticais e/ou linguísticos. A metodologia adotada para a feitura da proposta de intervenção foi a aplicação das atividades elaboradas do conto citado com o uso da “*fanfic*” em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental a fim de introduzir a leitura literária na sala de aula e observar o comportamento dos alunos. Os resultados foram satisfatórios, essa nova forma de leitura foi muito bem recebida, contribuindo para a melhoria do ensino da literatura para professores e do despertar para a leitura por parte dos alunos.

**Palavras-chave:** Leitura literária, Conto, *Fanfics*.

## ABSTRACT

### THE TEACHING OF LITERATURE IN A 5<sup>TH</sup> GRADE CLASS THROUGH FAN FICTIONS: A perspective of the short story "*Pretty Girl*"

The present master thesis entitled THE TEACHING OF LITERATURE IN A 5<sup>TH</sup> GRADE CLASS THROUGH FAN FICTIONS: A perspective of the short story "*Pretty Girl*" aims to discuss the teaching of children's literature in Elementary Schools, as well as to introduce a proposal for intervention to awaken and increase the desire for literary reading. To do so, were used as instruments of theoretical discussion the ideas of CADERMATORI (1986), COLOMER (2007), CANDIDO (1972), COSSON (2014), FARIA (2004), KLEYMAN (2004), ZILBERMAN (1981), SOARES (1999), ZAPONNE (2008), among others, also, taking in account the National Curriculum Parameters - PCN 's (1997). The research considers literature as an essential instrument for stimulating readers to a more critical reading and respecting the diversity existing in our society. It was taken as example the short story "Pretty Girl" (1986), written by Ana Maria Machado, with 24 pages. Through the reading of the book and the analyzes of the thematic content, sequences of activities helped by the digital tool resulted in the writing of fan fiction on the internet. It was observed that there is no systematized literature teaching for elementary school and, when it occurs, it works as an excuse to teach other knowledges, such as grammatical and linguistic ones. The methodology adopted for the making of the intervention proposal was the application of the elaborated activities based on the mentioned story with the use of fan fiction, in a class of the 5th year of Primary Education to introduce literary reading in the classroom and observe the students' behavior. The results obtained were satisfactory, this new form of reading was very well received, contributing to the improvement of literature teaching methods for teachers and awakening the importance of reading by students.

**Keywords:** Literary reading, Short story, Fan Fictions.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ENEM - EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO

NARRATIVA FICCIONAL, ESCRITA E DIVULGADA POR FÃS – FANFIC

IDEB - ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

INEP - INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS

LDB - LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL

LIED – LABORATÓRIO DE INFORMÁTICA E BIBLIOTECA

MEC - MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO

MOMA - MUSEU DE ARTE MODERNA

NOVAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÕES – NTI

PROGRAMME FOR INTERNATIONAL STUDENT ASSESSMENT (PROGRAMA INTERNACIONAL DE AVALIAÇÃO DE ESTUDANTES) - PISA

ONGS - ORGANIZAÇÕES NÃO GOVERNAMENTAIS

PLANO NACIONAL DO LIVRO E DA LEITURA - PNLL

PROGRAMA NACIONAL DA BIBLIOTECA NA ESCOLA – PNBE

PROGRAMA DE GESTÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR – GESTAR

PROFLETRAS - MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PCN - PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TIC's

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE – UFAC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

PROGRAMA ON LINE UTILIZADO NO CELULAR - WhatsApp

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Página do livro Menina Bonita do laço de fita

Figura 2. Página do livro Menina Bonita do laço de fita

Figura 3. Capa do livro Menina Bonita do laço de fita

Figura 4. Página do livro Menina Bonita do laço de fita

Figura 5. Fanfic 1

Figura 6. Fanfic 2

Figura 7. Fanfic 3

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS</b> .....	15
2.1 O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL .....	15
2.2 O ESPAÇO DA LITERATURA NA SALA DE AULA.....	21
2.3 A LITERATURA INFANTO/JUVENIL: DIVERSIDADE E CURRÍCULO .....	27
<b>3 UMA LEITURA DE “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”</b> .....	31
3.1 – EXPLORANDO O CONTEXTO.....	31
3.2 – UMA ABORDAGEM DE LEITURA.....	36
<b>4 DESCOBRINDO A FANFIC</b> .....	40
4.1 OS ESTUDOS CULTURAIS A AS NOVAS TECNOLOGIAS .....	40
4.2 A <i>FANFIC</i> COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO .....	41
<b>5 METODOLOGIA</b> .....	49
5.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO .....	52
5.2 O ESPAÇO DA PESQUISA .....	58
5.3 PRODUZINDO <i>FANFIC</i> .....	71
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	102
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	106
<b>ANEXOS</b> .....	<b>109</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Buscar a clareza demanda um simples gesto de abrir janelas. Começar um diálogo simplesmente é pronunciar a primeira palavra. É o que, modestamente, objetivamos nesta dissertação é refletir sobre a prática pedagógica da leitura literária na escola, uma vez que, para a maioria dos alunos, a escola é o único local de contato com texto literário. Nessa reflexão, procuramos trazer mais clareza e mais diálogo para o trabalho com o texto literário em sala de aula, e para essa reflexão, escolhemos como estudo um texto da literatura infanto-juvenil.

Diante, talvez, da complexidade que o tema pode alojar, apresentamos uma proposta de ensino da literatura, acreditando que os professores do Ensino Fundamental tenham oportunidade e uma excelente razão para não temer em iniciar um trabalho em sala de aula com a leitura literária. O intuito é de enriquecer nosso trabalho e o trabalho daqueles que tiverem contato e que queiram lançar mãos do mesmo, para que a escola seja, com efeito, uma casa da palavra, da literatura.

A busca por respostas, por clareza no gesto de abrir janelas, como mencionado anteriormente, também levou-nos a um resgate dolorido da nossa história tanto pessoal, quanto profissional, visto que a cada leitura, a cada tarefa desenvolvida, por vezes, percebemos tantas histórias vividas e tantas histórias assistidas como aluna, professora, mãe, mulher, nortista e, sobretudo, enquanto negra.

A proposta de intervenção é uma exigência do Mestrado Profissional em Letras, doravante PROFLETRAS, cujo objetivo é preparar os professores para melhorar o ensino da língua, da leitura, da literatura e da produção de textos no nível fundamental no Brasil, como também o de aprender a realizar pesquisas.

A relevância da escolha desse texto e do tema se justifica pela inquietude de situações vividas em sala de aula e curiosidade de verificar como é tratada a leitura literária nas salas de aulas do Ensino Fundamental, nas séries finais e como se daria um trabalho planejado, abordando esse tema com o auxílio das Novas Tecnologias, envolvendo discussões oriundas dos alunos e do professor, após a leitura do texto literário, partindo-se do viés teórico dos Estudos Culturais.

Decidimos estudar aqui o ensino da literatura no Ensino Fundamental especificamente da literatura infanto-juvenil por acreditar que essa literatura desempenha um papel fundamental, decisivo e intransferível na formação dos alunos. Considerando que é por meio da fantasia, do ludismo, da imaginação, da

emoção que a criança apreende sua realidade, atribuindo-lhe um significado.

Porém, observamos que as boas abordagens ao estudo do texto literário são quase inexistentes, e, quando acontece de existir são superficiais, não levando o aluno a refletir, questionar, relacionar, opinar e assim, sucessivamente. Outra circunstância que merece estudo e observação se baseia no fato de que muitos professores entendem que o trabalho com a leitura literária só tem base como pretexto para o estudo da gramática normativa e que o estudo do texto literário, da leitura, do debate, das trocas de opiniões, dos projetos, da análise são, na verdade, tarefas somente dos professores do Ensino Médio.

Essa situação é preocupante, porque o modo como é vista e abordado o ensino da leitura literária nas salas de aulas no Ensino Fundamental e no Ensino Médio vem corroborar para o fracasso dos alunos como leitores proficientes, segundo dados afirmados pelas avaliações oficiais, tais como o Exame Nacional do ensino Médio - ENEM, Prova Brasil, Provinha Brasil, Pisa, os quais exigem do aluno a competência de leitura e interpretação de textos literários, ou não literários.

Os PCN's (1997, p. 40), defendem que o trabalho com a leitura tem como finalidade "a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, uma vez que a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura". No entanto, embora nenhum comentário fosse encontrado em relação à leitura literária nos PCN's se compreende que cabe ao professor as escolhas dos gêneros e das tipologias textuais em sala de aula, para o alcance deste objetivo.

Nesta pesquisa, buscamos apresentar um trabalho da leitura do conto *Menina Bonita do Laço de Fita*, da autora Ana Maria Machado, por ser um livro bastante ilustrativo, que está relacionado com tema a ser debatido em sala, é um texto de fácil leitura e compreensão, adequado para a faixa etária e o tempo de horas aulas.

A primeira preocupação foi dos alunos terem contato com um livro completo, não mais com um texto fragmentado, num capítulo qualquer do livro didático de língua portuguesa. Desse modo, iniciamos com a leitura literária em um objeto literário, a narrativa em questão.

No segundo capítulo, fizemos uma abordagem teórica, sobre a origem da literatura infantil e o seu ensino na escola, considerando como é e deve ser aplicada nas escolas, sua importância para a formação do leitor crítico. Em seguida, um apanhado sobre o currículo e a diversidade atual que compõe a literatura infanto-

juvenil, para assim justificar o viés teórico abordado.

No terceiro capítulo fizemos a primeira leitura do livro *Menina Bonita do Laço de Fita*. No quarto capítulo, tentamos definir os Estudos Culturais e sua relação com as Novas Tecnologias. Apresentamos como pode acontecer e a importância da relação entre o ensino da leitura literária e as novas TIC's e para tal adotamos a *fanfic* como proposta auxiliar do trabalho com textos literários.

No quinto capítulo, abordamos os caminhos da pesquisa percorridos até a finalização da proposta pedagógica de intervenção realizada a partir desse estudo e no último capítulo encerramos com as considerações finais acerca da leitura e das propostas de atividades.

Acreditamos que o aluno precisa ser e sentir-se estimulado, com as novas metodologias e entender os objetivos específicos propostos. Assim, quem sabe, ele entenderá, sensibilizar-se-á em construir um senso crítico e apurado, desenvolvendo habilidades de argumentação. Além desses aspectos, a utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação, doravante TIC's, pelos alunos tanto dentro, como fora da escola é uma realidade e mostra-nos que os mesmos possuem conhecimento tanto em computadores quanto em internet, jogos, programas e sites específicos. Tais habilidades faz-nos querer direcioná-los de maneira mais adequada para a construção de novos saberes, novas formas de ensinar e aprender, através dos contextos digitais incorporados ao ensino e à aprendizagem. A *fanfic* é uma excelente e oportuna ferramenta tecnológica, a qual será trabalhada nessa proposta em consonância com a leitura da narrativa, possibilitando um ensino mais dinâmico, estratégico e inovador, na escola *locus* do trabalho.

A proposta foi feita para o 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública do município de Laranjal do Jari, no Estado do Amapá, usando como instrumento de ensino nas aulas de Língua Portuguesa, a leitura do livro infantil *Menina Bonita do Laço de Fita*, anteriormente citado, pois foi observado que os alunos usam muito a tecnologia, para outros fins, como o bate papo com os amigos, *whats app*, pesquisa escolares, jogos, e até o momento não havia nenhum trabalho voltado para o ensino do texto literário em nossas turmas. O objetivo foi o de contribuir para o desenvolvimento da leitura e da escrita em sala de aula. A finalidade foi a de promover, dentre as inúmeras possibilidades de ensino, a integração de uma nova ferramenta no suporte bastante usado pelos alunos, a internet, provocando novas situações de ensino.

O intuito nesta pesquisa foi começar pela leitura em sala de aula de uma narrativa simples até chegarmos a textos mais complexos, através da leitura compartilhada, na qual professor e aluno contribuem para a compreensão do todo e através da leitura protocolada. O professor observa alguns pontos, como imagens, frases, pontuação e faz perguntas para os alunos sobre determinada questão. A questão básica da discussão são as personagens da narrativa, suas ações, seus discursos, suas construções, o narrador e o ponto de vista.

A *Fanfic*, como ferramenta do trabalho com o texto literário, mostra-nos como podemos usar a ferramenta como recurso auxiliar no incentivo do ensino da literatura, sua definição e os processos para sua formação e veiculação no âmbito escolar uma vez que permite recriar o conto de diversos pontos de vista e com enredos alternativos.

Quanto à proposta pedagógica, foi elaborada uma sequência de atividades que iniciarão em sala de aula a partir da leitura de texto literário, optando por um livro de literatura infanto-juvenil, podendo percorrer outros espaços escolares ou não. A proposta foi desenvolvida visando a formação crítica do aluno, o gosto pela leitura de livros e a produção de *fanfics* em páginas da internet, treinando a escrita dos alunos, como também iniciando da narrativa lida para depois chegar em textos mais extensos. É uma tentativa de fazer o aluno participar da narrativa como “autor” da obra e colocar naquele espaço aquilo que imaginou, sentiu, sonhou, desejou e fantasiou, e, ao mesmo tempo observar o que outros “autores” também pensaram e desejaram. É uma forma de socialização de ideias e atitudes.

As janelas no abrir e fechar vão nos permitindo fazer tentativas, encontrar saídas e apontar caminhos. Observamos após o abrir das janelas um pequeno raiar de sol. Um começo, uma tentativa. Que as janelas, citadas nesta introdução, façam com que a sala de aula torne-se uma casa de leitura e da leitura literária.

## 2 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

Nesse capítulo vamos tratar de vários aspectos do ensino de literatura, especificamente da importância da literatura infanto-juvenil em sala de aula. Entendemos que a educação literária abarca não apenas o preparo do aluno para interagir com textos escritos e consagrados pela historiografia, mas também seu preparo para leitura de outras formas ficcionais que permeiam sua cultura e seu tempo.

Pensando nesse aspecto da educação literária, especificamente sobre o letramento literário, passamos a nos situar sobre a literatura infanto-juvenil, o tratamento em termos de ensino da mesma e do seu currículo presente na atualidade.

### 2.1 O ENSINO DA LITERATURA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Conforme afirmam Zinane e Santos (2012, p. 109), o ensino da literatura apresenta um conjunto de problemas tanto de ordem macro institucional, como didático-metodológico, sendo que o primeiro está contido no segundo. No caso do ensino fundamental, observamos que muitos fatores contribuem para o surgimento de muitos desses problemas, entre eles a falta de referência ao trabalho com a literatura para o ensino fundamental, por parte de documentos oficiais que regem o ensino fundamental, como exemplo os Parâmetros Curriculares Nacionais, os PCNs para o Ensino Fundamental.

Esta falta de direcionamento para o ensino da literatura dentro do Ensino Fundamental leva muitos professores e escolas a considerarem desnecessário o trabalho com a literatura nesta etapa de ensino, ou quem sabe, até mesmo fazer um trabalho descompromissado com o ensino e com a formação literária do aluno. Segundo Werneck (2010, p.45), quando há a leitura de obras literárias nas escolas, após a mesma, segue-se uma avaliação, geralmente, restrita a provas ou fichas de leituras superficiais, sem valorizar a reconstrução do texto e a participação ativa e crítica do aluno na leitura realizada. A nosso ver mesmo quando se escolhe uma obra de interesse dos alunos, se o professor se restringe a fichas e provas, acaba por perder a oportunidade de motivar a leitura e mostrar como se constrói o texto literário.



Ao lermos os PCNs de Língua Portuguesa para o ensino fundamental percebemos que fazem referência somente ao ensino de Língua Portuguesa e apresentam onze objetivos para que os alunos alcancem e destacam o professor com o mediador de conhecimentos e facilitador do processo educacional. Os documentos também dão ênfase ao ensino de habilidades e competências para a melhoria do domínio da leitura e da escrita e para isso delineiam alguns objetivos, entre os quais destacamos:

Compreender a cidadania como participação social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio às injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito; Posicionar-se de maneira crítica, responsável e construtiva nas diferentes situações sociais, utilizando o diálogo como forma de mediar conflitos e de tomar decisões coletivas; [...]; Questionar a realidade formulando-se problemas e tratando de resolvê-los, utilizando para isso o pensamento lógico, a criatividade, a intuição, a capacidade de análise crítica selecionando procedimentos e verificando sua adequação. (BRASIL, PCNs, p. 78).

Desse modo, os PCNs apontam para um trabalho voltado para os gêneros literários como forma de ampliar o domínio ativo da leitura e da escrita, para assim possibilitar a inserção dos alunos e participação dos mesmos na sociedade de modo que possam exercer a cidadania adequadamente. Nesse aspecto, entendemos que o documento, mesmo que não apresente um aspecto voltado para o ensino da literatura, acaba tornando-o possível quando aborda o trabalho com a leitura voltada para diversos gêneros literários. Contudo, acreditamos que a literatura merece nos PCNs, uma especificidade melhor elaborada, como foi feito para o estudo da língua portuguesa, visto que o ensino da literatura é apresentado de forma tímida e diluído na seção que aborda as leituras de textos escritos. No que se refere ao ensino da leitura precisamos destacar que a leitura de um texto não literário difere do texto literário. O Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) apresenta o seguinte comentário:

Entre as muitas possibilidades de textos que podem ser adotados no trabalho com a leitura, a literatura merece atenção toda especial no contexto do Plano dada a enorme contribuição que pode trazer para uma formação vertical do leitor, consideradas suas três funções essenciais, como tão bem as caracterizou Antonio Candido: a) a capacidade que a literatura tem de atender à nossa imensa necessidade de ficção e fantasia; b) sua natureza essencialmente formativa, que afeta o consciente e o inconsciente dos leitores de maneira bastante complexa e dialética, como a própria vida, em oposição ao caráter pedagógico e doutrinador de outros textos; c) seu potencial de oferecer ao leitor um conhecimento profundo do mundo, tal como faz, por outro caminho, a ciência. (PNLL, 2007, p.32).

Em tempos atuais, ainda percebemos a forma estruturalista de ensino da literatura, privilegiando o ensino tradicional no qual são enfatizadas as partes historiográficas, características das escolas literárias e a análise objetiva do texto.

Todorov (2010, p. 25-33) afirma que tanto as abordagens extrínsecas quanto as intrínsecas da literatura, transformadas em matérias escolares, tendem a valorizar mais os “meios” (períodos ou estilos; os conceitos, técnicas e métodos de) do que o “fim” (o sentido construído pelo leitor a partir da leitura direta das obras). Sobre isso ele afirma:

Estaria eu sugerindo que o ensino da disciplina deve se apagar inteiramente em prol do ensino das obras? Não, mas que cada um deve encontrar o lugar que lhe convém. No ensino superior, é legítimo ensinar (também) as abordagens, os conceitos postos em prática e as técnicas. O ensino médio, que não se dirige aos especialistas em literatura, mas a todos, não pode ter o mesmo alvo: o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários; é preciso então ensinar aquela e não estes últimos. O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível. Isso não seria pedir a esse professor um esforço excessivo, do qual apenas os mestres são capazes? Não nos espantemos depois se ele não conseguir realizá-lo a contento. (TODOROV, 2010, p. 41).

Para o Ensino Fundamental essa observação do autor é pertinente, embora nesta etapa de ensino não haja o trabalho do ensino da literatura baseado no estudo de período, escolas literárias, pelo menos de forma sistemática, como há no ensino médio, contudo, o professor privilegia o ensino gramatical e a decodificação dos sinais gráficos, quando muito se faz uma leitura superficial de um resumo de livros ou de textos encontrados no livro didático dando a eles o mesmo tratamento que se dá aos textos não literários.

Gomes, (2010, p.5) vem afirmar que o destaque dado à literatura pela escola, ao longo de sua história, nunca garantiu que as obras literárias fossem lidas e apreciadas pelos estudantes. Nas práticas de leitura escolar, registradas ao longo do tempo, sempre predominaram os fragmentos de textos. A leitura de obras completas, mais árdua e mais difícil, nunca foi prática generalizada.

Acreditamos que houve avanços em muitos suportes para o ensino da literatura tanto no Ensino Fundamental, como no Ensino Médio, posto que podemos contemplar, atualmente, em muitas escolas brasileiras a implantação das bibliotecas escolares, distribuição de livros para as escolas através do Programa Nacional da Biblioteca na Escola (PNBE), formações continuadas para professores através instituições e programas federais, ministrados pelas universidades federais,

secretarias de educação dos estados e municípios. Citamos, por exemplo, o Programa de Gestão da Aprendizagem Escolar - GESTAR II, que é um programa financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica no Brasil. O GESTAR II visa capacitar professores de língua portuguesa do Ensino Fundamental, dos anos/ séries finais, através de formação continuada. O programa apresenta várias maneiras de o professor trabalhar os textos, tanto literários, como não literários. O que acontece através do programa Gestar II podemos dizer que seja uma pequena gota em um oceano, ou por que não dizer, em vários oceanos. Isso acontece em razão de:

1. O programa não atender todas as escolas, nem todos os professores em regência de sala de aula, nem todos os municípios brasileiros;
2. O programa proporcionou uma disparidade entre a entrega de materiais, a falta da prática do aprendizado e, principalmente falta de fiscalização do que foi realizado;
3. A pouca mão de obra de “plantadores” do programa em escolas não contempladas;
4. Poucos trabalhos divulgados e/ou publicados a respeito do programa, embora a maioria dos participantes entre os coordenadores possam considerá-lo como uma ferramenta de bom impacto na melhoria do ensino de língua nas escolas públicas do Brasil;
5. O encerramento do Programa.

Observamos que se faz necessário avançar e muito no ensino da literatura, muito pouco foi feito até agora, há muito para se produzir, oportunizar, descobrir, experimentar e ousar, visto que se torna urgente uma prática leitora literária na escola, uma vez que, segundo Barthes,

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusóé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. (BARTHES, 1977, p.18)

Conforme afirma o autor, a literatura contempla bem mais que letras e sons, ela é capaz de transcender o que está escrito e permitir ao seu leitor uma formação plural e significativa. Concordando com o autor, Candido (1995, p. 22) afirma que

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a

nossa humanidade. (CANDIDO, 1995, p. 22)

Tal afirmação somente reforça o grande desafio e a grande responsabilidade do professor do Ensino Fundamental em contribuir para a formação do leitor literário, porque sabemos que o caminho de formação leitora nunca se acaba, se aperfeiçoa se dinamiza ao longo do tempo, mas nunca chega ao fim. A responsabilidade do professor é conduzir a este aprendizado, é antes de tudo mostrar o caminho, para o entendimento e a construção de sentidos para a leitura literária.

Existem muitos obstáculos postos para que o ensino da literatura no Ensino Fundamental não aconteça, pelo menos da maneira que contribua para o letramento literário, que deve ser o objetivo do ensino de literatura. Sobre o letramento, Kleiman (2004) define o termo como “um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 2004, p. 19). Para a compreensão do termo letramento literário, Zappone (2007, p. 13) define-o a partir do levantamento de algumas de suas características, entre as quais destacamos:

a) O letramento literário pode ser compreendido como o conjunto de práticas que usam a escrita literária. Isso equivale dizer que, embora o conceito de literatura tenha sido construído no seio da cultura burguesa, particularmente por classes abastadas que, por meio tanto da produção quanto do consumo de certos textos, produziram certos gostos e sensibilidade relativos aos textos, não são apenas os textos que pertencem a essa tradição- ocidental, eurocêntrica, masculina, branca – que podem figurar como suportes para a literatura. Também pode ser observado em práticas que usam a escrita literária, pensada como gênero de discurso que pressupõe a ficcionalidade como traço principal. É possível observar letramento literário em inúmeros outros espaços que não apenas a escola. Assim, constituem práticas de letramento literário a audiência de novelas, séries, filmes televisivos, o próprio cinema, em alguns casos a internet, a contação de histórias, anedotas, entre outros;

b) O letramento implica usos sociais da escrita e está associado a diferentes domínios da vida (o letramento implica usos da escrita literária para objetivos específicos em contextos específicos). Nesse sentido, seria interessante pensar em quais contextos ou espaços sociais podem ser observadas as práticas de letramento literário que são plurais. Assim, alguns usos sociais poderiam ser

assinalados por: a) pela presença de formas ficcionais em outras mídias, diferentes do livro impresso, tais como adaptações de textos literários para a televisão, teatro, cinema, usos da escrita ficcional no ciberespaço, tal como as *fanfics*; b) por leituras não canônicas, ou seja, leituras não necessariamente ancoradas na história de leitura de textos produzidos por críticos ou pela academia; c) pela leitura de textos não canônicos sobre o qual pouco se sabe ainda hoje (leitura de *best-sellers* e outros textos ficcionais que estão à margem do letramento escolar), mas que já começa a ser estudada com mais ênfase por historiadores da leitura e do livro; d) por apropriações de textos não produzidos inicialmente como textos ficcionais, entretanto funcionam como tal diante de certos públicos que deles se apropriam numa atitude de gratuidade, estabelecendo com eles uma relação de ficcionalidade e de gratuidade, tais como matérias jornalísticas, depoimentos, biografias, entre outros;

c) Como as práticas de letramento e, conseqüentemente, as práticas de letramento literário são padronizadas ou determinadas pelas instituições de poder, nota-se que há formas de letramento mais dominante, mais valorizadas e influentes do que outras. No caso da literatura, é evidente que as práticas de letramento literário realizadas no espaço escolar são as mais visíveis e valorizadas. Sobre tal questão, os modelos de letramento apresentados (autônomo e ideológico) podem ser operacionais para se compreender formas tradicionais, mas também outras práticas de letramento literário;

d) O letramento e o letramento literário são historicamente situados. Quando se observam na conceituação de letramento que os usos da escrita são práticas sociais, deduz-se que tais práticas são efetuadas ou realizadas por indivíduos ou grupos que se constituem como identidades sociais distintas, específicas. Por isso, como tais práticas são realizadas por identidades diferentes, os modos de fazer uso da escrita literária e sua leitura também são diferenciados, visto que são construídos historicamente e socialmente, por exemplo, para certa comunidade, a leitura de textos poéticos pode não fazer sentido e, nem serem conhecidos, ao passo que formas ficcionais veiculadas pela televisão podem constituir grande fonte de evasão. O que poderia ser feito para compreender os diferentes letramentos seria verificar os elementos, situações, contextos que o determinam, o nível de escolaridade dos indivíduos, formas de leitura e escrita,

contato com uso de diferentes tecnologias, os grupos sociais, relações culturais, econômicas, étnicas, de gênero, e assim sucessivamente.

Percebemos, pela descrição da autora, que letramento aplicado ao estudo da literatura mostra-se um campo fértil, uma vez que permite uma compreensão do literário situado em diversos domínios tanto da leitura, quanto da escrita. Conhecer e desenvolver as práticas de letramento literário presentes na escola, bem como as práticas de letramento literário presentes em outros lugares sociais podem contribuir para a formação de indivíduos com graus de letramento e letramento literários cada vez maiores.

## 2.2 O ESPAÇO DA LITERATURA NA SALA DE AULA

Segundo Cosson (2006, p. 119), o primeiro espaço da literatura é na leitura do texto literário. Tudo se inicia com o imprescindível e do motivado contato com o texto literário. Ler o texto literário em casa, na biblioteca ou em sala de aula, silenciosamente ou em voz alta, com ou sem a ajuda do professor, permite o primeiro encontro do leitor com o texto. Um encontro que pode resultar em recusa da obra lida – que deve ser respeitada – ou em interrogação ou admiração – que devem ser exploradas. É essa exploração que constitui a atividade da aula de literatura, o espaço do texto literário em sala de aula (2006, p. 119).

O que se propõe é lembrar ao professor que quando ele adotar um texto literário em sala de aula deve explorar tudo o que puder do texto, junto com seus alunos, bem como discutir seu conteúdo, os personagens, o narrador, o espaço e o tempo, o foco narrativo, as ideologias defendidas pelo autor, e, a partir desses aspectos, promover a interpretação por meio das mais variadas atividades. Uma das responsabilidades do professor em aula é ajudar o aluno a pensar por si mesmo, questionando, relacionando e analisando os mecanismos literários com os quais o texto foi construído. O espaço da literatura em sala de aula é, portanto, um lugar de desvelamento da obra que confirma ou refaz conclusões, aprimora percepções e enriquece o repertório discursivo do aluno. Para tanto, não se pode temer o fantasma da análise literária (COSSON, 2006, p.120).

Longe da crença ingênua de que a leitura literária dispensa aprendizagem, é preciso que o professor se invista na análise da elaboração do texto, como aconselha Cosson, principalmente com os leitores iniciantes, aqueles que estão

tendo contato com o livro ou com o texto literário pela primeira vez, como é o caso das crianças da periferia, ou que ainda não dominem o código escrito.

Ser leitor de literatura na escola é mais do que fruir um livro de ficção ou se deliciar com as palavras exatas de poesia. É também posicionar-se diante da obra literária, identificando e questionando protocolos de leituras, afirmando ou retificando valores culturais, elaborando e expandindo sentidos. Esse aprendizado crítico da leitura literária (...) não se faz sem o encontro pessoal com o texto enquanto princípio de toda experiência estética (COSSON, 2006, p. 120)

O espaço da literatura como texto na sala de aula trata dessa necessidade de aprendizagem que demanda tanto o contato permanente com o texto literário quanto à mediação do professor na formação do leitor. Só assim o exercício do imaginário, que permite à criança viajar nas suas inquietantes curiosidades, indagações sem sair de casa em um dia qualquer, ou diante de uma situação vivenciada, ouvida e percebida, terá a mesma base do coelho branco em busca de respostas, e ainda oferecer aos alunos jovens palavras e formas para manifestar seus sonhos e ao adulto a certeza de que todos os mundos são possíveis: no exercício da leitura literária.

Naturalmente que há obras escritas especificamente com fins didáticos, que não ultrapassam o uso escolar. São obras cujo ponto de sustentação não é a vida de suas personagens, a elaboração da linguagem e o mundo que encena, mas sim, o saber contextual que ostenta. É essa diferença que podemos estabelecer, por exemplo, entre as *Reinações de Narzinho* e *Emília no país da gramática*. Ambas as obras foram escritas pelo mesmo autor e trazem as mesmas personagens, porém, os títulos não deixam dúvidas, a segunda é uma obra didática com roupagem literária, logo paradidática. Nesse caso, para muito além da óbvia intenção de Monteiro Lobato em promover o ensino da gramática, estão as longas explicações sobre a nomenclatura gramatical do português que elevaram o contexto à condição de texto ou, para dizer de uma maneira mais conhecida, o texto virou pretexto.

A exploração do contexto da obra faz parte do espaço da literatura em sala de aula, até porque, ao dizer o mundo, a literatura envolve os mais variados conhecimentos que também passam pela escola em outros textos e disciplinas. Sobre isso, Colomer afirma,

A leitura literária pode expandir o seu lugar na escola através de múltiplas atividades, que permitem sua integração e conferência com outros tipos de aprendizados. Os mais imediatos, é claro, são os aprendizados lingüísticos. Por outro lado, o trabalho da linguagem em textos sociais, que o propõem deliberadamente, como é o caso da literatura. Por outro lado, a inter-relação se produz através de formas mais indiretas, já que o contato com a

literatura leva as crianças a interiorizar os modelos do discurso, as palavras ou formas de organização das mesmas. Isso ocorre sem intervenção, quando as crianças mergulham no repertório completo de recursos poéticos contido no folclore oral, uma base insubstituível para sua sensibilização na poesia. A literatura também servirá para aprender a comunicar oralmente um texto: as obras são recitadas, são dramatizadas, são lidas, compartilhadas com os demais, se se convertem em parte de nossas lembranças, ou seja, de nós mesmos. (COLOMER, 2007, p.159).

Nesse sentido, o texto literário requer, antes de tudo, um modo diferente de apreensão e inteligência. Em outros termos, é preciso saber ler o texto literário de modo diferenciado, uma vez que ele apresenta tanto fins práticos quanto estéticos. É por isso que ler o texto literário requer a manipulação não apenas de uma perspectiva crítica, mas também interpretativa e analítica. Todos esses saberes fazem parte de um universo de conhecimento e aprendizagem que se relacionam diretamente com o ensino da literatura.

Manter essa relação mencionada anteriormente não prejudica a leitura literária, ao contrário, pode ser uma contribuição relevante para firmar ou ampliar o entendimento da história que se está lendo. Do mesmo modo, qualquer disciplina pode aproveitar o contexto da obra literária para destacar elementos importantes para sua área de conhecimento, não sendo exclusividade do ensino de língua esse tipo de exploração do contexto literário. É esse compartilhamento que está na base da longa tradição que relaciona literatura e educação, conforme tratamos acima. O uso do saber da obra literária só não pertence ao espaço da literatura em sala de aula quando se ignora o lugar onde está localizado, quando se acredita que a leitura desse contexto independe do texto, quando esse saber deixa de ser contextual.

No espaço da sala de aula, o ensino de literatura deve compreender a exploração do contexto, assim como faz da elaboração do texto. Afinal, como adverte Lajolo (2009) ao revisitar o ensaio antológico, o texto não deve ser pretexto, mas sua leitura é sempre contextual. O professor deve aprender a explorar o texto e o contexto adequadamente com seus alunos.

O terceiro espaço da literatura na sala de aula é o da intertextualidade, isto é, da relação entre textos ou do reconhecimento de que um texto é sempre um diálogo com outros textos, conforme a conceituação feita por Kristeva (1999) a partir da leitura de Bakhtin (1992).

No caso do ensino da literatura, há pelo menos duas práticas de leitura da obra literária em sala de aula que se configuram intertextuais. A primeira delas, que poderia ser denominada “intertextualidade externa”, refere-se às relações que o



leitor estabelece entre dois ou mais textos a partir de sua experiência de leitura, independentemente do proposto pelo texto. A segunda, que chamaremos de “intertextualidade interna”, também requer a experiência do leitor, mas precisa ser indicada dentro do texto, posto que envolva a citação mais ou menos explícita a uma obra anterior. Dizendo de outra maneira, a intertextualidade externa é feita apenas pela memória do leitor; já a intertextualidade interna precisa de uma referência no texto para ser identificada como tal.

Nos dois casos, quem ativa a intertextualidade é sempre o leitor que reconhece o “parentesco” entre os textos e estabelece as conexões, mas a operação de leitura que ele realiza pode tomar dimensões distintas. Na intertextualidade externa, o procedimento é a comparação entre os elementos das obras tendo como base a busca de semelhanças e diferenças em cada uma delas. Na intertextualidade interna, essa comparação é de segunda mão, ou seja, passa primeiro pela incorporação que uma obra faz de outra obra em sua própria elaboração.

Um exemplo de intertextualidade externa é a relação que pode ser estabelecida entre os contos de fadas tradicionais e os contos de fadas atuais, por exemplo, ou ainda com as narrativas e os pequenos contos infanto-juvenis como, por exemplo, *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado. Os contos de fadas tradicionais apresentam sempre uma princesa branca, de olhos azuis, sempre iniciam com a expressão “Era uma vez” e a princesa sempre é a personagem principal.

Nos contos atuais, como podemos perceber em *Menina Bonita do Laço de Fita*, há uma intertextualidade na apropriação da forma de iniciar a história, lançando mãos do “Era uma vez” e na própria forma de descrição, embora a protagonista desta narrativa não seja uma princesa, filha do rei e morando em um castelo, mas há uma alusão à semelhança desta com as princesas de um reino distante: “Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar” (MACHADO, 2011, p.4).

Podemos citar como outros exemplos, as *Histórias de Alexandre*, de Graciliano Ramos (2008), e *Casos do Romualdo*, de João Simões de Lopes Neto (1988). O livro de Lopes Neto é uma coleta de histórias populares gaúchas, do folclore alagoano. As duas obras trazem um narrador com larga imaginação. Romualdo supõe terem acontecido com ele às histórias que conta e pede ao leitor

que confie nele ou, melhor, que em caso de suspeita suspenda o juízo e o consulte, pois diz: “felizmente sou tido e havido por homem de palavra” (LOPES NETO, 1988, p. 239).

Enquanto Alexandre relata suas aventuras fantasiosas sem se incomodar muito com os abusos e excessos dos acontecimentos que beiram o absurdo e que sua audiência registra o estribo, mas é morta pelo cavaleiro. Ao retornar ao cavalo, porém, ele percebe que o animal fica troteando meio derreado para um lado. Incomodado, verifica que o estribo estava inchando rapidamente, tanto que ele mal tem tempo de tirar o pé. O veneno da cobra havia transformado o estribo em uma massa informe. Como o regimento não poderia esperar uma purgação do estribo, tal como se faz com qualquer mordida de cobra, ele é abandonado por Romualdo na estrada.

A história de Alexandre se intitula *O Estribo de prata*. O herói retornava de uma viagem à casa do sogro quando, em uma paragem fantasmagórica, ao cair da noite, é atacado por uma cascavel de dois metros de comprimento, com dezessete anéis na cauda. Após sofrer o primeiro bote, ele abate a cobra a golpes de chicote. Livrou-se da primeira mordida, acreditou, por conta do couro da bota que era duro e das orações feitas. Eis que, na verdade, a cobra havia mordido o estribo de prata. O resultado é que sempre à lua cheia o estribo inchava ao ponto de Alexandre passar a ter lucro com a retirada da prata do estribo e constituir uma pequena fortuna. Com o tempo, o estribo volta ao normal, tendo o veneno perdido a validade, assim explica Alexandre ao leitor.

Os textos apresentados como exemplos podem ser lidos em uma relação de contraste para se verificar o que os assemelha e os individualiza. Também podem ser analisados em relação à apropriação que ambos fazem do conto de fadas e do conto popular. Essas e outras aproximações ou distanciamentos constituem o espaço da literatura como intertexto na sala de aula. Debater as relações entre os textos ou realizar atividades que favoreçam a interpretação do teor das relações que os compõe é tomar a literatura como intertexto.

Em outro texto que também se apropria da literatura de tradição popular podemos verificar a presença da intertextualidade interna. Trata-se da obra *No meio da noite escura tem um pé maravilha: contos folclóricos de amor e aventura*, um reconto feito por Ricardo Azevedo, mais especificamente do conto *As três noites do papagaio*. A história é aparentemente simples: o marido viaja e deixa à bela e jovem

esposa sozinha e saudosa. Um filho de fazendeiro vê a mulher e por ela se apaixona. Acreditando poder seduzi-la, contrata uma velha para, durante a noite, trazê-la para um encontro com ele, ainda que enganada. O papagaio, percebendo o engodo, por três noites finge-se de doente e conta uma história que impede a mulher de acompanhar a velha. Ao final da terceira noite, o marido retorna e expulsa a velha de sua casa.

O primeiro índice da intertextualidade interna é o estratagema usado pelo papagaio. Tal como Sherazade conta histórias ao sultão para não ser morta ao raiar do dia, o pássaro usa uma narrativa habilmente interrompida para manter a mulher em casa e evitar uma possível tragédia. A narrativa dentro da narrativa, ou a narrativa emoldurada do papagaio, ganha assim um sentido mais amplo ligado ao ato de narrar. Se a narradora de *As mil e uma noites* é tão bem-sucedida que acaba ganhando o amor do sultão, o papagaio também consegue manter o amor de seus donos intacto. Nessa aproximação entre os dois textos, narrar é uma forma de preservar a vida e o casamento ameaçados pela paixão corruptora, de deter o tempo enquanto se faz o tempo andar para chegar o momento certo: o amor do sultão, o retorno do marido (AZEVEDO, p. 37).

Há, ainda, outra relação intertextual interna no texto recontado por Ricardo Azevedo. A história em três partes contada pelo papagaio fala de uma moça que sonha com um príncipe vestido de branco. Forçada pelo pai a casar, a moça foge seguindo esse moço sonhado, que lhe aparece como fantasma em uma noite de luar, até chegar a um castelo onde tudo é feito de pedra e está paralisado. Lá encontra o príncipe dos sonhos feito de pedra como tudo o mais. O beijo da moça desperta o príncipe e todo o reino em uma clara relação com o mito de Psiquê ou da *Bela adormecida* em uma versão masculina. Fazer a mulher buscar seu amado, assumir um papel ativo, recuperando psiquê contra o papel passivo e mais convencional da bela adormecida, pode gerar uma boa discussão sobre questões de representação de gênero em sala de aula (AZEVEDO, p. 38). Assim como podemos discutir a representação do negro em espaços “tipicamente” mostrados por personagens brancas, ou de personagens com necessidades especiais.

Aproximar diferentes versões de uma mesma história, mostrar como elas constroem essa semelhança em suas diferenças, constitui o espaço intertextual da literatura em sala de aula. É pela exploração consistente e sistemática desse espaço que o leitor solidifica e amplia o conhecimento de sua cultura e da relação que ela

mantém com outras, tornando-se ele mesmo parte desse diálogo. Por essa razão, o espaço a ser ocupado pela leitura intertextual na sala de aula é fundamental para a construção do repertório social e cultural do leitor.

Convém ressaltar que esses não são os únicos espaços que a literatura deve e pode ocupar na sala de aula, no entanto começar por eles certamente nos ajuda a mostrar que a leitura literária é essencial não apenas para a formação do leitor, mas para formação do ser humano que é a razão maior de toda educação. Na sala de aula, a literatura precisa de espaço para ser texto, que deve ser lido em si mesmo, por sua própria constituição. Também precisa de espaço para ser contexto, ou seja, para que seja lido o mundo que o texto traz consigo. E precisa de espaço para ser intertexto, isto é, a leitura feita pelo leitor com base em sua experiência, estabelecendo ligações com outros textos e, por meio deles, com a rede da cultura. Afinal, construímos o mundo com palavras e, para quem sabe ler todo texto é uma letra com a qual escrevemos o que vivemos e o que queremos viver, o que somos e o que queremos ser.

### 2.3 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: DIVERSIDADE E CURRÍCULO

Após refletirmos sobre o papel da literatura na sala de aula, iremos discorrer sobre o que o currículo apresenta em termos de literatura infanto-juvenil para que possamos a partir do ensino da literatura ampliar os diversos saberes, sociais, filosóficos, artísticos, etc., dentro os quais iremos destacar a questão sobre o negro, o racismo e as diversas formas de combatê-lo.

(...) o racismo é uma aprendizagem que vai da família às demais relações sócias, perpassando vários discursos. No entanto, esse não é um movimento linear. Existe todo um movimento já desencadeado pelos movimentos sociais (negro, feminista, LGBT, do campo) no sentido de rever esse quadro. (VAN DICK, 2008, p. 132)

A partir dos anos 1980, os movimentos sociais passam a cobrar da sociedade, da escola e do MEC uma maior atenção à forma como a diversidade se expressa em nossas vidas. No caso da educação, o enfoque as dá na formação dos professores, nos livros didáticos, na literatura e os demais materiais didáticos e paradidáticos refletindo sobre o peso discursivo e formado do trato recebido pelas diferenças na escola (GOMES, p. 27).

O contexto histórico da abertura política e a promulgação da Constituição de 1988, considerada a mais democrática da nossa história, possibilitaram várias

mudanças na garantia do direito à educação. Aos poucos, os movimentos sociais têm conseguido problematizar ainda mais o direito à educação, inserindo nele o direito à diferença. Essa politização de diferenças tem produzido mudanças nos rumos da concepção com avanços e limites das políticas educacionais. Uma delas que se começa a sentir é a preocupação com trato desigual dado à diversidade na escola, nos materiais didáticos, paradidáticos, na literatura, que circulam na escola. Essa mudança tem atingido – ainda de maneira lenta – os programas e especialistas que analisam as obras do PNLD (Programa Nacional do Livro Didático) e PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola).

No Brasil, além da lei 10.639/03 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, instituídas pela resolução 01, de 17 de março de 2004, é possível registrar várias ações de formação continuada para a diversidade de norte sul do País. A literatura vem ocupando um lugar importante neste cenário, em virtude de seu caráter mágico, ficcional e também discursivo, ou seja, podem-se introduzir discursos afirmativos, humanizadores sobre diferenças tratadas de forma desigual no contexto social no qual alunos e docentes vivem e se realizam como sujeitos no mundo.

Há que se considera profunda imbricação entre as desigualdades sociais e sua articulação com a diversidade regional no Brasil. Nesse sentido, podemos indagar se esse movimento de pressão e de revisão dos materiais didáticos e paradidáticos que chegam às escolas conseguem repercussões positivas nas diferentes regiões do País e entre os especialistas que analisam essas obras a pedido do próprio Ministério. Lamentavelmente, quando falamos em igualdade, desigualdade e diversidade no Brasil, devemos sempre contar com a presença do discurso do mito da democracia racial, da ideia de uma sociedade harmoniosa, inclusive e sem conflitos em relação às diferenças, mesmo que as análises oficiais, as características e a realidade nos mostrem que falta muito para o Brasil alcançar esse patamar tão necessário e desejado.

Portanto, as mudanças em curso devem ser consideradas como produto das lutas e demandas dos movimentos sociais, educadores e intelectuais que se mantêm atentos à luta pela superação da desigualdade étnica/racial, de gênero, de idade, entre outras, que incidem sobre as diferenças. Estes grupos acreditam que a escola é uma das instituições sociais responsáveis pela construção de

representações positivas e de superação de estereótipos que recaem sobre certas diferenças e os sujeitos que as possuem e por uma educação que tenha o respeito à diversidade como parte de uma formação cidadã. A escola, sobre tudo a pública, exerce um papel fundamental na construção de uma educação para a diversidade.

Para Gomes (2007, p. 45) a inserção da diversidade nos currículos implica compreender as causas políticas, econômicas e sociais de fenômenos como o do etnocentrismo, racismo, sexismo, homofobia e xenofobia. Em cada um desses fenômenos, a diferença se instala, havendo uma tendência à superioridade de uns sujeitos sobre outros. Segundo a mesma autora, falar em diversidade e diferença implica posicionar-se contra processos de colonização e dominação. É perceber como, nesses contextos, algumas diferenças foram naturalizadas e inferiorizadas sendo, portanto, tratadas de forma desigual e discriminatória. É entender o impacto subjetivo destes processos e na vida dos sujeitos sociais e no cotidiano da escola.

Segundo a autora, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças.

a construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem e da mulher ao meio social e no contexto das relações de poder. Sendo assim, mesmo os aspectos tipicamente observáveis, que aprendemos a ver como diferentes desde o nosso nascimento, só passaram a ser percebidos dessa forma, porque nós, seres humanos e sujeitos sociais, no contexto da cultura, assim os nomearam e identificaram. (GOMES, 2007, p. 46)

Silva e Rosemberg (2008, p. 56), em pesquisa sobre literatura infantil, livros didáticos e mídia, sinalizam ser muito importante incorporar no currículo, nos livros didáticos, no plano de aula, nos projetos pedagógicos da escola os saberes produzidos pelas diversas áreas de ciência, articulados com os saberes produzidos pelos movimentos e pela comunidade. Em *12 Faces do Preconceito*, de Pinsky (2006, p.78), em parceria com outros autores, dialoga com os professores e trata da questão do preconceito na escola. Cada capítulo aborda um tema recorrente: gênero feminino (“Lugar de mulher é na cozinha?”), raça (“Serviço de negro”), homossexualidade (“Ser ou não ser é a questão”), velhice (“Quem gosta de velho é reumatismo!”), juventude (“Entre a mamadeira e a camisinha”), intolerância linguística (“Preconceito linguístico? Tô fora!”), obesidade (“Baleia é a mãe!”), altura (“Tamanho é documento?”), antissemitismo (“A raiz da intolerância”), deficiência (“Casas de bonecas”), migração (“Cidadãos de segunda classe”), preconceito social

(“Feios, sujos e malvados”). Na apresentação, o autor afirma, com veemência:

Tem gente que leva o preconceito na brincadeira, achando que piadinhas e gozações sobre as minorias não têm maior significado. Errado. Certo tipo de conversa no corredor falando da inferioridade dos negros e das mulheres, dos nordestinos e dos judeus, dos velhos, dos gordos, dos baixinhos e até dos jovens tem que ser levada em consideração e, muitas vezes, combatida com veemência, por ser falsa sem base histórica ou biológica alguma. Acaba funcionando para marginalizar da prática da cidadania todos os que se enquadram em categorias definidas pelo preconceituoso como merecedoras de repúdio coletivo. Será que é assim que se forma uma nação verdadeiramente democrática? (PINSKY, 2006, p. 8).

O que esperamos neste trabalho é criar condições nos diversos momentos surgir novos sentimentos do mundo, um novo ponto de vista, um novo incômodo, uma nova reflexão sobre diversidade e o tratamento dado a ela nas escolas brasileiras, considerando os sujeitos e seus contextos sócio-histórico-culturais, considerando suas leituras.

Muito se tem discutido sobre a diversidade e as diferenças, motivo pelo qual algumas dessas temáticas chegam não somente aos livros didáticos, mas também aos livros destinados a crianças e jovens, nem sempre considerados literatura, mas, pelo menos em tese, tendo estes como leitores-modelo, na abordagem das relações étnico-raciais podem mencionar alguns exemplos por categorias relacionadas a diversidades, diferenças ou exclusões: Relação de gênero, *O menino Nito*, da autora Sonia Rosa, retrata sobre homem chorar; na relação étnico-raciais e afro-brasileiros, citamos, *O cabelo de Lelê*, de Valéria Belém, na qual a narrativa imagética prepondera sobre a verbal, versa sobre a não aceitação por parte da protagonista negra; *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*, de Celso Sisto, ressalta a importância da diversidade e da intercomunicação de contextos culturais; na relação étnico-raciais povos indígenas, destacamos, *Pindorama: terra das palmeiras*, de Marilda Castanha, o livro trata da cultura indígena e de alguns termos, densos em significados, que constituem essa cultura; na relação sobre diferenças físicas e intelectuais o livro *A mulher que lia com as mãos*, de Júlio Emílio Braz, traz um personagem angustiado com seu próprio preconceito.

Assim, compreendemos que há uma diversidade de livros na modalidade infanto-juvenil disponíveis no mercado que tratam de assuntos diversos. No entanto, restringem-se quanto à dimensão estética, a qual é considerada um aspecto imprescindível da obra literária.

### 3. UMA LEITURA DE “MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA”

Após discorrermos sobre alguns temas tratados no currículo do universo infanto-juvenil através dos livros que o mercado tem a nos oferecer em si tratando de diversidade, necessidades especiais, vamos apresentar o livro o qual faz parte dessa pesquisa como parte da proposta pedagógica de intervenção para o 6º ano do Ensino Fundamental, como objeto de leitura, interpretação, criação artística e do conhecimento da sociedade em que vivemos, a sociedade que formamos e a sociedade que queremos

#### 3.1 EXPLORANDO O CONTEXTO

O livro infantil “*Menina Bonita de Laço de Fita*” foi escrito por Ana Maria Machado e publicada em 1996. A autora é considerada uma das mais versáteis e completas escritoras brasileiras contemporâneas, ocupa a cadeira número 1 da Academia Brasileira de Letras, a qual presidiu de 2011 a 2013. Nascida no Rio de Janeiro, no dia 24 de dezembro de 1941. Atualmente, é casada e tem três filhos. Teve a oportunidade de estudar no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e no MOMA de Nova York. Participou de vários salões e exposições individuais e coletivas no país e no exterior. Graduou-se em Letras Neolatinas, em 1964 pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil e é pós-graduada na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

A autora, também ministrou aulas na Faculdade de Letras na UFRJ, de Literatura Brasileira e Teoria Literária e na Escola de Comunicação da UFRJ, bem como na PUC-Rio, Literatura Brasileira. Além de ensinar nas escolas Santo Inácio e Princesa Isabel, no Rio, e no Curso Alfa de preparação para o Instituto Rio Branco, também lecionou em Paris, na Sorbonne, Língua Portuguesa, na Universidade de Berkeley, Califórnia- onde já havia sido escritora residente e ocupou a cátedra Machado de Assis em Oxford. No final de 1969, depois de ser presa pelo governo militar e ter diversos amigos também detidos, deixou o Brasil e partiu para o exílio.

Na bagagem para a Europa, ela levava cópias de algumas histórias infantis que estava escrevendo, a convite da Revista Recreio. Lutando para sobreviver com seu filho Rodrigo, ainda pequeno, ela trabalhou com jornalista na revista *Elle* em Paris e no Serviço Brasileiro de Londres, além de se tornar professora de Língua Portuguesa em Sorbbone. Nesse período ela participou de um seletor grupo de



estudantes cujo mestre era Roland Barthes, e terminou sua tese de doutorado em Linguística e Semiologia sob sua orientação, em Paris, onde nasceu o filho Pedro. A tese resultou no livro *Recado do Nome* (1976) sobre a obra de Guimarães Rosa. Paralelamente, ela nunca deixou de escrever as histórias infantis, que continuavam a ser publicadas pela revista e a partir de 1976, começaram a ser publicadas.

Retornou ao Brasil no final de 1972, quando começou a trabalhar no *Jornal do Brasil* e na Radio Jornal do Brasil, cujo departamento de Jornalismo chefiou de 1973 a 1980. Como jornalista, trabalhou também no *Correio da Manhã*, no *Globo*, e colaborou com as revistas *Realidade*, *Isto é* e *Veja*, como também nos semanários *O Pasquim*, *Opinião* e *Movimento*.

Em mais de 40 anos escrevendo, Ana Maria possui mais de cem livros, dos quais oito romances e oito ensaios, mais de vinte milhões de exemplares vendidos, publicados em vinte idiomas e 26 países. Conquistou muitos prêmios ao longo de sua carreira, entre eles: três prêmios Jabutis, o Machado de Assis da ABL, em 2001. para o conjunto da obra; depois, novamente o prêmio Machado de Assis da Biblioteca Nacional, para melhor romance, *o Casa de Las Américas* (1980, Cuba); também o prêmio Hans Cristian Andersen, internacional, pelo conjunto de sua obra infantil (2000); o prêmio *Príncipe Claus* (Holanda); o *Ibero-americano* SM de Literatura Infanto-juvenil (2012); o Zaffari & Bourbon (2013), por melhor romance do Biênio em língua portuguesa, e vários outros. A autora diz: “Sei muito bem que hoje, com as novas tecnologias, o livro não é mais o eixo central em torno do qual gira toda cultura. Mas acho justo que todas as pessoas possam ter acesso a tudo o que a leitura pode nos proporcionar” (LAJOLO, 1983, p.100).

Na sua carreira de escritora na literatura infantil, ela foi influenciada na sua formação por Monteiro Lobato. Segundo a autora, a busca pela renovação da literatura infantil deve-se ao fato de que, no Brasil, ela era pouco valorizada e o que se encontrava em circulação eram apenas obras traduzidas para o português, de modo que o contexto das histórias, assim como os sentimentos e os interesses nelas discutidos, era distante da realidade de nossas crianças. A influência e importância da obra da obra infantil de Lobato são assumidas por Ana Maria Machado ao declarar que “cresceu lendo e ouvindo o universo lobatiano, foi virando gente grande e começou a mostrar a marca disso.” (apud LAJOLO, 1983, p. 102).

Ana Maria Machado defende a presença simultânea do real e do faz de conta, nas diversas situações do universo infantil. Assim como Monteiro Lobato em sua

época, ela discutiu questões de seu tempo. Ela sempre se preocupou em tratar das preocupações dos seus contemporâneos quando escreve (LAJOLO, p. 106) A autora busca evidenciar e trabalhar as situações reais da sociedade quando escreve, discorrendo sobre seus valores e ideais, abordando e discutindo diferentes e relevantes temas sociais de forma clara e interessante. Junto às histórias imaginativas, com personagens tipicamente brasileiros, ela traz temas que fizeram parte da história do país, como a ditadura militar e o *empoderamento* e emancipação das mulheres.

Entre os diversos livros publicados, destacamos como exemplos da categoria infantil: *Abrindo Caminhos, ABC do Brasil, Uma Arara e Sete Papagaios, Os Argonautas, Menina Bonita do Laço de Fita, Um Avião e uma Viola* e etc.; na categoria juvenis: *Amigo é Comigo, Amigos Secretos, Bisa Bia, Bisa Bel, O canto da Praça, Do outro Lado Tem Segredos*, etc.; na categoria ficção romances e ensaios: *Alice e Ulisses, Aos Quatro Ventos, A Audácia Dessa Mulher, Canteiro Saturno, Infâmia*, etc.; na categoria ensaios: *Balaio: Livros e Leituras, Como e por que ler os clássicos desde cedo, Esta Força Estranha, Recado do Nome, Um Mapa Todo Seu, Tropical Sol da Liberdade, O Mar Nunca Transborda*.

*Menina Bonita de Laço de Fita* é considerada uma narrativa curta. Segundo Souza e Feba,

Filiadas ao conto, as narrativas curtas apresentam específicos traços que exigem do destinatário uma análise mais cuidadosa embora apresentem um conflito bem definido, centrado basicamente em apenas um núcleo de personagens, não envolver desdobramento em núcleos coadjuvantes, dada a objetividade e a postura do narrador hetero diegético - isto é, ausente de sua própria narrativa – é frequente fascinando o leitor com a eloquência de seu relato. (SOUZA e FEBA, 2011, p. 130.)

O livro apresenta a história de uma menina negra que tinha os cabelos amarrados com fitas. A cor da menina desperta curiosidades de um coelho branco que vive pedindo explicações para a menina de sua cor. “Menina bonita de laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?” (MACHADO, 2011, p. 8). A menina ia inventando respostas e o coelho vai tentando realizar todas elas, somente para ficar pretinho igual à menina. Até que um dia a mãe da menina resolve dizer o porquê da menina ser tão pretinha. “Artes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 2011, p. 15). O coelho entendendo a explicação procurou uma coelha preta para casar. “Se ele queria ter uma filha que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar” (MACHADO, 2011, 16). E logo ele encontrou. Casou e com ela teve uma ninhada de filhotes de várias cores e uma coelha bem pretinha, que

quando saia enfeitada alguém sempre queria saber o segredo de sua cor pretinha. – “Coelha bonita do laço de fita, qual o teu segredo para ser tão pretinha?” (MACHADO, 2011, p. 22). Ela sempre respondia que eram conselhos da mãe de sua madrinha.

A narrativa destaca-se por sua proposta inovadora, subvertendo o conto tradicional por sua temática em apresentar uma protagonista diferente das apresentadas nos contos de “Era uma vez...” A ruptura com o conto tradicional não se restringe a começo do livro, e a protagonista, os elementos figurativos, como nomes de frutas, o espaço, o tempo e o conflito apresentam características inovadoras.

O espaço narrativo não se principia como os contos tradicionais que na maioria das vezes, apontam, logo no início, o castelo, a floresta, etc., no entanto, são referidos espaços no decorrer da história, a casa da menina, “... Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor-de-rosa...” (MACHADO, 2011, p.7). Uma das referências ao espaço constitui-se um intertexto, que utiliza a comparação da menina com uma princesa “Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África ou uma fada do Reino do Luar...” (MACHADO, 2001, p. 4).

O tempo é cronológico, inicia com tempo de épocas “Era uma vez”... (MACHADO, 2011, p.) e no decorrer da história aponta dias: “... por isso, um dia ele foi até a casa da menina...”, “... daí alguns dias ele voltou lá...” (MACHADO, 2011, p. 7, 15). O tempo é marcado na busca incessante do coelho em descobrir o segredo da cor da menina, o que é descoberto quando a mãe da menina resolveu revelar “(...) quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse: - Artes de uma avó preta que ela tinha...” (MACHADO, 2011, p.15).

As personagens da história são a menina, o coelho e a mãe da menina. Como uma narrativa da literatura infantil, a presença da personagem de animal representada pelo o coelho atenta para o imaginário das crianças e adolescentes, como afirma Gomes:

Entende-se que a presença de animais em obra de literatura infanto-juvenil envolve uma complexidade cultural e psíquica, “sinalizando o modo como os animais povoam obsessivamente o cotidiano e o imaginário, deixando marcas nos nossos enunciados linguísticos”. (GOMES, 2007, p. 96)

Desse modo, a criança encontra neste conto a inovação, com a incorporação de personagens negras com o destaque da menina e de sua mãe. A admiração pela beleza negra é mostrada através do coelho e por várias vezes insiste com a menina

que lhe ensine como ser bonito e negro como ela é. Eis parte do texto:

“Era uma vez uma menina linda, linda... Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes... Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita coloria... Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar... A mãe dela que era uma mulata linda e risonha...” (MACHADO 2011, p. 3,4 e 15).

A menina negra é a protagonista, o coelho branco queria possuir a beleza da menina: “O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida...” (MACHADO, 2011, p.15).

O conflito se apresenta nas ações do coelho para descobrir a causa da cor da menina e nas respostas dadas dela ao coelho: “Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo para ser tão pretinha? Ela não sabia o segredo e inventou: - Ah, deve ser porque caí na tinta preta quando era pequeninha” (MACHADO, 2011, p. 8). O desejo do coelho é ter uma filha que nem a menina “- Ah, quando eu casar, quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela” (MACHADO, 2011, p. 7)

O foco narrativo é em terceira pessoa, e o narrador é onisciente, conhece as ações e pensamentos das personagens, observamos: “Aí o coelho que era bobinho, mas nem tanto - viu que a mãe da menina devia está dizendo a verdade, porque a gente se parece é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos” (MACHADO, 2011, p.16).

A linguagem da narrativa caracteriza-se pelo uso, reiterado das expressões “- Menina bonita do laço de fita o coelho, qual o teu é teu segredo pra ser tão pretinha?” (MACHADO, 2011, p. 8,10,16).

A linguagem poética possibilita a organização de imagens que engendram realidades imaginárias, estabelecendo cumplicidade entre o narrador, o leitor e a imaginação. A autora afirma que o livro não foi elaborado para discussão sobre a questão racial, como a valoração de identidade, afro descendência, racismo, a mulher negra e outros debates sobre essa questão como afirma em seu site particular:

Este livro para mim é uma história que surgiu a partir de uma brincadeira que eu fazia com minha filha recém-nascida de meu segundo casamento. Seu pai, de ascendência italiana, tem a pele muito mais clara do que a minha [...] os meus dois filhos mais velhos, Rodrigo e Pedro, são morenos mais que Luísa. Quando ela nasceu, ganhou um coelhinho branco de pelúcia. Até uns dez meses de idade, Luísa quase não tinha cabelo e eu costumava por um lacinho de fita na cabeça dela quando íamos passear, para ficar com de menina. Como era muito clarinha, eu brincava com ela, provocando risadas com a qual o segredo de ser tão branquinha? ”E com outra voz, enquanto ela estava rindo, eu e seus irmãos íamos respondendo o que ia dando na telha: é porque caí no leite, porque comi arroz demais,

porque me pinte com giz, etc. No fim outra voz, mais grossa dizia algo tipo” Não nada disso, foi uma avó italiana que deu carne e osso para ela “”. Os irmãos riam muito, ela ria, era divertido. “Um dia, ouvindo isso, o pai dela (que é músico) disse que tínhamos quase pronta uma canção com essa brincadeira, ou uma história, e que eu devia escrever”.  
(<<http://www.anamariamachado.com/historia/menina-bonita-do-laco-de-fita>>)

No entanto, adentrando para a leitura literária embasada no tripé da perspectiva interpretativa, crítica e analítica chegamos à conclusão que há um forte discurso relacionado às questões do racismo, uma vez que se apresenta uma personagem negra e o fio condutor da drama é voltado para a cor dessa personagem. Alguns pesquisadores fazem análise do texto, como algo extremamente válido para a valorização do negro na sociedade, visto que na narrativa a menina negra é observada pelo coelho como alguém belo, a ponto de ele querer reproduzir aquela beleza nele mesmo, fazendo de tudo para descobrir o segredo da cor de pele da menina.

Podemos considerar nessa narrativa que a identidade étnico-racial é aberta a discussões tanto pelo ponto de vista da valoração da autoestima do negro, como pelo ponto de vista dos discursos racistas permeado na sociedade. Nessa modalidade de literatura, o efeito relaciona-se à possibilidade de reflexão que se institui, indispensável para formar um leitor com espírito crítico, não apenas consumidor, mas participativo da história. Há uma possibilidade de aprimoramento da reflexão sobre literatura e sobre a vida.

### 3.2 UMA ABORDAGEM DE LEITURA

Para exemplificar uma das possibilidades da análise do texto literário em sala de aula, propomos neste trabalho a leitura do livro *Menina Bonita do Laço de Fita* escrita por Ana Maria Machado. Trata-se de uma obra de literatura infanto-juvenil destinada a leitores dos anos iniciais ou finais do Ensino Fundamental, como também crianças ainda não alfabetizadas. Iniciando pela apresentação da obra em termos gráficos vemos que se trata de uma edição que trabalha com uma concepção de leitor iniciante ou não. O livro tem um formato grande, favorecendo seu manuseio quer pelos alunos, quer pelo professor tendo os alunos próximos a si, o título do livro apresenta letras grandes e coloridas e alinhadas de forma a representar um próprio laço de fitas colorido. As ilustrações ocupam páginas brancas inteiras, com o texto em poucas linhas disposto ora ao lado, ora postos sob os desenhos que também

apresentam cores variadas. Quando o texto vem junto à ilustração, esta ocupa duas páginas, o corpo das letras é grande e a fonte remete ao tema da história, confirmando os traços típicos das obras direcionadas para essa faixa etária.

A história é sobre o exercício da imaginação, revelando como uma mesma situação pode ser percebida de maneira diferente por adultos e por crianças. A situação inicial mostra um coelho branco e uma menina negra. O coelho acha a menina negra muito linda, por causa da cor da sua pele e insistia para saber o segredo dela ser tão pretinha, para que o mesmo também se tornasse da mesma cor. As respostas da menina ao coelho revelam a imaginação do próprio leitor do livro.

A própria construção escrita do texto aponta para este dinamismo da imaginação: “- Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando eu era pequenina...” (MACHADO, 2011, p.8). A assertiva “deve ser” aponta para outras respostas para ser dadas e imaginadas para o coelho. As diversas respostas da menina ao coelho curioso empreendem uma viagem imaginária no ambiente em que ocorre a história. Perceber como essa viagem é feita, com que elementos ela é composta no texto, é uma das tarefas de ler a obra literariamente. Para tanto, convém observar a relação de harmonia e complementaridade, mas não de subordinação, entre texto escrito e imagético, de resto preparada pela própria disposição predominante das imagens e das palavras.

A narrativa verbal desta obra tem como principal recurso expressivo a repetição da pergunta do coelho para descobrir o segredo da menina, o que leva a uma sonoridade causada pela repetição da vogal “a” “- Menina bonita do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha?” (MACHADO, 2011, p. 80). Essa repetição, em linguagem simples, não impede a construção linguística de imagens, como a chuva que cai sobre o coelho e tira toda tinta preta, na qual havia se lambuzado “Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez” (MACHADO, 2011, p. 9). Essa imagem é vista pelos leitores pelas formas de gotas azuis e nas cores que o coelho se apresenta antes e depois da chuva que cai sobre ele. Por meio da curiosidade do coelho há a apresentação das imagens e traços que representam suas indagações, dúvidas e decepções. Conta, ainda, o fato de que a curiosidade do coelho e as respostas da menina contam com quatro experiências do coelho para realizar o sonho de ter a cor da menina, em uma das quais ele encontra a resposta.

O percurso do início das perguntas do coelho, até a descoberta que ele buscava, foi realizado através de viagem imaginária entre o coelho e a menina com alguns dados fornecidos por ela ao coelho: a tinta preta, o café, a jabuticaba, a feijoada até o momento da interferência da mãe da menina: “quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse: - Artes de uma vó que ela tinha”. (MACHADO, 2011, p.15), devendo o leitor, assim como os personagens da história, empregar seus conhecimentos culturais para acompanhar as indagações do coelho e as respostas da menina e por último a resposta da mãe da menina ao coelho. No que cabe à narrativa visual, a ilustração apresenta-se como uma espécie de contraponto ao que está escrito, oferecendo ao leitor um ponto de mediação entre as duas percepções da realidade.

É o que se observa no cenário principal do texto imagético: o coelho que responde as respostas da menina através das experiências e constatação, ou mesmo a decepção das respostas não serem verdadeiras, posto que, nos momentos pós-experiências havia sempre uma consequência que de antemão não era o de ficar preto como a menina. Esse elo, entre a experiência e a constatação é sempre bem marcado pelas imagens do coelho: Na primeira experiência, teve que ficar acordado e fazendo xixi a noite toda, efeito de tanto tomar café “O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi, mas não ficou preto.” (MACHADO, 2011, p. 11). A imagem apresenta um coelho convalescido sentado sobre um vaso sanitário, Na segunda experiência observamos o coelho empanturrado e colocando a mão sobre a barriga, se firmando na árvore de jabuticaba e um vaso sanitário cheio de sementes de jabuticaba. “O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba. Mas não ficou nada de preto. (MACHADO, 2011, p. 13).

O percurso do coelho para descobrir o segredo da menina pode ser visto sob diversos ângulos. É um momento de brincadeiras, de adivinhação, de descobertas, de diálogo entre interlocutores totalmente diferentes, o que é? Tal percurso é enfocado na forma verbal, quando é apresentado o jogo de palavras e repetições, como também quando se reproduz o olhar da menina, do coelho e no final da mãe da menina. Quando se pensa que a brincadeira termina, percebe-se a continuidade através da filha do coelho branco: “- Coelha bonita, do laço de fita, qual é o teu segredo pra ser tão pretinha?” (MACHADO, 2011, p. 22).

A viagem da imaginação da menina e as experiências do coelho, por sua vez, recebe a colaboração do contorno suave das formas humanas, dos objetos e do ambiente que se expandem para além do limite da página. Também ganha reforço na técnica de pintura, que remete ao uso de giz de cera, e às cores, que passeiam entre os diversos tons escuros, marrom, preto e tons claros, azul, branco, verde, amarelo até chegar as diversas cores representadas pela ninhada de filhotes do coelho branco: azul, verde, preto, branco, vermelho, amarelo, cinza, roxo, pintado, etc. Para completar, há, ainda, a inclusão de uma personagem – uma coelha pretinha – que dá ao texto um teor de continuidade escrito, e ajuda a compor os cenários das ilustrações e a dimensão infantil da fantasia.

Naturalmente, não se espera, nem mesmo se deseja que o aluno consiga apreender todos os detalhes da elaboração do texto. Mas se a leitura for feita no ambiente escolar, então será importante que se busque explicitar, com o auxílio dos recursos dos textos escrito e imagético, o desencontro entre aquilo que o leitor percebeu (o coelho em busca de descobrir o segredo da menina do laço de fita) e aquilo que o coelho vivenciou na história (as experiências que passou para descobrir o segredo da menina e no final a chegada da mãe para desvendar o segredo) um percurso imaginário cheio de humor e diversão, passando por situações cômicas do coelho. Para isso, o papel de mediação a ser exercido pelo professor, chamando a atenção para a relação entre o escrito e o desenhado, em nada prejudica a fruição do texto; antes pode tornar ainda mais claro por que há tantos coelhos de cores variadas ao final da obra?



## 4 DESCOBRINDO A FANFIC

Neste tópico, apresentamos a definição da ferramenta tecnológica *fanfic* com ferramenta auxiliar no trabalho com o texto literário em sala de aula. O uso e prática da *fanfic* pelos alunos, após a leitura e discussão de *menina Bonita do Laço de Fita*, durante a aula e em casa, bem como os resultados provenientes desta proposta de intervenção para melhorar o ensino da literatura no Ensino Fundamental, são os elementos que embasam esta pesquisa.

Após discorrer, no capítulo terceiro sobre a narrativa curta *Menina Bonita do Laço de Fita*, vamos relacionar nesse primeiro momento do capítulo quarto os estudos culturais com as novas tecnologias, uma vez que o uso da ferramenta tecnológica *fanfic* está inserida na proposta de intervenção desenvolvida neste trabalho.

### 4.1 OS ESTUDOS CULTURAIS A AS NOVAS TECNOLOGIAS

O campo dos Estudos Culturais, desde o seu surgimento e a partir dos escritos de Raymond Williams já discutia algumas questões alusivas ao ingresso das tecnologias na vida em sociedade, visto que procura vislumbrar o campo da cultura não como espaço pronto, definido, com sistemas de ideias dominantes e inflexíveis, mas fundamentalmente, como espaço de lutas e desencaixes (WILLIAMS, 1969, p.28). Dessa forma, segundo Bortalozo, no campo dos Estudos Culturais, parte-se da ideia de que o uso e apropriação das tecnologias são produções culturais de determinada sociedade, pontuadas pelo caráter histórico e contingente.

Assim, nesta pesquisa, procuramos nos basear em uma das ferramentas disponíveis: o *fanfic* por se tratar de uma excelente ferramenta tecnológica, que permite treinar a escrita, também porque está vinculada à internet e por ser um recurso novo para a comunidade escolar da pesquisa, despertando o interesse, a curiosidade e atenção dos alunos para desenvolvimento das atividades referentes ao ensino da literatura no Ensino Fundamental.

As ferramentas tecnológicas fazem parte da vida diária dos alunos e podem ser recursos imprescindíveis para a aprendizagem da literatura pelo viés proposto, os Estudos Culturais. Destarte, seu objetivo é discutir as problemáticas no âmbito cultural e levar os sujeitos a tomadas de posições. A ferramenta proposta tem esse objetivo, o de levar o aluno a escrever, a partir de uma análise sobre um livro, um filme, um quadro etc. Nessa produção, o aluno divulgará suas impressões tanto da

obra, como das questões levantadas, fazendo as mudanças que lhe forem pertinentes e interessantes. As impressões se juntarão em coro e implantarão ideias e sugestões.

Du Gay (1997, p.89), afirma que as novas tecnologias seriam “fundamentalmente culturais”, porque estariam envolvidas numa relação direta entre sujeitos, as circunstâncias e às relações sociais, e por isso é preciso dar a elas significados. Além disso, cabe recorrer à ideia central de Williams (1975, p. 56) de que “a cultura é material”, ou seja, a cultura não é simplesmente a maneira como vivemos nossas vidas, senão a própria vida. Nesse sentido, as novas tecnologias de comunicação e informação não só incitam as formas pelas quais enxergamos e experimentamos o mundo, mas produzem e são os próprios produtos da sociedade em que vivemos.

#### 4.2 A FANFIC COMO FERRAMENTA AUXILIAR NO TRABALHO COM O TEXTO LITERÁRIO

Dessa forma, unindo as tecnologias educacionais aos estudos culturais escolhemos trabalhar com a *fanfic* uma vez que consiste em um recurso excelente disponível e que se alia aos objetivos propostos do trabalho desenvolvido na sala de aula através do estudo da narrativa Menina Bonita do Laço de Fita, pelo viés dos Estudos Culturais, o qual levará o aluno a emitir opinião pública sobre a narrativa, escrevendo suas ideias e modificando o que no seu interesse lhe parecer pertinente. A *fanfic* como ferramenta auxiliar no trabalho com o texto literário

A *Fanfiction* ou *Fanfic* são definidas como produções ficcionais advindas de fãs de seriados televisivos, de filmes, trilogias em livros, novelas, quadrinhos, mangás, documentários e animações. Para Henry Jenkis,

*Fanfiction* se refere a histórias originais e romances ambientados nos universes fictícios de séries de TV, filmes, quadrinhos, games e outras propriedades midiáticas favoritas. Atualmente, fãs escrevem milhares de histórias a cada ano dedicadas a centenas de diferentes textos midiáticos. Os escritores normalmente são amadores; as histórias são trabalhos de amor. Muitas dessas histórias são distribuídas on-line. Historicamente, mulheres escrevem a maioria das histórias de fãs, apesar de que homens se tornaram mais ativamente envolvidos na medida em que a *fanfiction* se mudou para a web. Algumas histórias são escritas por adolescentes, muitas outras mais por adultos. Harry Potter e vários fandoms<sup>2</sup> de anime/mangá se tornaram centros de expressão da juventude. (JENKIS, 2012, p.13)

Apesar de esse fenômeno estar mais evidente com a ascensão do mundo

virtual, já era uma prática existente, a funcionalidade da web 2.0 só potencializou a imersão do mesmo em nossa cultura do conhecimento. E possibilitou a troca de informações rápidas cópias advindas de um texto original, mas que na prática muitos desses textos discutidos aqui estão longe de serem consideradas simples cópias, em razão de apresentarem originalidade e acima de tudo somente se utilizam de livros, filmes como do universo de Harry Potter, já imaginado por outras histórias que não pertencem apenas aos escritores originais como, J.K Rowling, autora de Harry Potter, mas se recriam conforme a criatividade dos criadores da fanfic, apropriando-se e reinventando as histórias no tempo e espaço.

Para se afirma ou pensar na questão de autoria sobre esses textos, há uma necessidade de ler e analisar todas as *fanfctions* até estão produzidas para que assim possamos fazer uma diferenciação entre elas do ponto de vista da cópia. Desse jeito, temos um universo amplo e trabalhoso de textos para delinear o ponto de partida de organização e delimitação desse objeto. Além de um espaço de produção que hoje mantém os textos e amanhã pode ter sido excluído. Partindo dessa premissa, podemos concluir que é preciso delinear essa dinâmica do meio primeiro. Ilustrando com Jenkins essa discussão, o estudioso aponta,

Histórias de fãs não são simplesmente extensões ou continuações da série original. Eles estão construindo argumentos por meio de novas histórias ao invés de ensaios críticos. Apesar de um ensaio literário geralmente responder ao seu alvo em uma forma não fictícia, *fanfiction* usa sua ficção para responder à ficção. Você encontrará todo tipo de argumentação sobre interpretações no meio da maioria das histórias produzidas por fãs. Uma boa história de fã referencia eventos-chave ou pedaços de diálogo como evidência para suportar sua interpretação particular dos motivos e ações dos personagens. Detalhes secundários são usados para sugerir que a história poderia ter ocorrido de forma plausível no mundo fictício mostrado no original. É certo que existem histórias ruins que não se aprofundam nos personagens ou caem em interpretações banais, mas a boa *fanfiction* mostra um profundo respeito pelo que gerou a fagulha na imaginação ou curiosidade do escritor-fã. *Fanfiction* é especulativa, mas também é interpretativa. E mais que isso, é criativa. O escritor-fã quer criar uma nova história que diverte por si só a oferece para quem talvez seja a plateia mais exigente que se poderia imaginar – outros experts extremamente investidos na obra original. (JEHKINS, 2012, p.20).

Desse modo, as produções chamadas *fanfctions* são definidas simplesmente como textos ficcionais advindos de fãs, publicados em diversos sites pela internet brasileira e internacional, em todas as línguas. As fanfics precisam ser vistas com um olho não apenas crítico em relação às obras originais, mas com uma perspectiva criativa de extensão lógica, advindas de uma interpretação crítica por parte do próprio leitor (LÉVY, 1999, p. 48). Não é isso que queríamos observar nos bancos

escolares? Esse posicionamento interpretativo e crítico não é tão almejado pelas disciplinas de produções textuais.

Verificamos aqui as possibilidades de aprendizagem da escrita por parte de crianças, jovens e adolescentes em fase escolar, que produzem textos ficcionais de duzentas a trezentas páginas e ainda se organizam em grupos para discutirem os erros e acertos narrativos dos mesmos. Criando, independentemente, várias possibilidades de aprendizagem coletiva que foge das propiciadas na escola, vemos nesse caso um fenômeno interessante e construtivo advindo da Cibercultura. Isso é *fanfiction*.

O que é preciso ser compreendido, como o próprio Pierre Levy aponta em sua obra *Cibercultura*<sup>1</sup> é que “o crescimento do ciberespaço não determina automaticamente o desenvolvimento da inteligência coletiva, apenas fornece a essa inteligência um ambiente propício” (1999, p.29). Deste modo, como foi apontado anteriormente, as *fanfictions* não nasceram com a ampliação do ciberespaço, mas já estavam presentes em nossas produções, de textos por fãs. Logo, esse novo espaço de produção apenas possibilitou sua existência de uma maneira rápida (não necessita ser impressa pra ler), altamente comunicativa (transpõe as barreiras do mundo físico, uma vez que só existe no mundo virtual) e própria para reedições (inteligência coletiva, na confecção colaborativa dos outros fãs).

Desse modo, o crescimento de sites e grupos virtuais destinados ao efeito de *fanfctions* está intimamente ligado à liberdade e à democratização advinda da ampliação do ciberespaço, e o desenvolvimento dessa inteligência coletiva move-se pela criatividade de transformação de textos ficcionais bebidos em fontes de obras literárias, filmes, séries, quadrinhos, mangás, especificamente relacionados às possibilidades oferecidas pelo meio que expande (JEHKINS, 2012, p. 29).

Uma vez que o ciberespaço oferece muitas possibilidades comunicacionais e informativas, vemos nas comunidades virtuais as grandes empreendedoras desse movimento de produções coletivas, que impulsionam o desenvolvimento da inteligência coletiva defendida por Pierry Levy.

Uma comunidade virtual é construída sobre as afinidades de interesses, de conhecimentos, sobre projetos mútuos, em um processo de cooperação ou

---

<sup>1</sup> No livro *Cibercultura*, publicado em 1999, traduzido por Carlos Irineu da Costa (Editora 34), Lévy traça suas percepções sobre o crescimento do ciberespaço, no meio da comunicação que surge da interconexão de computadores e o surgimento da cibercultura expressa o surgimento de um novo universal, diferente das formas que vieram antes dele no sentido que ele constrói sobre a indeterminação de um sentido global qualquer. Trata-se de um novo “dilúvio”, provocado pelos avanços tecnológicos das telecomunicações, em especial, o advento da internet.

de troca, tudo isso independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais. (LEVY, 1999, p.127)

Essa dinâmica das comunidades virtuais foi propícia para o desenvolvimento das *fanfictions* pelo mundo todo. Aproximados pelos interesses comuns, fãs se organizaram e no processo de cooperação ou troca de conhecimentos discutiam sobre as obras literárias, filmes, animes, seriados, mangás e até mesmo quadrinhos que eram apreciados, formando um grupo social com características e produções interpretativas e críticas próprias, dando origem a textos também ficcionais que respondem a essas apreciações, sejam elas negativas ou positivas.

São exatamente por esses mecanismos das produções de *fanfincs* que as discussões acerca da posição do autor são evidenciadas através dos comentários sobre a produção apresentada na plataforma virtual, na criação de um novo capítulo para a história, de novos cenários, personagens, temas, etc. Assim os participantes dessas comunidades criativas se sobressaem sobre a posição do autor da história original. Para Levy,

A figura do autor emerge de uma ecologia das mídias e de uma configuração econômica, jurídica e social bem particular. Não é, portanto, surpreendente que possa passar para segundo plano quando o sistema das comunicações e relações sociais se transformarem, desestabilizando o terreno cultural que viu crescer sua importância. Mas talvez nada disso seja tão grave, visto que viu crescer sua importância. Mas talvez nada disso seja tão grave, visto que a proeminência do autor não condiciona nem o alastramento da cultura nem a criatividade artística. (LEVY, 1999, p.53).

Dessa forma, o que percebemos é a posição de uma coletividade que em alguma parte do texto ficcional, no caso das *fanfictions*, deixam suas marcas de alguma forma, seja no posicionamento crítico em relação à apreciação dos elementos da narrativa em questão, ou até mesmo com a figura dos *Betas Readers* que corrigem sentenças frasais, deslocam partes do texto e alguns casos até o tipo de narrador (onisciente, onipotente, etc.) que melhor se enquadra na diegese, em muitas vezes movidos pelo gosto pessoal.

Escrever *fanfiction* dá margem a uma participação que também coloca o leitor ou espectador como autor, o que ultrapassa os limites do leitor interpretativo crítico, posto que ele age criativamente com aquilo que aprende de sua leitura e a modifica segundo suas percepções e fruições pessoais. Destaquem-se também os mecanismos de criação textual advindas de ferramentas próprias desse espaço virtual que são hipertextos eletrônicos. Através delas, segundo Umberto Eco (2003, p.18) "(...) nos permite a viajar através de um modelo textual (seja uma enciclopédia

inteira ou a obra completa de Shakespeare), sem necessariamente ‘desfiar’ toda a informação que contém, penetrando-o como uma agulha de tricô em um novelo de lã”.

Ainda segundo Eco (2003, p. 20), essa possibilidade de criar textos coletivamente, cujo andamento pode ser modificado ao infinito, pode ser feito naturalmente com os textos literários já existentes, assim nos permitindo mudar as histórias que há muito tempo nos obcecamos com enredos e finais alternativos. Sendo que isso de maneira alguma vai danificar o texto original, pelo contrário, estará sempre vivo em meio às múltiplas possibilidades que o mesmo ainda mantém lentamente por suas lacunas estratégicas esperando para serem preenchidas ou não. Essa maneira de recriar um texto a partir de um texto lido, na plataforma virtual com participação de grupo de pessoas, que é considerado como algo criativo, posto que os autores se revezam emitindo opiniões, ideias, fantasias e sonhos.

A criatividade aqui não está limitada apenas ao fato de estamos fazendo ficção, mas nas respostas advindas de fãs com a própria ficção. Visto que é neles mesmos que eles encontram as ferramentas para manter vivo o universo literário o qual eles apreciam, ou até mesmo como forma de contestar aquilo que não lhe agradou nesse mesmo espaço democrático e de livre expressão, caracterizando assim as peculiaridades desses grupos pertencentes a essa cibercultura.

Partindo da compreensão da literatura enquanto formas ficcionais híbridas, já discutidas anteriormente, as *fanfictions* se enquadram muito bem neste pressuposto e principalmente no gosto de adolescentes e jovens que desenvolvem diariamente essas práticas de produções. Nesse momento, dialogando com os conceitos de letramento definido por Kleiman, em que define letramento da seguinte forma: “Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usa a escrita, enquanto sistema simbólico em enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos.” (KLEIMAN, 2004, p.19). Sendo assim, o conceito de Kleiman não limita o letramento apenas em âmbito escolar, mas abrange a efetuação do mesmo em diversos contextos, de diversas maneiras.

No caso de letramento literário, sua premissa maior seria então o conjunto de práticas sociais que usam a escrita literária, partindo de um traço fundamental que é o “caráter de ficcionalidade” discutido por Hansen, e não apenas materializada por meio do impresso, contudo também com uma forma enunciativa, discursiva, que pode ser compreendida e vinculada não apenas pelo meio impresso, o que dá

margem para a mobilidade desses mesmos textos por diversos suportes de escrita.

Entretanto, a *fanfiction* ganha um caráter literário tanto por parte de leitura ficcional quanto pela escrita ficcional, de certo modo não inclusa nos padrões da literatura dita canônica, mas sim na literatura conhecida como de massa e produto de mercado editorial. Deste modo, permanece também marginalizada em detrimento da grande literatura, considerada pelos estudos de crítica literária nas universidades.

Apontar a *fanfic* como boa literatura ou não seria estar em uma “areia movediça”, uma vez que, ao nos agarrarmos nas definições e conceitos a respeito da literatura em volta, mais esse movimento se aprofunda em decorrência às possibilidades para se fazer a arte no século XXI (LEVY, 1999, p. 68). Temos um universo além da matéria para produção, um universo virtual o qual organiza suas próprias regras e dinâmicas a serem seguidas. Logo, o caminho mais seguro para se analisar e discutir essas produções é antes de tudo parar e observar esses fenômenos para compreendê-los e utilizá-los da forma mais coerente.

Esse posicionamento criativo dos produtores de *fanfiction* aponta uma direção contraditória. Muitos profissionais da educação desabafam muitas vezes sobre o desânimo de ver seus alunos lerem e escreverem pouco ou mal. Esses adolescentes e jovens leem muito e também escrevem muito, mas partem de produções das quais eles apreciam, que fazem parte de seu mundo e da sua maneira de gostar da literatura e também e escrevê-la.

Escrever é uma tarefa difícil e complexa. Muitas vezes, quando encontramos obras literárias das quais não gostamos, tendemos a excluí-las. Porém o que vemos nessas produções ficcionais pelos fãs é a possibilidade de mudar criativamente situações como essas para outro ponto de vista sobre aquilo que eles não aprovam. Ou a partir de lacunas deixadas pelo texto original, criar uma história em cima desses pequenos detalhes, evidenciando a possibilidade de grandes interpretações e criações ficcionais.

Cabe nesse momento citar Umberto Eco, novamente, com uma posição crítica exemplar sobre a exposição desse tópico, a qual faz parte do discurso de abertura da obra sobre a literatura, 2003, intitulado “sobre algumas funções da literatura”, em que este autor afirma,

Acho que poderia ser interessante, e mesmo educativo, tentar modificar as histórias que já existem, assim como seria interessante transcrever Chopin para bandolim: serviria para aguçar o engenho musical, e para entender por que o timbre do piano é tão consubstancial à sonata em si bem menor. Pode educar o gosto visual e servi à exploração das formas ao tentar

colagens compondo pedaços do Matrimônio da virgem, das Demoiselles d'Avignon e da última história de Pokémon. No futuro, muitos grandes artistas o fizeram. (ECO, 2003, p.19).

Atentamos ao incentivo dessa prática democrática e criativa de produção ficcional, visto que, como foi dito, ela aponta um caminho interessante e coerente para a formação de leitores, partindo dessa posição de letramento a qual se citou acima podemos ver a liberdade e as múltiplas possibilidades de aprendizagens pela cultura da convergência, como denominada por Jenkins.

De certo que apesar de haver um número considerável de pontos positivos em relação a estas produções, também existem os pontos negativos, o cuidado com o crime autoral conhecido como plágio em situações que saem do controle de referências escolares pensando no trabalho com os textos canônicos, posto que, tendo em vista o amplo espaço da qual fazem parte, e a responsabilidade de manter e organizar estas situações possíveis de aprendizagem fazem parte das instituições de ensino e profissional dessa área.

Há uma necessidade de capacitar estes profissionais e inseri-los nessas práticas, não no sentido superficial (utilizar-se de), mas no de compreender a dinâmica deste meio (estar inserida na), para que assim metodologia e educação realmente estejam interligadas e de fato sejam substancialmente norteadoras de uma educação coerente em relação a essas práticas literárias presentes no ciberespaço.

A ideia da *fanfic* surgiu especificamente para o estudo do texto literário em sala de aula de uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública no estado do Amapá, por ser uma ferramenta que além do conjunto de atividades envolvidas no processo do uso da ferramenta como: resumos, discussões, refrações de textos, socializações de ideias; proporciona motivação entre os alunos, por ser algo novo, diferente, divertido, alegre e inovador, incluindo uso da internet e do mundo virtual, sendo uma novidade para a realidade vivida pela maioria dos alunos da turma em questão, já que apesar de terem contato com o recurso internet, o uso é limitado no que se refere ao ensino aprendizagem da leitura e principalmente da leitura literária.

É um processo que se inicia na sala de aula, com a leitura e discussões de textos literários, depois se permeia pela aprendizagem de como escrever a *fanfic*, conhecendo e adotando o modelo para a atividade proposta, isso significa que aula sai de um modelo e espaço do dia a dia e vai percorrer outros meios, vivenciar



novas experiências, novas descobertas no mundo tecnológico.

Para a criação da *fanfic*, devemos entrar na Plataforma gratuita do Google e procurar no site de *fanfics* e escolher a melhor versão a ser adotada para a produção desejada, posto que existam diversos tipos de *fanfics*. A opção de site escolhida para este trabalho foi o site *Social Spirit*. A partir da escolha do site, é preciso que cada aluno, com o professor, façam uma conta no site, depois devem se cadastrar no mesmo site. Em seguida, devem escolher a categoria em que a história original se enquadre melhor e comecem a escrever. Após o que, a partir de um pré-planejamento, cada escritor deve fazer as adaptações que se propõe a realizar no texto original, modificando-o e reescrevendo-o a gosto.

Nesse trabalho, o objetivo é escrever usando uma ferramenta tecnológica da internet, a partir da leitura do livro em sala de aula, é incentivar o ato de escrever para si mesmo e para turma, bem como estimular o aluno a participar e manejar os recursos em prol da sua aprendizagem. A *fanfic* é uma atividade de despertamento e de interesse dos alunos que irão se constituindo e se fazendo um sujeito leitor, escritor, ator, crítico e usuário de ferramenta da internet. Sentindo-se importante, atuante, questionador e encontrando diversas possibilidades dentro de um texto literário. A ideia é aprender ler literatura, discutir sobre a literatura lida, explorando o máximo da literatura lida, escrever sobre o texto e levar essa literatura, lida e adaptada, para a socialização com os colegas, iniciando no ambiente da sala de aula, após se expandindo para o meio virtual. Nessa etapa, surgem mais oportunidades para conhecer outros livros, filmes, seriados, desenhos. Toda plasticidade, tanto de ambientes, como o de textos, despertará o interesse do aluno, para conhecer os novos textos e suas adaptações, entrando no jogo e sendo seduzido por ele. Cabe ao professor mediador aproveitar o momento e planejar suas aulas de acordo com os objetivos propostos e os recursos disponíveis ao seu dispor. Podemos iniciar com uma narrativa simples, depois adentrar em livros mais complexos, de acordo com o nível da turma e materiais acessíveis. O que nos leva a acreditar que a *fanfic* seja um recurso que venha a contribuir com a prática da leitura na escola é o seu aspecto multimodal<sup>3</sup>, ou seja, ora podemos trabalhar com o gênero literário conto, ora podemos trabalhar com o gênero romance, em forma de filmes, ou livros. Sem esquecer que a *fanfic* nos permite também participar da construção desses textos na forma de adaptações e nessa viagem de ler, corrigir, opinar, reconstruir, o aluno vai tornando-se um leitor e escritor independente.

## 5 METODOLOGIA

Neste capítulo, faz-se uma descrição do método escolhido neste trabalho. A pesquisa é uma maneira de investigar, explorar e encontrar respostas para as várias discussões e questões que vivenciamos, por isso é necessária, visto que, caso contrário, estaríamos em contato com uma sociedade em que as respostas já estariam prontas e não seriam necessárias alterações de qualquer natureza. Dessa forma, é do caráter da pesquisa contribuir com novas descobertas, tornando possíveis alterações nas diversas áreas em que conhecimentos são questionados.

Dentre os critérios da natureza das pesquisas existentes, neste trabalho optamos pela pesquisa qualitativa. Essa pesquisa buscou compreender e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social. Tratamos de reduzir a distância entre o indicador e o indicado, o contexto e a ação. Os pesquisadores que optam pela pesquisa qualitativa decidem por novas descobertas por vias investigativas. Por isso utilizamos as contribuições de Ludke e André (1986), as quais têm estudos focados na pesquisa em educação com abordagens qualitativas. Dessa forma, na perspectiva de uma pesquisa qualitativa,

O papel do pesquisador é justamente o de servir como veículo inteligente e ativo entre esse conhecimento acumulado na área e as novas evidências que serão estabelecidas a partir da pesquisa. É pelo seu trabalho como pesquisador que o conhecimento específico do assunto vai crescer, porém esse trabalho vem carregado e comprometido com todas as peculiaridades do pesquisador, inclusive e principalmente com suas definições políticas (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 5).

Neste tipo de pesquisa, o pesquisador é colocado dentro da cena investigada, sendo participante e tomando partido dos resultados obtidos. Ainda sobre essa relação pesquisador e objeto de estudo, Lüdke e André (1986) recomendam:

(..) o pesquisador deve estar sempre atento à acuidade e veracidade das informações que vai obtendo, ou melhor construindo. Que ele coloque nessa construção toda sua inteligência, habilidade, técnicas e uma dose de paixão para temperar ( e manter a têmpera!). Mas que cerque seu trabalho com maior cuidado e exigência, para merecer a confiança dos que necessitam dos seus resultados. (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 9).

Deste modo, o presente trabalho se ampara nos princípios da pesquisa qualitativa, adotando como diretriz metodológica a pesquisa-ação, que é uma pesquisa eminentemente pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que embasa a prática educativa, a partir de princípios éticos que visualizam a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática.

Desse modo, propomos um estudo qualitativo, realizado com uma turma de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental, recorreremos para as práticas desenvolvidas em uma escola da rede pública, da cidade de Laranjal do Jari, no estado do Amapá. Optamos por trabalhar com essas técnicas (eminentemente qualitativa), visto que permitiram, a partir das falas, observações, produções dos sujeitos analisados, emergirem categorias que deram consistência à pesquisa.

A proposta de trabalho foi construída a fim de desenvolver o gosto pela leitura literária através dos livros disponíveis no espaço escolar, melhorando o domínio da leitura, da escrita, da interpretação e da participação crítica do aluno sobre aquilo que ler. A mesma envolve os recursos das Novas Tecnologias de Informações – TIC's, como um espaço cada vez mais presente na vida de todos os alunos. O objetivo a ser alcançado foi demonstrar que é possível o trabalho com leitura literária no Ensino Fundamental; demonstrar que é possível discutir questões sociais, políticas e culturais a partir da leitura de livros literários, sem deixar de perceber, sentir, as características eminentemente do livro literário e fazer um ensino prazeroso, juntando o livro literário e as Novas Tecnologias.

Iniciamos o estudo através da revisão bibliográfica de obras sobre o ensino de literatura no Ensino Fundamental, da literatura Infantil-Juvenil, dos Estudos Culturais, do qual surgiu o viés teórico principal escolhido para a discussão do conto *Menina Bonita do Laço de Fita* e das Novas Tecnologias. Além disso, a proposta possibilita o uso de um recurso tecnológico, o *fanfic*, em consonância com a leitura do texto literário, inovando na aprendizagem e motivando a leitura de textos, principalmente de textos literários e de livros completos.

Neste sentido, foi apresentada uma proposta de trabalho para inserir no contexto da sala de aula do Ensino Fundamental, o ensino da literatura, defendendo a prática da leitura do texto literário, do livro completo, da discussão relevante, para melhorar o domínio da leitura, da escrita, da interpretação, da participação crítica do aluno e no gosto pela leitura literária.

A proposta possibilita pela sua inovação, tanto na leitura em sala de aula de uma narrativa completa, como o uso de novos cenários digitais de aprendizagem, no qual o aluno vivenciará algo nunca experimentado, apesar de conhecer e participar dos meios digitais através do uso da internet. Os alunos poderão visualizar a transformação do texto original, no texto no qual eles farão as modificações, o “fanficar”, assim eles poderão participar e dar opiniões e sugestões sobre o texto

lido.

No decorrer da leitura bibliográfica, muitos foram os autores, livros e discussões lidas e assistidas, entre as quais citamos aquelas que mais se destacaram: Para a abordagem da importância da literatura no Ensino Fundamental, da literatura infantil- juvenil, adotamos alguns trabalhos já realizados, autores e obras que discutem essa temática, como Cecil Jeanine Albert Zinani e Salete Rosa Pezzi dos Santos, com a obra *Multiplicidade de Signos* (2004). Nesta obra, as autoras abordam a literatura infantil na sua definição histórica; elas também debatem itens em relação à literatura infantil como o ludismo, os Estudos Culturais relacionados à Literatura Infantil, as imagens. Apontam diversos critérios que podemos usar na análise do texto literário infantil e juvenil. E o livro *Transformando o Ensino de Literatura*, das mesmas autoras, aponta algumas metodologias para o trabalho com textos literários e ressalta um panorama geral desse ensino.

Outro livro que aborda a literatura infantil usado neste trabalho se intitula *A diferença na literatura infantil; narrativas e leituras*, organizado por Rosa Hessel Silveira, cujo conteúdo retrata sobre as diferenças abordadas nos livros infantis, cegos, surdos, cadeirantes, feminino e masculino.

*Leitura Literária na Escola* foi um livro que nos levou a refletir sobre a importância de abordarmos uma proposta de ensino para o Ensino Fundamental, a partir da leitura literária, organizado por Junqueira e Tagliari. Nesse livro as organizadoras destacam a leitura literária para as crianças e suas nuances, o livro imagem, formação do leitor, leitura e escrita, como também apresenta propostas de ensino com narrativas curtas.

A obra *Letramento Literário*, de Cosson, nos impulsionou a produzir um plano de ação para o ensino do texto literário, para ser desenvolvida no 5º ano do ensino fundamental, como proposta de intervenção com a intenção de contribuir para o letramento literário dos alunos e difundir experiências na qual inserimos o ensino do texto literário mediado pelas Novas Tecnologias, no caso, adotando o uso dessa experiência, a ferramenta *fanfic*.

A autora Maria Helena Zancan Frantz, no livro *O ensino da literatura nas séries iniciais*, destaca a definição de leitura, sua função, a importância da literatura para a formação do sujeito, o papel do professor e uma vasta sugestão de literatura infantil, desde os atuais no mercado.

Para a discussão do viés dos Estudos Culturais, procuramos nos ater ao livro

*Teoria Literária - Abordagens históricas e tendências contemporâneas*, organizado por Thomas Bonnici e Lúcia Osana. Nesse livro, os autores apresentam as diversas formas de perspectivas de abordagem do texto literário, e ainda discutem o que é literatura. Os Estudos Culturais, por serem uma das perspectivas mais modernas e o que está mais em foco, devido às questões acerca da Modernidade, como forma de interpretar as manifestações culturais.

Assim, por meio da pesquisa-ação e com base no referencial teórico estudado, nas experiências das práticas docentes desta pesquisadora, discutimos possíveis respostas para questões que envolvem a aprendizagem e o gosto pela leitura literária, para fomentar e melhorar o ensino de literatura na Escola Básica. Dessa forma, construímos uma proposta pedagógica para contribuir com professores quanto ao trabalho no Ensino Fundamental no que se refere à leitura dos textos literários.

Além disso, adotamos as leituras em documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental (PCNs), guias dos programas da Biblioteca da Escola (PNBE), de formação continuada, o GESTAR, o livro na escola, a Lei Nº 10.639/2003, entre outras leituras. Ao longo da execução dessa pesquisa, registramos todo o processo por meio de guia de atividades e por meio de algumas imagens.

## 5.1 PROPOSTA DE INTERVENÇÃO

Segundo Lima (2015, p.44), despertar e desenvolver o interesse do aluno para a leitura da literatura tem sido uma das grandes preocupações e desafios dos professores de língua portuguesa. Sabe-se que a literatura no ensino fundamental é estudada dentro da disciplina de língua portuguesa, o que finda, por vezes, por incentivar os professores a trabalharem da mesma forma que trabalham qualquer outro texto. Como também, muitos educadores terminam usando o texto literário apenas como pretexto para ensinar gramática, ou outro assunto que considerem relevante, temas transversais, religiosos. Porém, o texto literário requer, antes de tudo, um modo diferente de apreensão e inteligência. É preciso saber que na leitura literária a perspectiva de sentido é o diferencial no processo de leitura, visto que oportuniza ao aluno enxergar a multiplicidade de sentidos acerca de um texto literário, uma vez que o aluno acionará registros de leituras anteriores,

correlacionará o velho com o novo, ao ponto de concordar e discordar do texto lido. Além de que o estudante poderá se posicionar criticamente diante do objeto da leitura. O texto literário permite ainda, de acordo com Monteiro (2014, p.16), a transposição do imaginário para uma realidade ficcional, porém real e cotidiana, culturalmente diversificada e existente.

Acreditamos que o texto literário pode ser trabalhado de diversas formas, como também devem ser de diversos gêneros, tais como poemas, conto popular, narrativas fantásticas, de fadas, romance, novelas, etc. O docente deve escolher de acordo com o perfil e amadurecimento da turma e da própria preparação do professor. Devemos também, ao pensar em um trabalho de leitura literária, que é relevante pensar o local e o momento de iniciação deste trabalho. Neste caso, um desses fatores levados em consideração é o ambiente / o espaço de leitura.

Nesta proposta, o ambiente de referência usado, que é visto como adequado para iniciar o trabalho de leitura literária, é a escola, embora a família seja um grande aliado no processo de formação de leitores; por isso, é a partir das práticas pedagógicas e conscientes do professor que o aluno poderá despertar seu interesse e prazer pela leitura literária. Para mais adiante, assim, ser um multiplicador dessa leitura, através de um livro que leva para ler em casa, de um livro comentado por ele com outras pessoas, amigos, parentes, colegas, através da curiosidade de conhecer mais o universo grandioso e infinito da leitura literária.

O ambiente escolar não elimina outros ambientes, mas é na escola que o professor direcionará o aluno para leituras que possam construir sua identidade literária, humana, social; mesmo porque, como foi dito anteriormente, para a grande maioria das crianças brasileiras o primeiro contato com o livro acontece na escola, principalmente as crianças oriundas das periferias.

Nossa proposta consistiu no ensino de uma literatura que promova o letramento literário, direcionando um novo olhar para ensino de literatura na escola, no qual a formação do leitor almeja instrução cognitiva, afetiva, social. Nossa intenção foi apresentar uma proposta de intervenção que apresentasse novas possibilidades e perspectivas para os alunos, levando em consideração a formação de um leitor crítico e apto a perceber as entrelinhas e outras informações que transcendem as do momento da leitura.

Dessa forma, o professor poderá preparar seus alunos para que ao se depararem com livros de maior complexidade, tenham condições de descobrir o belo

a partir da visão que vem construindo, ampliando e aprimorando na conclusão de cada página. Esperamos também que o aluno, conforme o amadurecimento como leitor de leitura literária possa inferir com sua realidade, com a cultura, com a fantasia e a imaginação, permitindo recriar textos a partir dos textos lidos. Também nesta proposta, esperamos que o aluno possa trabalhar com o texto literário de acordo com os diversos ambientes apresentados: escola, sala de aula, espaço de tecnologia, em casa e de diversas outras formas: livro, ferramenta tecnológica, forma escrita impressa, forma escrita produzida cursivamente, forma escrita digitalizada, teatro, dramatização, formas de leitura protocolada, individual, em grupo, jogralizada, etc. Assim, trabalhar de uma forma totalizada, unindo a leitura do livro em sala de aula com a produção no ambiente também da sala de aula, bem como com a produção e leitura no ambiente tecnológico, permitindo aos alunos conhecer e participar do estudo do texto nesses ambientes.

Segundo Todorov (2009, p. 76), as obras literárias devem ser estudadas em sua totalidade, analisadas, e, de fato, utilizadas como momento de conciliação entre o imaginário e o real, de modo a praticar o equilíbrio entre os aspectos internos e externos da literatura. Conforme Todorov, a literatura tem poder de transformar o ser humano, não é vazia, tem um papel a cumprir.

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos torna ainda mais próxima dos outros seres humanos que nos cerca, nos faz compreender melhor o mundo e nos ajuda a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso torná-la no sentido amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizada, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. (TODOROV, 2009, p. 76).

A proposta foi aplicada em uma escola pública estadual de Ensino Fundamental do município de Laranjal do Jari, estado do Amapá, como uma experiência de sala de aula, na qual a autora da proposta é professora há onze anos. A turma na qual foi aplicada a proposta foi uma turma do 5º ano, com faixa etária entre 10 e 11 anos, uma idade que, segundo, Zinani (2012, p.25), é uma etapa da pré-adolescência, na qual se desenvolvem os mecanismos intelectuais que possibilitam ao aluno libertar-se do modo de pensar limitado a imagens concretas. O aprimoramento das capacidades mentais possibilita ao pré-adolescente e ao adolescente os meios de chegar a conclusões, fazer deduções críticas, perceber problema de vários ângulos, compreenderem ideias abstratas e imaginar outras

possibilidades para a solução de problemas. Neste período, é notável a habilidade de ver por meio de todo tipo de situação, percebendo o significado interior. Assim, compreendemos que nessa fase o aluno já passa a começar a compreender a sua realidade, lendo textos variados e apurando sua criticidade.

A proposta foi elaborada através de uma sequência de atividades a partir do livro lido em sala de aula e outros espaços. Apresentamos a seguir a narrativa lida e algumas imagens do livro:

### **Menina Bonita do Laço de Fita (Ana Maria Machado)**

Era uma vez uma menina linda, linda.

Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes.

Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feitos fiapos da noite.

A pele era escura e lustrosa, que nem pelo da pantera-negra quando pula na chuva.

Ainda por cima, a mãe gostava de fazer trancinhas no cabelo dela e enfeitar com laço de fita colorida. Ela ficava parecendo uma princesa das Terras da África, ou uma fada do Reino do Luar.

Do lado da casa dela morava um coelho branco, de orelha cor -de - rosa, olhos vermelhos e focinho nervoso sempre tremelicando. O coelho achava a menina à pessoa mais linda que ele tinha visto em toda vida. E pensava:

- Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela...

Por isso, um dia ele foi até a casa da menina e perguntou:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina...

O coelho saiu dali, procurou uma lata de tinta preta e tomou um banho nela. Ficou bem negro, todo contente.

Mas aí veio uma chuva e lavou todo aquele pretume, ele ficou branco outra vez.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu tomei muito café quando era pequenina.

O coelho saiu dali e tomou tanto café que perdeu o sono e passou a noite toda fazendo xixi.



Mas não ficou nada preto.

Então ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia, mas inventou:

- Ah, deve ser porque eu comi muita jabuticaba quando era pequenina.

O coelho saiu dali e se empanturrou de jabuticaba até ficar pesadão, sem conseguir sair do lugar. O máximo que conseguiu foi fazer muito cocozinho preto e redondo feito jabuticaba.

Mas não ficou nada preto.

Por isso alguns dias ele voltou lá na casa da menina e perguntou outra vez:

- Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

A menina não sabia e já ia inventando outra coisa, uma história de feijoada, quando a mãe dela, que era uma mulata linda e risonha, resolveu se meter e disse:

Artes de uma avó preta que ela tinha...

Aí o coelho - que era bobinho, mas nem tanto- viu que a mãe da menina devia estar mesmo dizendo a verdade, porque a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos.

E se ele queria ter uma filha pretinha e linda que nem a menina, tinha era que procurar uma coelha preta para casar.

Não precisou procurar muito.

Logo encontrou uma coelhinha escura como a noite, que achava aquele coelho branco uma graça.

Foram namorando, casando e tiveram uma ninhada de filhotes, que coelho quando desanda a ter filhote não para mais.

Tinha coelho pra todo gosto: branco, bem branco, branco meio cinza, branco malhado de preto, preto malhado de branco e até uma coelha bem pretinha.

Já se sabe a filha da tal menina bonita que morava na casa ao lado.

E quando a coelhinha saía de laço colorido no pescoço, sempre encontrava alguém que perguntava:

- Coelha bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?

E ela respondia:

- Conselhos de minha madrinha...

Abaixo seguem algumas ilustrações e/ou capas do livro em estudo:



Figura 1: página do livro *Menina Bonita do Laço de Fita*



Figura 2: página do livro *Menina Bonita do Laço de Fita*

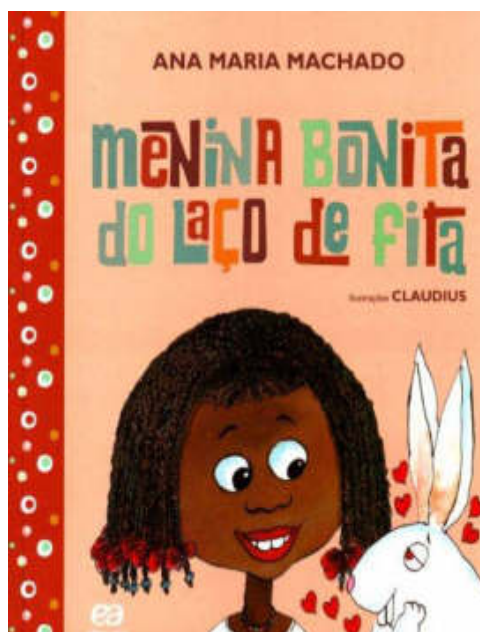


Figura 3: Capa do livro *Menina Bonita do Laço de Fita*.

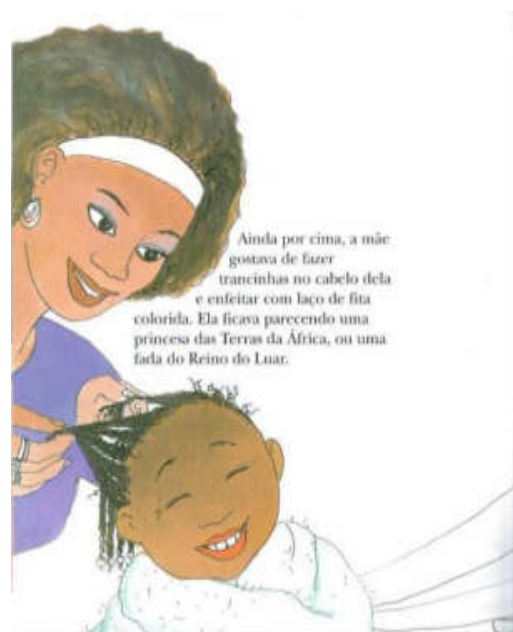


Figura 4: Página do livro *Menina Bonita do Laço de Fita*

## 5.2 O ESPAÇO DA PESQUISA

A proposta pedagógica seguiu como parâmetro para seu desenvolvimento em sala de aula como modelo, uma sequência de atividades proposta por Cosson (2014), e outras atividades criadas pela professora da turma. Foi desenvolvida no segundo bimestre de 2017, nos meses de março, abril e maio, em um total de oito semanas, durante as aulas de língua portuguesa no ambiente de sala de aula, e outros espaços da escola, como por exemplo, biblioteca, sala de informática (LIED), espaço cultural e corredores. Contou também, com atividades extraclases com orientações realizadas na sala de aula pela professora autora do projeto e professora da turma na disciplina trabalhada.

A proposta poderia ser desenvolvida por qualquer turma do Ensino Fundamental II, porém, nesta proposta, trabalhamos com os alunos do 5º ano, por observar a inquietude desses alunos frente ao novo, uma vez que são alunos que chegam à escola com muitas curiosidades. Porém, vão encontrar muitas diferenças em relação a turma anterior, número de disciplinas e professores, regimento das aulas, muitas novidades, anseios e medos. São alunos que se transferem de outras escolas, que necessitam se adaptar a uma nova realidade.

Cabe ao professor tornar essa realidade melhor, por meio da leitura literária, para assim desenvolver o senso crítico, o gosto pela leitura, a socialização, a leitura do mundo e prepará-los para outras leituras conforme seu amadurecimento em físico, emocional e intelectual.


A leitura do livro *“Menina Bonita do Laço de Fita”* é a leitura base para este trabalho, visto que a realidade vivenciada pela grande maioria dos alunos da escola é formada por muitos desafios e o maior deles é sem dúvida o preconceito sofrido de todas as formas, uma vez que são alunos que na maioria acordam às cinco da manhã, para enfrentar desafios para chegar à escola: andar a pé ou até pegar o transporte escolar, enfrentando a escuridão, o sol, a chuva, o perigo natural que vem da natureza e o das ruas; são alunos que muitas vezes vivem os dramas de não conhecer o pai, ou mãe, são filhos de pais separados, desempregados, desconhecidos, às vezes criados com avós, madrastas, padrastos, tios, irmãos mais velhos...

Trabalhar com esses alunos em uma escola de pública da periferia é testemunhar muitos dramas vividos por eles. Dentro desses muitos dramas, há a

questão do racismo, praticado por eles ou eles sendo vítimas dessa prática.

Desse modo, optamos por trabalhar uma narrativa com a qual pudéssemos discutir literatura refletindo sobre a vida e suas mazelas, sem perder é claro a essência do ser literatura, a criação estética, o belo. Faremos leituras de outras narrativas para focar aprendizagem pretendida.

As atividades foram realizadas de acordo com etapas, conforme descritas no plano de ação a seguir:

					
<b>PLANO DE AÇÃO</b>					
<b>Escola:</b>	Estadual de Ensino Fundamental do Município de Laranjal do Jari-AP				
<b>Turma:</b>	6º ano do Ensino Fundamental				
<b>Disciplina:</b>	Língua Portuguesa				
<b>Nº de turmas:</b>	04	Carga Horária: 40h	Aulas de 50m	Turno matutino	
<b>Pré-requisito:</b>	Ser matriculado na escola e turma do 6º ano		Semestre Letivo/Ano: 2º/2016		
<b>Horário</b>	As aulas ministradas são alternadas por turmas e tempos de aulas. O horário da primeira aula é 7h30m e da última aula 11h55m				
<b>1. Proposta:</b>					
Que o aluno leia um texto literário completo e a partir da leitura elabore uma sequência de atividades diferenciadas. Dentre as quais deve ser usada a tecnologia para adaptar o texto lido e conhecer outros textos, a fim de divulgar, entreter, desenvolver o hábito, o interesse pela leitura literária e o senso crítico.					
<b>2. Objetivos Gerais:</b>					
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ler um texto literário completo;</li> <li>• Interpretar o texto lido observando os elementos que o compõe: linguagem, imagens, cores, discursos;</li> <li>• Conhecer o gênero narrativo e a ferramenta tecnológica <i>fanfic</i>;</li> <li>• Usar os meios tecnológicos para escrever, ler, divulgar adaptações de livros.</li> </ul>					
<b>3. Objetivos Específicos:</b>					
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Compreender que a leitura e a interpretação literária requerem posição diferenciada das leituras de textos não literários;</li> <li>• Interpretar alguns fatos vividos ou observados através dos saberes</li> </ul>					

adquiridos na leitura literária; <ul style="list-style-type: none"> <li>• Desenvolver o gosto pela leitura de livros literários;</li> <li>• Conhecer os elementos da narrativa;</li> <li>• Produzir textos a partir do texto lido;</li> <li>• Estimular a curiosidade, a criatividade e a imaginação através da leitura e produções de textos no ambiente virtual ou no meio impresso;</li> <li>• Reconhecer o que faz um texto ser literário ou não literário.</li> </ul>	
<b>4. Conteúdo Programático:</b>	
<b>Unidades Temáticas</b>	<b>C/H</b>
<b>a) Motivação-atividade 1:</b> Assistindo histórias: Animação <i>A Bela e Fera</i> : os alunos assistirão a animação citada e farão a interpretação da mesma através de perguntas direcionadas em uma roda de conversas. O professor apresentará os trabalhos a serem desenvolvidos, juntamente com seus respectivos objetivos e motivará os alunos a participar com interesse e dedicação.	Aulas de 50 minutos
<b>b) Estudando o gênero conto:</b> Foram ministradas aulas com uso de tecnologias, data show, uso de slides com ilustrações, contos ilustrados para mostrar alguns elementos que aparecem no conto. Fazendo o paralelo na animação assistida e na história contada. Os alunos lerão alguns contos e juntamente com o professor farão o reconhecimento também desses elementos, da linguagem literária presente nos textos diferenciando assim de outros textos não literários.	Aulas de 50m
<b>c) Tecendo o saber nos laços da leitura:</b> apresentação do livro <i>Menina Bonita do Laço de Fita</i> pelo professor de forma representada, lúdica_ entonação e mudança da voz conforme personagem apresentado, movimentos realizados no ambiente de aula, pausas, etc.	Aulas de 50m
<b>d) Quem representa um conto aumenta o encanto:</b> Os alunos terão acesso ao livro apresentado pelo professor para ler a história de forma individual e em grupo e farão a representação da história na forma de teatro.	Aulas de 50m
<b>e) Conhecendo a <i>Fanfic</i>:</b> No ambiente tecnológico da escolar os alunos terão aula sobre a <i>fanfic</i> - Definição, ambientes, sites, acesso, tipos, variedades, exemplos de <i>fanfics</i> presentes atualmente na rede, normas de produção, etc. Os alunos farão pesquisas de alguma <i>fanfic</i> e sua original e farão exposição na classe.	Aulas de 50m
<b>f) Produzindo <i>Fanfic</i>:</b> Os alunos serão levados a produzirem uma <i>fanfic</i> a partir do livro estudado e comentarem as <i>fanfics</i> produzidas pelos colegas de classe.	
<b>5. Duração da aplicação da proposta:</b>	<b>3 Meses</b>

<b>6. Procedimentos Metodológicos:</b>
Aulas expositivas com uso de recursos áudio visuais, ilustrações, jogos, debates, leitura de textos literários (contos), aulas em diversos ambientes escolares: sala de mídia, centro cultural, ginásio, sala de aula, biblioteca, sala de leitura, leitura de textos no ambiente virtual, perguntas orais e escritas, teatro.
<b>7. Recursos Didáticos:</b>
Livros, texto xerocopiados, quadro e pincel, músicas, computadores, microfone, caixa amplificadora, internet, site de <i>Fanfics</i> , papel A-4, celular, cadernos, canetas, lápis, fita dupla face, grampeador, cartazes, data show.
<b>8. Avaliação:</b>
Aferir o desempenho dos alunos por meio da participação e interesse nas atividades propostas; Observar o desenvolvimento do aluno quanto às habilidades da escrita, as respostas dadas sobre os assuntos estudados, o conteúdo apresentado e a produção realizada.
<b>9. OBSERVAÇÕES:</b>
Para o encerramento das atividades será realizada a apresentação do teatro para a escola e a explicação do livro lido, conforme o entendimento da turma.

A seguir apresentamos as etapas das atividades propostas:

### **1ª ETAPA DE ATIVIDADES: MOTIVAÇÃO PARA A SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES**

Nesta etapa, o professor inicia a aula lendo um conto de forma encenada, o conto escolhido foi *A Bela e a Fera*. Em seguida, de forma expositiva e com uso de um *Datashow* apresentou o mesmo conto que foi lido anteriormente, e o professor indagou da turma se sabia o que é um conto. Depois de ouvir os alunos, o docente apresentou a definição de conto apresentando slides com imagens retiradas do contos. A partir deste entendimento, o professor concretizou a apresentação da sequência de atividades a serem desenvolvidas pelos alunos, seus objetivos e importância. Para Cosson, a motivação deve conduzir o discente a uma boa leitura:

Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo de leitura como um todo. Ao dominar a motivação desse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial desse encontro do leitor com a obra depende da boa motivação. (COSSON, 2014, p. 54).

Após esta etapa os alunos serão convidados a assistirem a animação “*A Bela*

e a *Fera*”, no espaço cultural escolar, onde foi montado com antecedência um ambiente de cinema, pipoca, luzes apagadas, telão, cadeiras organizadas, etc.

Percebemos nesta etapa que os alunos ficaram muito ansiosos e felizes por participarem das atividades, deram opiniões, sorriram, falavam comentando o que achavam das atividades a serem desenvolvidas. No momento da animação, eles assistiram em silêncio e em algumas vezes sorriam com atitudes das personagens do filme. Ao terminar o filme, os alunos pediram que na próxima aula pudessem assistir novamente, expressando o prazer que tiveram nesta aula.

## **2ª ETAPA: APROFUNDANDO O CONHECIMENTO SOBRE CONTO**

Nesta segunda etapa, foi apresentado o gênero conto, de forma mais detalhada, visto ser a modalidade base para o nosso trabalho, enfatizando sua definição, características, sua estrutura e os recursos utilizados pelos autores para construir os personagens, o tempo e no espaço. Partimos do pressuposto de que a leitura de contos e o estudo da organização textual desse gênero, bem como há uma situação enunciativa que sustenta tal construção, são fundamentais tanto para produção, como para leitura e interpretação, o que é o nosso objetivo também neste trabalho.

Para a realização das aulas, em especial para o estudo dos textos, houve momentos de atividades do professor contar histórias, depois momentos de pré-leitura, conduzidas a perguntas e o momento de leituras de contos indicados pelo professor, como também escolhidos pelos alunos nos livros ofertados pela biblioteca escolar. Como produto final desta etapa, foi direcionado ao aluno que este devia escolher um dos contos disponíveis nos livros da biblioteca escolar e em dupla iriam ler e reler o conto e contá-lo para a turma, como proposta de leitura interpretativa o aluno iria rever e ler a animação *A Bela e a Fera*, guiados por perguntas já pré-elaboradas pelo professor, comprovando com trechos do texto, fazendo interação nas descobertas e recebendo a intervenção do professor quando necessário, para ratificar ou para retificar as respostas dadas.

As perguntas pré-elaboradas permeiam a temática do comportamento humano, como por exemplo:

- a) A narrativa que você assistiu conta a história de quem? Onde aconteceu? Quando aconteceu?
- b) Descreva as características das personagens, observando suas ações para

com as outras personagens e para consigo mesma: A bela, o Gastão, o pai da bela e a fera.

- c) O que podemos concluir do comportamento das personagens do texto?
- d) Bela não era como as moças da sua aldeia. Por quê? Explique sua resposta.

Observando esta etapa, foi possível observar que a aprendizagem ocorre em sua plenitude, “quando o estudante compreende o objeto de estudo, reconstrói o caminho da invenção ou descoberta e o aplica de modo a estabelecer relação direta entre teoria e prática” (BUOGO et al., 2006,p.34); ou seja, quando o aluno coloca em prática tudo aquilo que aprendeu, desenvolvendo seus conhecimentos a cerca dos assuntos transferidos para ele através da mediação professor-aluno.

Após os alunos conhecerem o gênero conto, em várias modalidades, o popular, de fadas, o conto poético, através das leituras e explicação do professor, desenvolvendo várias atividades de forma sistematizada, como a leitura, a interpretação, variações na forma do conteúdo, estilo, conhecimento de livros de contos, conhecimento de autores, os alunos passaram para o conhecimento da narrativa selecionada como objeto de ensino nas demais etapas dessa proposta, o livro *Menina Bonita do Laço de Fita*, de Ana Maria Machado.

### **3ª ETAPA: TECENDO O SABER NOS LAÇOS DA LEITURA LITERÁRIA**

No primeiro momento desta etapa, os alunos terão contato com a história contada pelo professor de forma lúdica, com imitações das falas das personagens, gestos e movimentos do professor na sala de aula, sobre o que Frantz afirma,

Criar condições de leitura não significa apenas levar os alunos à biblioteca uma vez por semana. Significa também criar uma atmosfera agradável, um ambiente que convida à leitura na própria sala de aula, demonstrando assim que essa é uma atividade importante, fundamental e que merece ocupar um espaço nobre. (FRANTZ, 2005, p. 48).

Esse momento almeja alcançar o interesse dos alunos, despertando neles o gosto, a curiosidade pelos textos literários, para que eles despertem para o mundo prazeroso da leitura, que tenham desejo de ler mais, busquem por eles mesmos novos livros, visto que, conforme Barbosa,

Para que a criança ouvir histórias estimula a criatividade e formas de expressão corporal. Sendo um movimento de aprendizagem rica em estímulos sensoriais, intelectuais, dá-lhe segurança emocional. Ouvir histórias também ajuda a criança a entrar em contato com suas emoções, supre dúvidas e angústias internas. Através das narrativas, a criança começa a entender o mundo ao seu redor e estabelecer relações com outro-



socialização. Consequentemente, são mais criativas, se saem melhor no aprendizado e serão adultos mais felizes (BARBOSA, 1999, p. 22).

Assim entendemos que, ao trabalhar com a narrativa “*Menina Bonita do Laço de Fita*”, usando a estratégia de recontar a história de maneira dinâmica e lúdica, estaremos despertando a sensibilidade, a curiosidade dos alunos. Para que nossos estudantes, através do processo de identificação, possam se sentir parte integrante da mesma, para que assim possam vibrar e se emocionar com cada momento do enredo. Isso porque a escolha do texto permite essa condição: texto breve, de acordo com o público, com o conhecimento de mundo, teor lúdico, engraçado, porém que chama a atenção pela sua contemporaneidade.

Observando e analisando esta etapa, chegamos à conclusão de que a atenção dos alunos estava focada na apresentação da leitura do livro. Alguns deram sorrisos, outros demonstravam atenção redobrada para observar sempre o que iria acontecer, uma curiosidade espantada em seus rostos, pareciam que assim como o personagem do coelho, eles também queriam saber o segredo da menina. Os alunos, pelas suas atitudes de ouvintes, também demonstraram que havia interesse em saber o desenlace. Nesta observação, vimos que os ouvintes vivenciavam as emoções transmitidas pelo texto apresentado, eles estavam realmente se identificando com o conto.

Após esta etapa, o professor falou sobre o livro e sobre sua autora. Em seguida, os alunos tiveram o acesso ao livro, através da mediação do professor e seus direcionamentos que envolveram o toque no livro, folhear as páginas, a observação quanto às letras, as cores, as imagens, as informações contidas sobre a ilustração, a autora, a edição, o ano de publicação, a editora, etc.. Em seguida, após o contato visual e informações objetivas sobre o livro, os alunos foram direcionados a fazer uma leitura do mesmo. Para esse momento, o professor ofereceu direcionamento na leitura, quanto aos espaços a serem usados, a forma de leitura, que foi também individual e silenciosa, e o objetivo da leitura nesta fase. O aluno deveria ler a narrativa, para depois participar de uma roda de conversa sobre a mesma. Nesta fase, pretendemos realizar o que Martins afirma,

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas exigências que a realidade lhe apresenta. Assim, criar condições de leitura não implica apenas alfabetizar ou proporcionar acesso aos livros. “Trata-se, antes, de dialogar com o leitor sobre a sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá, repito, a algo escrito, a um quadro, a uma paisagem, a sons,

imagens, coisas, ideias, situações reais ou imaginárias” (MARTINS, 1984, p.34).

Em linhas gerais, entendemos que o professor, diante de um texto em sala de aula, deve fazer o papel de auxiliador do diálogo entre o texto, o leitor e a realidade do aluno, o docente se torna facilitador, um mediador. Isto não significa que o professor deverá ler pelo aluno, mas ao contrário, ele deve passar a ler com o aluno. A esse respeito, Geraldi afirma,

“... o diálogo do aprendiz de natação é com a água, não com o professor, que deverá ser apenas mediador desse diálogo aprendiz-água. Na leitura o diálogo do aluno é com o texto. O professor, mera testemunha desse diálogo, é também leitor e sua leitura é uma das leituras possíveis.” (GERALDI, 1984, p. 81).

Nessa etapa também, o professor deve levar o aluno a debater sobre o texto lido com perguntas direcionadas sobre a leitura e perguntas que irão surgindo no decorrer da conversa e observações sobre as personagens, sobre o enredo, os espaços, as características de cada um dentro da história e levantar questões para aguçar o senso crítico do aluno. Observando sempre os recursos da produção do qual o autor lançou mãos para chegar ao produto, o livro. Buscar semelhanças e diferenças em contos lidos, fazer o paralelo da obra e a suposta intenção do produtor encontrando significados para o que está escrito e aquilo que se pode inferir a partir da escrita, das entrelinhas, da percepção de cada um, posto que no caso da obra literária o professor não pode ser nunca um redutor do seu significado, limitando as possibilidades de atribuição de sentido por parte do leitor. Antes de tudo, cabe-lhe a tarefa de “detonar as múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque essas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objeto artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado” (Zilbermann, 1981, p. 24). E como afirma Frantz,

Não podemos esquecer que o universo cultural de um leitor nunca será idêntico ao de outro. E aí reside um dos principais fatores que leva a diferentes visões de um mesmo texto. E, no caso da obra literária, por natureza ambígua e plurissignificativa, crescem possibilidades de interpretações pessoais. (FRANTZ, 2005, p. 47).

Na roda de conversa sobre a narrativa, a professora fez algumas perguntas para iniciar o bate papo sobre a narrativa, provocando e instigando o aluno a falar sobre as suas impressões sobre o texto, ativando conhecimentos prévios sobre o gênero conto e fazendo inferências sobre a leitura realizada. Algumas perguntas foram apresentadas para os alunos após a leitura do texto:

- a) Você observou no texto lido “*A Menina Bonita do Laço de Fita*” e o texto “*A Bela e a Fera*” algumas semelhanças ou diferenças? Quais?
- b) A história fala de quê? Quais as personagens da história?
- c) Por que o coelho queria saber o segredo da menina? Qual era o segredo da menina bonita?
- d) Por que será que a cor da menina era segredo?
- e) Você acha que na realidade existe alguém como a menina? Por quê?
- f) E como o coelho? Por quê?
- g) Por que a autora do texto compara a cor da pele da menina a de uma puma? Você sabe o que é uma puma? Gostaria de saber?
- h) Quais outras comparações que a autora faz em relação à menina bonita?
- i) O que mais chamou a sua atenção na leitura e observação do livro? Por quê?
- j) No livro no trecho que diz “... que era bobinho, mas nem tanto...” O que você entende?
- k) Você acha que a menina foi bem tratada pelo o coelho? Por quê? E o coelho foi bem tratado pela menina? Por quê?
- l) Você acha que as meninas e meninos negros são bem tratados na escola, na turma de estudo, na rua e em todos os lugares? Por quê?
- m) No final da história, o coelho teve uma porção de coelhos de diversas cores. O que isso significa para você?
- n) Você acha que devemos respeitar as diferenças? Por quê?
- o) Na página 21 do livro a autora escreve assim: “Tinha coelho pra todo gosto: ...”. O que você entende através desse trecho da história?
- p) Durante a escrita do livro encontramos este trecho: “Menina bonita do laço de fita, qual é teu segredo pra ser tão pretinha?”. Quantas vezes se repetem este trecho no livro? Quando você ler nota alguma diferença para as outras partes do texto? Qual? Vamos ler e descobrir o que faz esta diferença?

A nossa pretensão foi levar o aluno a refletir sobre aquilo que leu, viu e ouviu, fazendo associações de forma que identifiquem os comportamentos humanos e haja comparação ou identificação com o conto. Levá-los a observar a desconstruções da

expectativa de padrão de beleza presente em muitos contos, no qual as princesas são brancas, então belas, ou nos contos em que as imagens sempre apresentam somente personagens brancas. Mostrar que tanto as personagens negras, brancas ou indígenas têm sua beleza própria e devem ser respeitadas. Debater sobre o valor da pessoa humana, independente de cor, religião, gênero, classe social, etc.

Analisando esta etapa, percebemos pelas participações dos alunos, o interesse em falar, opinar, contar experiências vividas ou assistidas por eles com a temática do livro. Houve o momento de ponderação do professor acerca do assunto, para que de posse do saber construído pela leitura da obra, todos pudessem exercer a cidadania.

#### **4ª ETAPA: QUEM REPRESENTA UM CONTO AUMENTA O ENCANTO**

“*Quem representa um conto aumenta o encanto*” foi o momento no qual os alunos irão dramatizar a história sob a orientação do professor. Os alunos fizeram uma apresentação do texto na forma teatral, observando e incorporando os aspectos das ações das personagens e criando o ambiente da história. Aqui, a intenção foi que fosse prolongado o prazer da leitura a partir de atividades lúdicas, artísticas e criativas.

Nessa atividade, percebemos que o teatro remetia as crianças para vivências pessoais, permitindo que as relacionassem com situações/emocionais vividas pelas personagens do livro. Observamos que essas relações são estabelecidas, quando os leitores estão em diálogo com o autor, narrador e personagens, ou seja, um coro de vozes. O papel da escola, então é ensinar o leitor a distingui-las para que se movimente entre elas.

Esta atividade foi relativamente simples, que exigiu como materiais apenas livros, cadernos, disposição do ambiente do espaço usado, o Centro Cultural Escolar e coordenação estimulante do grupo. A tarefa possibilitou observar uma prática importante para compreendermos como os alunos negociam sentidos durante a leitura, a organização e a socialização. O movimento do corpo, das vozes, do espaço; o ir e vir dos agentes envolvidos ampliou as experiências sobre a leitura literária.

Recontar o texto de forma teatral levou-nos a perceber que os alunos faziam modificações na sequência narrativas, tornando-as mais simples, saltando detalhes, eventualmente utilizando vocabulário e padrões linguísticos do texto apresentado,

mesclados com registro mais informal do cotidiano. Alguns dos alunos atribuíam fala às personagens, numa teatralização que conferia maior vivacidade ao texto.

Assim, chegamos à conclusão que o momento da representação teatral contribuiu na melhoria de muitos aspectos, como por exemplo, a linguagem, desinibição, emocional, corporal, etc.. Sobre isso afirma Silva,

O jogo teatral de várias modalidades podem ser grandes aliados do professor na formação intelectual, social e humana de seus alunos. O exercício teatral além do evidente prazer que proporciona – até mesmo porque rompe com o modelo convencional de classe e de tarefa escolar, instalando um aparente caos na ordem estabelecida - cumpre diversas funções que nem sempre acham seu espaço dentro dos currículos. Um dos frutos mais importantes da atividade teatral é a desinibição da fala. Ao viver o personagem, que não é ele próprio, o aluno sente-se capaz de vencer a timidez e afirmar-se perante o grupo. Desempenhando seu papel, é-lhe assegurado o espaço da expressão. Sua fala não é impedida, cortada ou ignorada, o que, para os tímidos constitui uma novidade. (SILVA, 2009, p. 132).

A peça teatral é um processo dinâmico, posto que utiliza além das palavras, os gestos, as expressões faciais, o silêncio, movimentos lúdicos ou dramáticos, pelos deslocamentos do corpo no ambiente de apresentação, no espaço cênico. Há desinibição do falar, porém há a desinibição do uso do corpo e da voz. A fala da palavra e a fala do corpo contribuem para autoafirmação dos alunos, principalmente daqueles que são tímidos. Sem falar que na organização e apresentação de uma peça teatral temos uma produção coletiva, o que faz com que haja uma relação de socialização, respeito e cooperação mútua.

Colomer (2007, p. 96) afirma que transformar a história lida em teatro é uma maneira de tornar mais simples a leitura autônoma do texto, porque dessa forma é adotada uma perspectiva externa, na qual o narrador se limite a explicar o que fazem os personagens e a dar-lhes voz através da reprodução direta dos diálogos. E, que esta escolha pode, inclusive, combinar-se com uma voz que narra o presente, como se a narração fosse simultânea aos acontecimentos da história, de modo que o leitor se situe ante uma espécie de representação teatral dos fatos, este recurso pode ser usado desde histórias mais simples até histórias mais complicadas.

## **5ª ETAPA: CONHECENDO A FANFIC**

Na quinta etapa da proposta pedagógica, o professor apresentou a ferramenta *fanfic* para os alunos, em telão, no centro cultural escolar, definindo-a, mostrando exemplos e ensinando como elaborar uma *fanfic*. Depois das

explicações, os alunos farão pesquisa sobre *fanfics*, no laboratório de informática e apresentaram em sala, tanto o enredo da obra lida: livro, filme, quadrinho, seriado, anime, mangá, doramas, quanto à *fanfic* encontrada na plataforma dos *fanfics*. Os alunos foram depois direcionados a usarem sua criatividade para ilustrar seus trabalhos com cartazes, maquetes, desenhos, etc.

Nesta etapa, observamos a alegria dos alunos em participar de uma aula no laboratório de informática, as perguntas, curiosidades, a desenvoltura em perguntar, em obedecer cada passo, de fato mostrou-nos a importância de trabalhar de forma sistematizada a leitura do texto literário em diversos ambientes da escolar. Por isso, elencamos algumas vantagens observadas nestas atividades, consideradas como pela comunidade da escola como um projeto escolar. Sabemos que há muitas vantagens em trabalhar com a pedagogia de projetos, seja ele o projeto político pedagógico da escola, ou da disciplina, como uma sequência de atividades de forma sistematizadas e pautadas em objetivos definidos, Entre essas vantagens citamos:

- a) Possibilita o estudo de temas vitais, de interesse e necessidade dos alunos e da comunidade;
- b) Permite e requer a participação de todos, de modo que o aluno não fica apenas na postura passiva de “receber” conteúdos;
- c) Abre perspectivas para a construção do conhecimento, a partir de questões concretas;
- d) Oportuniza a experiência da vivência crítica e criativa;
- e) Ajuda o educando a desenvolver capacidades amplas, como a observação, a reflexão, a comparação, a solução de problemas, a criação;
- f) Cria um clima propício para a comunicação, a cooperação, a solidariedade e à participação.

### **6ª ETAPA: VAMOS FANFICAR?**

Nesta etapa, os alunos produziram cada um a sua própria *fanfic*, usando como base o livro lido e discutido em sala de aula, a narrativa *Menina Bonita do Laço de Fita*. As orientações foram dadas pelo professor quanto ao objetivo das atividades. As atividades desta fase seguiram este roteiro: Primeiro, os alunos foram produzir na forma escrita e em folha de caderno; entregaram para o professor ler, corrigir e entender juntamente com ele a intenção do aluno, ao propor as modificações; depois, o aluno teve que lançar o texto já escrito e avaliado na

plataforma da *fanfic*; por último, toda turma foi convidada a ler as produções de cada um e opinar sobre elas na plataforma, de modos que cada um postou sua *fanfic* como também postou comentários sobre as *fanfics* dos colegas. Nessa fase, o aluno já com o conhecimento prévio formado sobre o que é um texto literário e sobre o gênero conto, estava apto a fazer uma avaliação dessa proposta realizada com eles, tanto sobre o livro, o entendimento, o conhecimento adquirido, como nas atividades usadas para o ensino da leitura literária na escola.

Nas atividades desenvolvidas nesta etapa, pretendemos levar o aluno a viver uma experiência como “produtor” do texto literário, interferindo na história e ao mesmo tempo respeitando o limite permitido para essa interferência, além de divulgar o conto lido e socializar as escritas através da ferramenta tecnológica, a *fanfic*. Além de criar com as palavras e ideias, o aluno também teve oportunidade de discutir a temática da análise da obra, fazendo um paralelo entre a obra, o leitor e a realidade vivida.

A *fanfic* foi produzida de forma individual por cada aluno, com o apoio e condução do professor de informática da escola e da professora da turma, seguindo um roteiro de instruções, lidas e discutidas, presentes no site escolhido para a gerência das *fanfics*. Entre as instruções presentes no site, procuramos elencá-las para maiores esclarecimentos:

1. Escolha a base do seu trabalho. A *fanfic* sempre é baseada em uma obra que já existe, e cabe ao autor da *fanfic* continuar, expandir ou mudar a história original. Todo tipo de obra é homenageada: livros, filmes, séries de TV, novelas, videogames, qualquer coisa que tenha uma história. Escolha um universo com o qual tenha intimidade.
2. Leia a respeito do ambiente da obra;
3. Leia outras *fanfics*;
4. Seja fiel a obra *fanficada*;
5. Planeje;
6. Escreva; Edite seu trabalho;
7. Escreva com consistência:
8. Escrever *fanfics* é antes de tudo um aprendizado, a evolução será vista à medida que o trabalho avançar. No entanto, é necessário, é importante que o leitor sinta linearidade e consistência, seja nos termos de narração ou na qualidade da escrita. Separar um tempo para escrever, nivelar, editar é

importante para o bom desenvolvimento de uma *fanfic*.

Depois da discussão de cada item apresentado, no ambiente de criação de *fanfics*, os alunos foram conduzidos a iniciar uma atividade de produção e leitura. Ao sentar em frente ao computador ligado, e ao abrir as janelas para a produção no site, os alunos já tinham a página da *fanfic* aberta. Isso evitava que se terminassem os tempos de aulas antes dos alunos lançarem suas produções no sistema, davam-lhes maior tempo de sentarem e somente precisar se concentrar em escrever, sem grandes tarefas a serem cumpridas antes, tais como abrir o site, clicar em buscar, etc... Mais abaixo, apontamos algumas *fanfics* produzidas em sala de aula e as impressões tiradas das mesmas.

### 5.3 PRODUZINDO *FANFIC*

Para melhor compreender o processo de elaboração de uma *fanfic*, selecionamos três *fanfics* para analisá-las, tanto a história como os comentários. Elas foram selecionadas por numeração e adotadas um pseudônimo na autoria das mesmas, para preservar os autores.

ALGUMAS FANFICS A SEGUIR RELACIONADAS:



## Fanfic1

[História Menina Bonita](#) > [Menina Bonita do Laço Colorido](#) > [A menina e o coelho; 1 tentativa](#)

### História Menina Bonita do Laço Colorido - Capítulo 1

Escrita por: [~SidneyRamos](#) [Compartilhar](#)

Postado em 18/04/2017 13:05  
 Categorias: [Cinderela](#)

Exibições 2    Palavras 116    Terminada Não

**L** LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS  
 Gêneros: [Colegial](#), [Comédia](#), [Escolar](#), [Ficção](#)

**Aviso legal**  
 Alguns dos personagens encontrados nesta história e/ou universo não me pertencem, mas são de propriedade intelectual de seus respectivos autores. Os eventuais personagens originais desta história são de minha propriedade intelectual. História sem fins lucrativos criada de fã e para fã sem comprometer a obra original.

[Estatísticas do Capítulo](#)    [Editar este Capítulo](#)    [Apagar este Capítulo](#)

1 Favoritos

Opções

Versão para Impressão

Offline

---

[História Menina Bonita](#) > [Menina Bonita do Laço Colorido](#) > [Capítulo 1#Pagina1](#) - [Comentarioid54426597](#)

### Capítulo 1 - A menina e o coelho; 1 tentativa

Era uma vez uma menina negra que morava com sua mãe. Um dia ganhou um laço para por no seu cabelo.

Quando colocou no seu cabelo se transformou em uma linda princesa negra, muito linda parecia uma princesa dos contos de fadas. Mas muitas pessoas não gostavam da menina porque ela era inteligente e começaram a perseguí-la foi quando apareceu um coelho encantado:

\_ Menina do laço de fita por que você é tão bonita assim?

A menina respondeu - Não sei deve ser porque moro no bairro do Urici

E o coelho pegou sua mudança e foi parar nas terras do bairro do Urici, mas nada de ficar bonito como a menina do laço colorido.

Atualizações

- [~RibeiraLeite](#)  
Favoritei a história  
1 minuto atrás
- [~SidneyRamos](#)  
Adicionei uma nova história  
em 18/04/2017 13:05

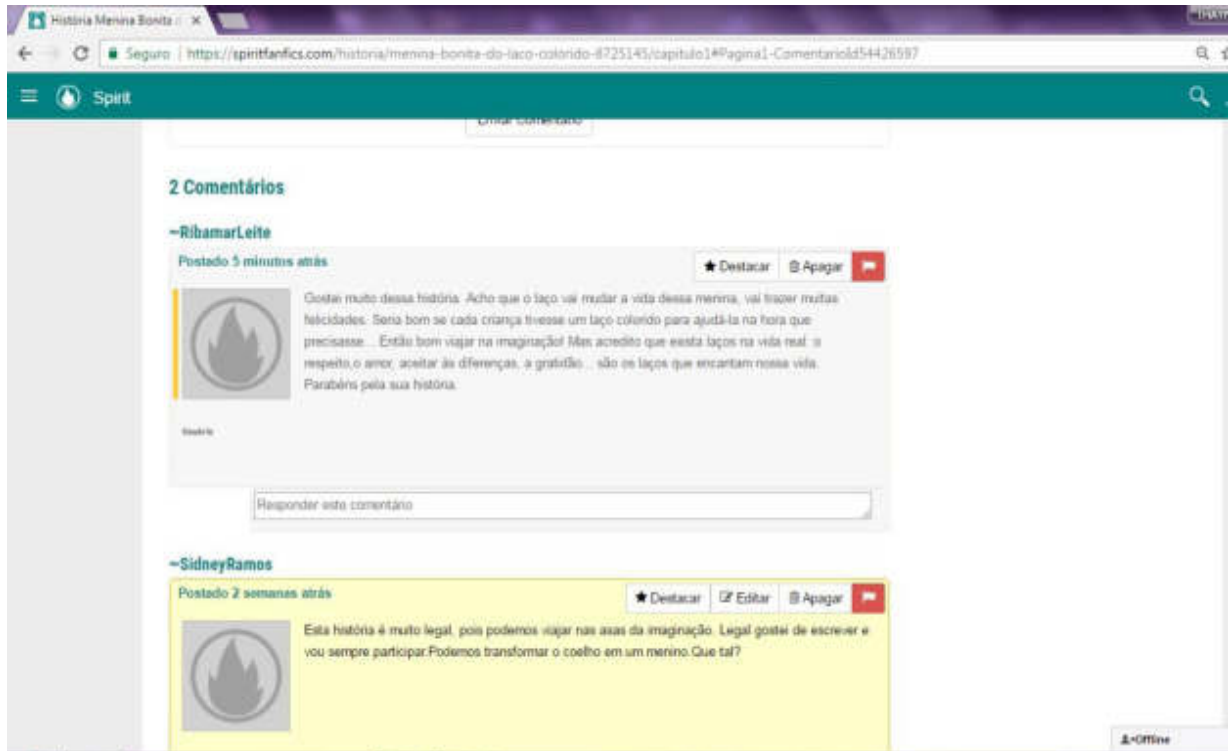
• [Veja todas as Atualizações](#)

[~SidneyRamos](#)  
Usuário

1 História    0 Seguidores

[Siga o Spirit](#)

Offline



Na primeira *fanfic*, podemos observar a criatividade do aluno em adaptar a história lida em uma história próxima da sua realidade, ao usar nomes reais, como o bairro Urici, (que de fato existe na cidade local da pesquisa) e ao mesmo tempo, misturá-lo a elementos da imaginação, da fantasia - o laço encantado. Notamos que o autor do texto procurar incentivar seu público a continuar passeando neste mundo de imaginação, quando no seu comentário emite a ideia de transformar o coelho em um menino, fazendo assim alusão a histórias ouvidas e assistidas, como por exemplo, *A Bela e a Fera*, na qual o príncipe depois de um feitiço se transforma na fera, animação passada para a turma na atividade de número um da sequência de atividades propostas nesta pesquisa.

A forma de situar os fatos, as personagens, o narrador, o espaço permite-nos compreender que o aluno depreendeu como é a estrutura de uma narrativa e que sabe diferenciar o que é literário daquilo que não é, posto que no uso da linguagem escrita, percebemos o tom de organizar as palavras e frases, como também quando usa elementos da fantasia, da imaginação. No seu comentário, o autor da *fanfic* diz “Dei asas à imaginação... Que tal o coelho se transforma em um menino?”.

Na produção da *fanfic* número um é apresentado o traço de ficcionalidade que possui. Entrelaçando imagem, e formas verbais, ela remete a um universo ficcional no qual figuram atores tal como numa narrativa veiculada por meio

impresso. Ao representar um universo ficcional, uma *fanfic* situa-se como uma narrativa literária, visto que evoca diferentes situações espaços-temporais, configurando uma história ou fábula que representa ou mimetiza situações reais ou ao menos que figuram no imaginário coletivo das comunidades que acessam o ciberespaço (Lévy, 1999, p.39).

No comentário do aluno de pseudônimo Ribamar Leite, observamos que houve a comparação entre a ficcionalidade e a vida real, o aluno levanta situações práticas da necessidade humana de amor, amizade, de aceitar as diferenças, temas discutidos na sala de aula depois da leitura do texto literário. Isso nos leva a lembrar e ratificar o que Barthes (1977, p.18) afirma sobre os muitos saberes apreendidos através da literatura, os muitos saberes. Neste comentário, o autor aborda o conhecimento filosófico ao compreender que o laço pode ser comparado a necessidade humana em muitos bons aspectos.

Os alunos descobriam o prazer de escrever para propor novos desenlaces e novas situações para uma história que foi bem assimilada e se torna autor dá o sentimento de poder, de autonomia, ser o criado é ser o dono do discurso, é entra na ordem do discurso, numa posição de mais prestígio, como autor, lembrando Foucault e seus conceitos sobre o discurso e o poder da palavra, seja falada, seja escrita.

**Fanfic2**

Protono O Coelho Encantado - Capítulo 1

Seguro | https://ipmfanfic.com/historia/o-coelho-encantado-694142L/capitulo1

Spant

RECENSÃO | HISTÓRIAS | ALIAS | MÍDIA | READING | CAPÍTULOS | GÊNEROS | CATEGORIAS | TAGS | HISTÓRICO | MÍDIA | HISTÓRIAS

Spant Fanfic2 > O Coelho Encantado > O COELHO ENCANTADO

**História O Coelho Encantado - Capítulo 1**

Escrito por: RibamarLeite

Compartilhar | Seguir Usuário

Passado 35 minutos atrás

Categorias: [Ação](#), [Fantasia](#)

Personagens: [Bela](#) (Bela)

Edição 1 | Palavras 67 | Terminado 14h

**L** **LERE PARA TODOS OS PÚBLICOS**  
 (livros Ação, Fantasia, Ficção)

Antes de ler

Alguns dos personagens encontrados nesta história são universos não me pertencem, mas são de propriedade intelectual de seus respectivos autores. Os eventuais personagens originais desta história são de minha propriedade intelectual. História sem fins lucrativos criada de 15 a 20 anos. Não se comprometer e não plagiar.

Adicionar aos Favoritos  
 (usuário adicionado em 2024-08-15)  
 Saiba mais

Opções

Verão para impressão

Atualizações

Adicionar aos Favoritos  
 Adicionar à Biblioteca  
 Denunciar este Capítulo

Ribamar Leite  
 Adicionou uma nova história  
 24 minutos atrás

0-0000

História O Coelho Encantado - Capítulo 1

Escrita por: **RibamarLeite** [Compartilhar](#)

Postado 52 minutos atrás

Categorias [A Bela e a Fera](#)

Personagens [Bela \(Belle\)](#)

Exibições 1 Palavras 67 Terminada Não

**L** LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS  
Gêneros: [Ação](#), [Aventura](#), [Fantasia](#), [Ficção](#)

**Aviso legal**  
Alguns dos personagens encontrados nesta história e/ou universo não me pertencem, mas são de propriedade intelectual de seus respectivos autores. Os eventuais personagens originais desta história são de minha propriedade intelectual. História sem fins lucrativos criada de fã e para fã sem comprometer a obra original.

Adicione ao Favoritos  
Ninguém adicionou ainda aos favoritos  
Seja o primeiro!

Opções

Versão para impressão

Atualiz.  Online

RECENTES HISTÓRIAS MALAS BETA READER CAPÍTULOS GÊNEROS CATEGORIAS TAGS HISTÓRIAS MINHAS HISTÓRIAS

Capítulo 1 - O COELHO ENCANTADO

4 minutos atrás

+ Veja todas as Atualizações

Wanna ajudar? [Ajude!](#)

1 História 0 Seguidores

Siga o Spirit

17.6 mil seguidores

Spirit Fanfics e Histórias

Spirit Fanfics e Histórias

Seja o primeiro a ver as atualizações e curtir!

O COELHO ENCANTADO:

Havia na floresta um coelho encantado que vivia atrás de uma menina negra que usava algo no cabelo e vivia cantando:

... Meu laquinho vermelho que coloco todo dia para me enfeitar... á..á..á..

Daí o coelho chegava perto dela e ficava tentando falar e a menina resolveu perguntar:

... Coelho bonito o que queres falar?

... Por que atrás todo dia a me ensina?

Na *fanfic* número dois, podemos perceber que a mesma segue a mesma linha de ficcionalidade da primeira, seguindo uma coerência entre a imagem do texto e a representação escrita do mesmo: Uma menina negra e um coelho. Observamos também a organização, distribuição e combinação das palavras causando musicalidade para quem ler. “– Meu laquinho vermelho que coloco todo dia para me enfeitar... á..á..á”. A linguagem simples, com supressão escrita da consoante “r” e a

acentuação da vogal “a” mostra a criatividade, a imaginação trabalhando na produção da narrativa. O leitor-autor interagindo com o texto já lido, o que Bakhtin chama de intertextualidade e recriando a partir do que já fora criado. Sendo que a proposta maior da Fanfic é essa mesma, de recontar, de recriar a partir do já contado, do já escrito, propondo finais e ações que nos agradem mais do que as criadas e colocadas pelo autor original durante a leitura, aqui, no caso, a escritora Ana Maria Machado.

Foi possível perceber que as crianças tiveram imenso prazer na recriação, em poder decidir sobre diversas alternativas e outros desenlaces para a história, novamente a questão do poder, como autor você é que cria um narrador e através dele você domina todo o enredo, você determina o destino dos personagens. O aluno se torna dono do texto, do seu espaço e conteúdo, ao recriar pode ser o CEO do texto literário, o manager, o diretor, o chefe, isso é poder.

The image is a screenshot of a web browser displaying a fanfiction page on the website 'spiritfanfics.com'. The browser's address bar shows the URL: <https://spiritfanfics.com/historia/o-coelho-encantado-8841421/capitulo1#pagina1-ComentariosId54427377>. The page title is 'História O Coelho Encantado'. The main content area features a comment form with a text input field and a 'Enviar Comentário' button. Below the form, there is a section titled '1 Comentários' with a sub-header '—SidneyRamos'. The comment text reads: 'Será o que o coelho quer fazer para menina? Acho que ele quer dizer que ela é linda, linda... Destaca a história porque coloca uma menina negra como personagem também principal, quase não vemos histórias com personagens negros como principais. Todos devem ter oportunidade seja nas histórias de ficção, de imaginação, seja na realidade. Cada um de nós temos essa beleza e devemos ser respeitados e lembrados.' At the bottom of the page, there is a footer with the 'SPIRIT' logo and a list of navigation links including 'Ajuda / FAQ', 'Ajuda de Português', 'Fale Conosco', 'Informações', 'Política de Privacidade', 'Regras de Postagem', 'Sobre', 'Beta Readers', 'Capítulos', 'Equipe', 'Embaixadores', 'Membros', 'Jamais', 'Médias', 'Animes & Mangá', 'Bandas & Músicas', 'Carbons', 'Celebidades', 'Filmes', 'Games', 'Listas', and social media icons for Facebook, Instagram, Twitter, Google Plus, and YouTube.

## Fanfic3

Esta imagem é uma captura de tela de uma página de fanfiction no site Spirit Fanfics. O navegador mostra a URL <https://spiritfanfics.com/historia/menina-bonita-do-laço-encantado-8842540>. O título da história é "História Menina bonita do Laço encantado", escrita por "thaynandes".

**Sinopse:**  
A história conta a vida de uma garotinha que não tinha muito lazer em sua família pois ela tinha que ajudar seus pais na roça pra conseguir o sustento de sua família, até um dia quando ganhou um laço encantado que a levava para um mundo totalmente diferente de sua realidade.

Informações adicionais:  
 Iniciado agora mesmo  
 Atualizada 1 minuto atrás  
 Idioma Português  
 Categorias [A Garota da Capa Vermelha](#)

Metadados:  
 Exibições 0 | Comentários 0 | Palavras 122 | Terminada Não

Barra lateral direita:  
 Adicione aos Favoritos: Ninguém adicionou ainda aos favoritos. Seja o primeiro!  
 Atualizações: Nenhum usuário adicionou uma nova história...  
 Perfil de "thaynandes" (Offline): Adicionei uma nova história...

Esta imagem é uma captura de tela do primeiro capítulo da fanfiction. O navegador mostra a URL <https://spiritfanfics.com/historia/menina-bonita-do-laço-encantado-8842540/capitulo1>. O título do capítulo é "Capítulo 1 - Mundo encantado".

Conteúdo do capítulo:  
 Menina bonita do Laço encantado.  
 Havia uma menina que usava um laço que era mágico no seu cabelo. Ele levava a garota para um mundo encantado, onde não tinha limite para diversão, já que no mundo em que ela vivia não tinha diversão. A sua vida era ajudar seus pais na lavoura para conseguir seu alimento de cada dia.  
 O lugar para onde a menina ia havia muitas crianças, guloseimas, brincadeiras, flores e animais de todos os tipos e o mais interessante era que eles falavam. Outra coisa muito legal era que as crianças desse mundo encantado era todas amigas não importando se a criança era baixa, alta, gorda, magra, negra, branca, parda ou indígena, todo mundo se gostava no mundo encantado.

Barra lateral direita:  
 Perfil de "thaynandes" (Offline): Adicionei uma nova história... 2 minutos atrás.  
 Veja todas as Atualizações.  
 Estatísticas do usuário: 1 História, 0 Seguidores.  
 Botão "Siga o Spirit".

Nesta *fanfic*, verificamos que a autora faz um paralelo entre os dois mundos vividos pela personagem: Um que existia como um conto de fadas, a partir do uso do laço, no qual existia tudo que a personagem queria, e outro que era o oposto do mundo encantado. A autora usando sua criatividade e os conhecimentos prévios já adquiridos para mostrar um desejo dela própria: Um mundo em que todo mundo se gostava. A autora descreve os ambientes usando a menina personagem para

representar o desejo de toda criança: Diversão, guloseimas, a vida sem preconceitos, com respeito às diferenças e o bem querer de uns para com os outros. Comparando esse mundo com a dura realidade vivida pela personagem e também pela autora, posto que a maioria dos alunos da escola lócus da pesquisa são crianças, pré-adolescentes e adolescentes que convivem com a dureza do trabalho da roça, da escassez na mesa e de poucas brincadeiras. A literatura, segundo Cândido, possui esta função de retratar a realidade.

A autora usa a imaginação ao criar o laço encantado, ao usar elementos espaços-temporais, ao imaginar os dois mundos, fazendo um paralelo entre ambos, ao evocar outras vozes, da vida real, do sonho e da fantasia, ao relacionar outras leituras, ao usar a linguagem, ao usar uma diferente posição do narrador em relação ao texto narrado, ao emitir a fruição do imaginário e do diversos saberes que podemos aprender e desenvolver na continuação da narrativa, ou naquilo que já foi dito por ela.



☰ Spirit

## Capítulo 1 - A Brincadeira



Havia uma criança muito esperta que conseguia driblar quaisquer pensamento. Um dia o seu amiguinho coelho a desafiou. Quero ver você beber o leite sem tocar o chão, ela cheia de travessura subiu na mesa e bebeu o leite, ela rapidamente, o desafiou a tomar o mesmo leite sem tocar as mãos, e o coelhinho puxou com os dente o copo e tacou-o no chão, em seguida perguntou: \_ Poço tentar novamente? É claro, e ele se lambuzou no leite por toda a cara. E ela pegou o copo com os braço e tomou todo o leite da garrafa. E ele, que coisa mais abusada!

Outras histórias de FranLey

[O narido](#)

Na *fanfic* acima denominada pelo o capítulo *A Brincadeira*, verificamos que a imaginação do (a) autor (a) imita os contos infantis. Usou como personagens as personagens do conto original, no entanto modificou totalmente a história, o que nos leva afirmar que a *fanfic* trabalha a criatividade do aluno, a organização das ideias, proporcionando deleite e aprendizado através da leitura e criação do texto.

O autor (a) do texto faz uma relação entre o título e o que é narrado pelo primeiro capítulo se resumindo em uma brincadeira entre a menina e o amigo coelho. Destaca as características da menina como uma menina muito esperta e que driblava qualquer pensamento: “Havia uma menina muito esperta que conseguia driblar quaisquer pensamentos”. Analisamos que o verbo driblar foi usado com uma conotação de contornar e pensamento com uma conotação situação, ou seja, de qualquer situação problema e desafiadora a menina por ser esperta conseguiria se dar bem, como aconteceu no capítulo escrito.



A imagem de uma menina negra e alegre mostra que o referido autor (a) entendeu o assunto discutido nas aulas sobre a leitura do livro “*Menina Bonita do Laço de Fita*” e a temática apresentada e trabalhada que foi sobre o negro. Observamos que no capítulo desde, a imagem foi apresentada foi a de uma menina dona de si, totalmente empoderada. Um retrato daquilo que devemos ver, ser e respeitar em se tratando das questões étnico-raciais. Apresenta uma versão diferente daquela em que se ver por parte do preconceito racial.



The screenshot shows a fanfiction interface on a platform named 'Spirit'. At the top, there are three buttons: 'Estatísticas do Capítulo' (blue), 'Editar este Capítulo' (green), and 'Apagar este Capítulo' (red). Below these buttons, the chapter title 'Capítulo 1 - A Resposta!' is displayed. A central image shows a white rabbit sitting in green grass. Below the image, there is a paragraph of text in Portuguese:

Era uma vez um coelho bem branquinho de focinho inquieto que não parava de mexer. Um dia ele conheceu uma garotinha de uma beleza exuberante, que tanto lhe chamava atenção. Certo dia resolveu perguntá-la: \_ Que fizeste tu menininha para ter essa beleza? Desfiaste a noite para se enrolar em seus mistério! Ela riu, olhou-o e disse: \_ E você? Desfiaste as nuvens em um dia ruim para ter essa beleza opaca!

Nessa fanfic observamos que houve um aproveitamento da história original com algumas trocas. As personagens continuam sendo o coelho e a menina que dialogam sobre suas cores. A surpresa foi a resposta da menina para o coelho, visto que enquanto ele a elogia pela beleza de sua cor: “- Que fizestes menininha para ter essa beleza?” A menina ri e responde ironicamente: “ E você? Desfiastes as nuvens em um dia ruim para ter essa beleza opaca!”. Pelos os adjetivos ruins e opacos percebemos que a menina estava irritada com o coelho, o que nos leva a criar conjecturas sobre a possível irritabilidade da menina: 1. A mescla da ficção com a realidade- Uma possível situação vivida pelo autor(a) do texto que pode ter sido rejeitada pela cor da pele por uma pessoa de cor branca; 2. A pergunta do coelho pode entendida ironicamente pela menina ou foi essa a intenção do autor (a).

Chegamos à conclusão que houve entendimento das discussões sobre a temática trabalhada e que a autora quis com sua resposta “dar” uma resposta para as provocações ouvidas, discutidas em sala e quem sabe até mesmo vividas no dia a dia.



### Capítulo 1 - Coelho invisível



Era uma vez, há muito muito tempo havia um lugar bem distante, onde morava crianças que por algum motivo tiveram de se submeter a vida adulta para sobreviver. Entre elas uma criança de pele da cor da noite e cabelos com ondas bem curtas como as dos mar. Ela tinha uma imaginação que toda noite dava asas a seus sonhos e um coelho invisível vinha para com ela brincar. Eles percorriam lugares belíssimos onde tudo se transformava em brinquedo e muita diversão.

Podemos inferir nessa *fanfic* que há uma conexão entre a cor da pele e a vida sofrida, na qual os sonhos são os caminhos para tranquilidade e paz. A história inicia com “Era uma vez...” expressão usada nos contos infantis, em contos de fadas. Mostra-se que houve internalização dos assuntos discorridos e trabalhados anteriormente a produção da *fanfic*. Há mudança completa da história original, porém as personagens permanecem.

☰
Spirit

📊  
 Estatísticas do Capítulo

✎  
 Editar este Capítulo

🗑️  
 Apagar este Capítulo

## Capítulo 1 - Como conheci o coelho nariz de Fadas



Num pequeno vilarejo morava uma senhora bem velhinha que amava contar história do seu tempo de juventude. Ela disse que certa vez apareceu na varanda de sua casa algo muito inusitado, pulando de um lado para o outro, meio que atrapalhado. Tinha uma curiosidade bem aguçada, daquela que não deixa nada escapar. De repente ela ouviu uma voz meia que rouca perguntando: \_ Qual é teu segredo para uma beleza divina? Aquilo tornou-se habitual dia após dia. Achei engraçado e sempre falei o que de logo veio-me a mente. Era o coelho nariz de Fadas.

No texto produzido acima percebemos que o narrador é um narrador mesclado em narrador observador, o que é facilmente percebido no início da história e o narrador personagem quando no final da história se mostra através da fala: “- Achei engraçado e sempre falei o que de logo veio-me à mente...” A história recriada traz o coelho curioso da história original, no entanto embora a imagem apresente uma menina o texto fala de uma velhinha que contava histórias. Essa maneira de escrever a história traz ao final do texto uma dimensão de espanto e admiração, o que sem dúvida nenhuma torna o texto mais dinâmico e interessante.

rit

Estadísticas do Capítulo

Editar este Capítulo

Apagar este Capítulo

## Capítulo 1 - Diamante negro



Havia uma menina muito bela, que tinha os olhos da cor do diamante negro e a pele cor de caramelo. Ela amava contar historinhas sempre que o coelho perguntava sobre sua beleza. Ela dizia que ele tinha que misturar o leite com café e bebê-lo para ficar da cor de chocolate, outras vezes, dizia ao coelho, que teria de tomar banho no Reino de Luar ou ser um príncipe da Terra da África, assim como sua vovó para aquela beleza ganhar.

A observação nesse texto está na recriação da história original apresentando a menina e o coelho e citando parte da história original como: Reino do Luar, Terra da África, a avó como originária da sua cor bela, etc. O texto faz um jogo de palavras e desencadeando a musicalidade: "... assim com sua vó para aquela beleza ganhar". A imagem procura imitar as imagens da menina da história original: uma menina negra, com cabelos penteados e dados laços nos cachos. O movimento pensante da menina na imagem faz compreendermos as ações da mesma de criar histórias para o coelho.



Estatísticas do  
Capítulo



Editar este  
Capítulo



Apagar este  
Capítulo

## Capítulo 1 - Menina Bonita



Havia uma criança que tinha um amiguinho branco como leite. Ela gostava muito de brincar no quintal de sua casa com ele, e ele sempre lhe fazia a mesma pergunta todos os dias: \_ Menininha qual o mistério por trás de sua beleza? Aquilo para ela era muito divertido, pois amava inventar historinhas para ver seus amiguinho fazer o que ela dizia. \_ Eu comi jabuticaba beijando a noite. Ao anoitecer comia as jabuticabas na esperança de conseguir beijar a noite, até que adormecia.

No capítulo desta *fanfic*, o aluno (a) recria as respostas da menina da história original acrescentando elementos do próprio texto recriado: “- Eu comi jabuticaba beijando à noite...”. O elemento jabuticaba foi apresentado na história recriada como o alimento necessário para se tornar pretinho como a menina. Nessa utilização d discurso, de elementos de outro texto pode perceber a intertextualidade fazendo parte da criatividade do autor (a).



## Capítulo 1 - Menina dos cachos encantados



Havia um coelho que tinha as orelhas cor-de-rosa e bem empinadas, de nariz inquieto e pelo macio. Era astuto como ele só. De tanto observar a menina e ver sua mãe fazendo tranças em seus lindos cachos que de tão pretos lembrava cachos de uvas de tão maduras era azuladas. Se aproximou da garota para observar sua mãe entrançando aqueles belos cachos e qual segredo ela usava. Pois, o coelho tinha um grande sonho, ter uma filhinha igualzinha a menina dos cachos encantados.

O texto apresenta uma nova versão com o mesmo enredo: Um coelho que queria ter uma filhinha igual a menina. O que foi priorizado neste texto não foi a cor da menina e sim os cachos, que por sua vez eram encantados. Houve a substituição de itens, como exemplo cachos de uvas maduras, que por sua vez substitui a pele negra da menina da história original. O capítulo deixa aberto para mais produções e chegarmos à conclusão sobre os cachos encantados. Na imagem priorizou-se um coelho branquinho, ao invés de uma menina negra.

## Capítulo 1 - Minha cor, minha história



Há muitos anos atrás, em um tempo bem remoto havia dois seres distintos, mas com o mesmo desejo pelo novo. Até que um belo dia um deles avistou algo de beleza plena era o ser mais lindo e perfeito que conhecera. Admirá-lo era algo prazeroso, aos poucos foi se aproximando até que, tomou coragem e se aproximou. Então, perguntou-lhe: \_ Qual o segredo para ter a cor mais bela e rara do universo em um somente ser? Ligeiramente, ouviu-se uma voz ecoar: \_ Minha cor vem da minha origem, cada cor tem a ver de onde viemos, das misturas dos sangues vermelhos com a descendência negra, indígena e branca... se sou negra com certeza a minha família, meus ancestrais são e foram negros...

Esse texto preferiu pelo anonimato das personagens, o que faz a curiosidade e a criatividade ser aguçadas: Quem seria esses dois seres distintos? Quem seria o mais belo? Retrata fortemente o entendimento sobre as discussões feitas em sala anteriormente sobre a descendência de cada um, referente à cor da pele. Refaz o diálogo de forma clara e objetiva, mostrando segurança da personagem ao falar sobre sua cor. A imagem escolhida foi propícia para esta maturidade das personagens: Uma criança negra com semblante firme e seguro como deve ser a realidade.

Spirit

Estatísticas do  
CapítuloEditar este  
CapítuloApagar este  
Capítulo

## Capítulo 1 - O Mistério



Havia um reino de tão perto era tão longe, nele morava um coelho muito curioso que percorria o universo em busca de seres de outras cores. Ele não conseguia entender porque era tão branco, enquanto, a noite era tão escura. E sempre se questionava: \_ Que tinta pincelou o céu em noites turvas se era o mesmo céu de dia claro? Chegou, então, a um mundo bem diverso e conheceu Luna. Seu corpo tinha fragmento da noite turva como breu e risos claros como dia ensolarado. Aquela era a cor do elo que perdido dos tempos passados...

Nesse texto o autor (a) brinca com as personagens invertendo os papéis da história original: Aqui o coelho branco questiona-se por causa de sua cor: “Ele não conseguia entender porque era tão branco, enquanto à noite era tão escura.”. No final do texto há um enigma colocado o que trará motivos para a continuação da história, fala-se de um elo perdido dos tempos passados. Que elo seria esse? A criatividade, o mistério que tanto encantam as crianças e leitores em geral.



## Capítulo 1 - O pedido



Havia uma menina que morava em um lugarejo muito pacato. Ela não tinha brinquedos para brincar, um certo dia ela fez um pedido ao luar: \_ Quero um amiguinho bem divertido que saiba todas as brincadeira do universo. No dia seguinte, ganhou um coelhinho nariz de palhaço que dava risadas em seus tropeços. Para ela, era algo maravilho já que sua vida era apenas trabalhar para tentar sobreviver com sua mãe, pois não tinham ninguém para as socorrer daquela tamanha aflição, faltava o leite, sobrava decepção. E o coelho conseguia devolver-lhe o chão...

A fantasia e realidade se fundam nesse texto. A menina que fez um pedido ao luar ganhou um amiguinho, um coelho nariz de palhaço. Essa amizade fazia a menina esquecer a vida dura que vivia. Percebemos na análise do texto que muitas vezes a literatura representa uma forma de realidade vivida, ou pelo o autor ou por pelo leitor. De acordo com o conhecimento da turma trabalhada inferimos que esta é uma realidade vivida pela maioria dos alunos da escola lócus da pesquisa. O ato de escrever, de viajar na imaginação, na criatividade ajudar os leitores/escritores amenizar o sofrimento da dura realidade.

## Capítulo 1 - Os Amigos



Há muito tempo, num passado bem distante deste que conhecemos, existia uma garota que tinha os cabelos parecidos com cachos de uvas daquelas bem negras, os lábios carnudos como maçãs, de cor de mel, tinha a pele e os olhos negros como a noite em eclipse, sua pele macia como puma. Ela parecia diamante negro dos mais raros e mais belos que existira. Na verdade parecia uma princesa daquelas de conto de fadas, ainda mais porque tinha um coelho falante que de tão pateta chegava ser engraçado, vivia se tropeçando, aquela beleza o hipnotizava...

Na introdução desse capítulo denominado *Os amigos* foi usada a expressão “Há muito tempo, num passado bem distante...” demonstrando conhecimento sobre os contos de fadas. Apresenta uma descrição da personagem de forma detalhada e rica em observações: “... de cor de mel, tinha a pele e os olhos negros como a noite em eclipse...” Para chegar nessa riqueza de detalhes o autor (a) usa a figura de linguagem comparação e advérbios de quantidade, mais. No final do capítulo apresenta a garota negra parecida como as princesas dos contos de fadas, notamos que a mensagem é de dizer que uma garota negra pode ser princesa de conto de fadas. Há uma realidade vista dos contos tradicionais, os quais apresentam sempre uma princesa branca dos olhos azuis e uma realidade possível de ser vista apresentada pelo o narrador observador do texto: “Na verdade parecia uma princesa daquelas do conto de fadas...” Não era a princesa do conto de fadas, no entanto trazia a beleza da mesma em aspectos físicos diferentes.

## Capítulo 1 - Sonho e realidade



Em um mundo onde os sonhos eram ilusões mais impossíveis de existir e proibido de ter, existiu uma criança capaz de quebrar barreiras entre os universos para reatar o elo perdido da verdadeira amizade. Toda noite sonhava com um mundo onde a cor da pele seja ela negra, branca, parda, indígena ou mulata não fosse o impedimento para olhar um para o outro como um ser e compartilhar da mesma alegria de viver e ser amado, simplesmente por existir...

Nessa *fanfic* há a ilustração de dois mundos com toque de realidade: O mundo de sonhos, no qual coisas impossíveis ao mundo real podem acontecer, e o mundo real cheio de preconceito e dor. Há uma perspectiva do narrador do mundo real ser transformador em um lugar possível de ser viver, sem preconceito. Inferimos que houve aprendizado sobre o tema discutido em sala de aula e o autor (a) apresenta seu desejo e busca na fantasia, na criatividade o seu desejo de mudança.

## Capítulo 1 - Coelho levado



Havia um coelhinho levado e muito atrapalhado que ia de quintal a quintal em busca de crianças para brincar. Ele já estava desanimado porque não conseguia nenhuma criança para brincar, é como se ele fosse visível a elas. Um certo dia pediu a mãe natureza algo que o tornasse visível a uma criança mais que fosse aquela que mais gostasse de brincar assim como ele.

A mãe natureza disse ao coelhinho levado para procurar nos jardins, uma menina de olhos pretos como o véu que cobre a noite, de pele cor de mama cachorra que de tão madura chega ser azulada. Que usa laço de fita para enfeitar seus cabelos, trançado por sua mãe. Aquela menina, desde então, tornou-se sua melhor amiga, companheira de suas aventuras.

No texto apresentado verificamos que a autora troca algumas palavras, por exemplo, ao dizer “... é como se fosse visível a elas”, “... de pele cor de mama cachorra que de tão madura...”. Percebemos pelo o contexto apresentado a autora quis escrever invisível, ao invés de visível e manga, ao invés de mama, visto que a manga cachorra é uma espécie de manga muito conhecida pelos alunos e moradores locais. Este fato é um recurso que pode trazer comentários nas participações sobre a *fanfic* fazendo com que o próprio autor faça a partir das mesmas suas próprias correções e desenvolva o diálogo com os participantes colaboradores dessa *fanfic*. Houve uma recriação de toda história, lançando mão



apenas das personagens da história original.

Spirit

RECENTES DESTAQUES AULAS BETAS READERS CAPISTAS GÊNEROS CATEGORIAS TAGS HISTÓRICO

## Capítulo 1 - Coelho contador de histórias



Havia um coelho que amava contar historinhas. Só que ele estava ficando muito triste porque não tinha ninguém mais para ouvi-lo. Pois tinha se perdido da sua família na floresta, então ouviu uma voz distante dando lindas risadas e quanto mais se aproximava mais hipnotizado ficara por aquela linda e doce voz, era uma linda menina brincando em seu quintal.

Então, ele aproximou da garota e começou a contar-lhe suas historinhas de aventura pela floresta. Deu um passo à frente e delicadamente tocou a pele da criança, olhou em seus olhos e disse: \_ você têm os olhos e a pele tão linda da cor da pantera negra que percorre a floreste em noites turvas e como um passe de mágica seu brilho reluz como o mais lindo dos cristais.

No capítulo produzido acima observamos que houve a mudança da história, contudo as personagens principais da história original permanecem. Uma história baseada no encontro do coelho e da menina, a amizade e o encanto do coelho pela menina. O narrador é observador que descreve a menina com detalhes minuciosos. A criatividade, as fantasias fazem parte desse capítulo.

## Capítulo 1 - Pepeu mãos de fada



Havia uma menininha que ganhou de presente de sua mãe uma linda fita. Ela disse a garota que aquela fita era muito especial, era herança de sua família. Toda vez que usasse aquela fita, ao dormir conseguiria percorrer em sonhos a história de seus antepassados e descobrir o mistério de sua beleza e como conheceu o mais travesso dos amigos o coelho "Pepeu mãos de fada".

Enquanto a menina ouvia a linda história da fita, o mais travesso dos amigos esperava do outro lado mundo aventurar-se novamente. Chegou a noite, a garota adormeceu abraçada com a fita. Foi assim, que conheceu "Pepeu mãos de fada", fazia cada penteado digno de uma verdadeira princesa, suas mãos parecia mesmo ser de fada que até em acessórios a transformava.

A imagem desse capítulo se conecta com a história narrada, uma criança fazendo magia. Na história se elegeu fita como peça chave para o desenrolar da história. A história foi totalmente recriada de forma muito criativa ao citar um novo personagem: Pepeu mãos de fada.

## Capítulo 1 - Coelho atrapalhado



Havia um coelho todo atrapalhado que tinha uma das orelhas caída. Que gostava muito de dar cambalhota na grama ao ar livre. Ele sonhava muito em ter uma amiguinha para brincar. Já que todo dia observava uma bela criança brincando em seu jardim. Ele a imitava mais não tinha coragem de se aproximar dela. Ele sabia que a menina era a criança que queria como sua amiga.

No mundo em que o coelho vivia todos eram pálidos sem cor e a menininha tinha uma beleza que o coelho tanto sonhou. Até que um dia ele criou coragem e se aproximou da garota e lhe perguntou: você deixa eu ser seu amigo e brincar com você? Ela disse, sim. Ele ficou tão feliz que não se continha em si e corria de um lado para o outro pulando e dando belas cambalhotas.

O tema do capítulo *Coelho Atrapalhado* fala sobre a amizade. O mundo do coelho era um mundo onde todos eram pálidos, sem cor. Inferimos que essa palidez, essa falta de cor seja a falta de amizades, de alegrias. O coelho sozinho pode representar as crianças sem amigos. A história foi totalmente recriada, usando apenas as personagens principais da história anterior.

## Capítulo 1 - Linda menina dos olhos pretos azulados



Havia uma menina de olhos tão pretos que chegava a ser azulados, cabelos cacheados como uma gavinha e preto como o breu que sela a noite. Ela amava quando sua mãe fazia trança envolvida pela fita colorida. No inverno a fita dava cor a neve intensa daquela cidade e assim a menina tinha em sua rua um parque de diversões e com a neve dava vida ao coelho imaginário.

No mundo em que a menina vivia havia pouquíssimo brinquedo da sua cor. Ela não conseguia entender e por isso, ficara muito triste. A criança não conseguia se ver naquele mundo. Então, esperava até chegar o inverno para brincar com seu brinquedo imaginário 'o coelho peludo' que tinha todas as cores que existia no universo, e claro, a mais linda delas, cor de canela.


O capítulo acima nos leva a inferir que houve uma apreensão sobre as discussões realizadas na sala sobre a questão do negro. O autor (a) do texto faz uma análise bastante importante e revela a realidade vivenciada por toda comunidade negra: A falta de representatividade do negro no mercado de fabricação, no texto a personagem, segundo o narrador observador, indaga o porquê de não se ter brinquedos, ou ter pouquíssimos brinquedos na cor negra.



Spirit

RECENTES DESTAQUES AULAS BETAS READERS CAPISTAS GÊNEROS CATEGORIAS TAGS HISTÓRICO

### Capítulo 1 - Coelho encantado



Um dia um coelho encantado conheceu uma jovem que tinha uma imaginação extraordinária capaz de viajar há universos perdidos dentro do ser. Ela não via a cor da pele, para ela o corpo é o reflexo da alma e a alma não tem cor, é transparente como o pingo da chuva que da vida a todo o ser.

O coelho ficou muito curioso e agraciado com a imaginação daquela criança e então, perguntou-lhe: \_se você pudesse escolher a cor de sua pele que cor seria? A menina riu educadamente e lhe respondeu: \_ Não mudaria nada, apenas a falta de amor e respeito um pelo outro e logo em seguida, perguntou: - E você, mudaria algo? \_ Sim, teria a cor do meu doce predileto, caramelo.

O texto representa a aceitabilidade da cor da pele, a segurança da menina nos leva a afirmar a importância de discutir a temática em sala de aula através da literatura, visto que na produção, na leitura de obras há vazão para falarmos aquilo que pensamos, ou desejamos. Podemos retratar uma dura realidade usando a fantasia, a criatividade.

## Capítulo 1 - Coelho branquinho como a neve



Um lindo dia uma criança brincando no quintal de sua casa encontrou um coelho branquinho como a neve. Ele tinha um focinho inquieto e cada vez que espirrava ele realizava um de seus maiores desejos. Então, ele desejou falar para conversar com a menina já que ela todo dia conversava sozinha ao brincar.

A garota não sabia mais o coelho amava ficar ali em seu quintal a admirando. Ela tinha uma beleza rara que ele muito sonhara em um dia ter. No dia seguinte, ao se encontrarem de novo ele perguntou a criança se ela topava somente por um dia trocar com ele sua cor, ela sem titubear aceito o pedido, mas impôs uma condição: não perca sua essência ainda que o mundo não te estenda a mão. Para eles não existia uma cor e sim, um irmão.

Nesse capítulo podemos perceber que houve uma recriação da história original entrelaçada com as discussões sobre a questão do negro realizada em sala de aula. A menina aceita trocar sua cor com o coelho, contudo colocar uma condição: Que ele não perdesse a sua essência, ainda que o mundo não o aceite. Ainda que o mundo trate o negro com desprezo devem-se valorizar os bons sentimentos.

## Capítulo 1 - Coelho de pelo cor-de-rosa

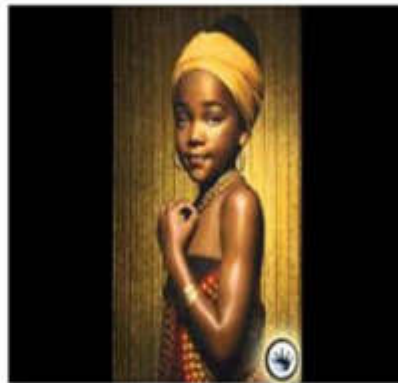


Num reino muito distante havia um coelho de pelo cor-de-rosa que usava na ponta do chapéu um laço doce como mel capaz de adoçar a vida mais amarga que o fel. Toda vez que alguém em algum lugar da terra tivesse triste com o coração amargo ele ia adoçar sua vida. Para ele a vida é bela em sua plenitude para deixar ser amarga.

Foi assim que ele conheceu o mundo real em que a menina de cachos de uva vivia com sua família. Por ela ter a pele mais rara cheia de melanina de valores inestimáveis, era sempre machucada pela aquela sociedade. Ele cuidou logo de curar adoçando a vida daquela sociedade amargurada e aquela criança a partir daí não soube mais o que é ser discriminada.

A temática do texto aborda o preconceito contra o negro na sociedade. Na história a vida sofrida pela personagem menina somente passa quando foi “adocicada” pelo mel do laço do coelho, representando o amor, o respeito, a solidariedade que tanto é necessário em um mundo cheio de preconceito. A imaginação do autor (a) em transformar a realidade em um texto cheio de imaginação e verdade.

## Capítulo 1 - Amor além da fronteira.

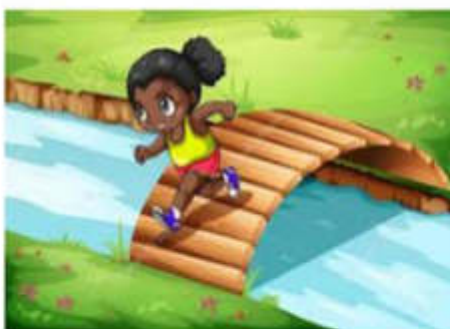


Havia uma menina muito linda parecida com uma princesa das Terras da África. Sua mãe amava fazer tranças bem alegre com laço na ponta. Seus cabelos tinha ondas como o mar e sua pele era da cor da noite sem luar. Ela tinha um amiguinho muito curioso, o Theo, que gostava muito de perguntar: \_ qual o segredo para ser tão linda como fadas do Reino de Luar?

O Theo era deslumbrado pela cor da sua amiguinha. Para ele, não havia uma garota mais linda do que ela. Por isso, sempre a perguntava o segredo de tanta beleza. A menina com a inocência de uma criança dava sempre uma solução para sua beleza. Porém, ele não tinha êxito, até que um dia a mãe dela contou-lhe o segredo que era o amor que ultrapassa quaisquer fronteira.

Na *fanfic* acima percebemos que na recriação do texto original houve poucas mudanças, embora significativas pelo fato do autor (a) mostrar a compreensão da temática da leitura da história original e pela criatividade de substituir o coelho pelo personagem Theo e a descoberta do segredo de sua cor: que era o amor que ultrapassa qualquer barreira.

## Capítulo 1 - Vida um ato de sobrevivência



Havia uma criança que morava num lugar belo. Tinha uma família maravilhosa, muitos amigos, uma paisagem belíssima e uma vida perfeita, com uma cultura, uma identidade. Todos se conheciam e partilhavam do mesmo mundo. Ela tinha o cabelo em forma de espiral, os olhos e pele da cor de berinjela madura. Tinha algo consigo inseparável, uma fita em forma de laço.

Um dia seu mundo do nada mudou. Teve que se aventurar por um mundo distante e desconhecido, onde o céu e o mar seus melhores guias, sua família e amigos ficaram para trás junto com a esperança de os vê-lo um dia. A vida tornou-se um ato de sobrevivência e o céu que fora um guia, agora, seu teto, sua casa. E a água que tinha em abundância falta até para beber.

No capítulo da *fanfic* acima houve uma recriação total da história original, exceto a menina negra como personagem principal. O autor (a) apresenta dois mundos: o mundo dos sonhos e o da realidade, embora os dois mundos façam parte da imaginação escrita, inferimos pelo fato das dificuldades enfrentadas pelos alunos da turma da pesquisa, nessas dificuldades há a falta de água, a dureza do trabalho na roça, etc.



Um detalhe observável nas *fanfics* produzidas foi à habilidade de fazer a sinopse do texto produzido apenas com as observações realizadas em outras *fanfics* encontradas no ambiente virtual e poucas explicações do professor e do tutor tecnológico. Essa capacidade de observação nos levou a perceber a importância do contato com outras experiências, outros modelos, outros exemplos “apalpáveis”, para podermos direcionar e dar segurança ao aluno que irar produzir o texto. Não basta dizer como fazer, mas temos que mostrar como fazer. O ambiente virtual torna esta necessidade mais perto do aluno, na procura de imagens, nos exemplos citados, etc. Logicamente, devemos ter o cuidado de levar o aluno a compreender o que é uma adaptação e o que uma cópia, e nessas trocas de informações o aprendizado vai se firmando a patamares maiores daquele esperado. Tudo isso é vivenciado no ensino e aprendizado da leitura literária.

Através dos sites de hospedagem das *fanfics* são possíveis o contato direto entre emissor e o receptor de uma mensagem, o que percebemos entre o autor da *fanfic1* e 2, assim também é possível a inversão de papéis entre eles. Isso é possível pelo diálogo que acontece entre eles de forma constante durante a produção textual, ou depois da produção (Costa, 2009, p. 34). As *fanfics* foram produzidas no site [www.spritifanfic.com](http://www.spritifanfic.com), sendo que existem diversos outros sites que oferecem espaço para leituras e divulgação de *fanfics*.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na introdução deste trabalho, comparamos a tentativa de introduzir o ensino da literatura no Ensino Fundamental com a prática do abrir e fechar janelas. Agora chegando ao final de uma experiência dessa prática, chegamos à pergunta: Mudamos a maneira do abrir e fechar janelas ou mudou o nosso olhar?

Entendemos que o ensino da literatura para o Ensino Fundamental é possível e necessário, uma vez que a literatura traz humanidade ao homem robustecido dos males da sociedade, mas ainda compreendemos que a leitura do texto literário é o ponto inicial dessa humanização, porque somente ele consegue ampliar o prazer, a compreensão, a imaginação, o interesse, e, sem dúvida nenhuma o conhecimento geral do homem e do meio que o cerca.

O atual processo de leitura literária ainda não tem propiciado um aproveitamento adequado da literatura como área de conhecimento autônomo, já que, muitas vezes, os livros didáticos priorizam somente o ensino da gramática, dentro da disciplina de língua portuguesa. O ensino da literatura ou pelo menos as suas diversas abordagens ainda estão aquém das experiências que o professor poderia proporcionar aos alunos com tal ensino, acerca de imaginação criativa, ética e estética. Portanto, faz-se necessário um destaque maior e mais significativo de novas propostas de práticas pedagógicas de leitura literária na escola.

Quando pensamos em novas práticas de abordagem para o ensino de literatura, pensamos em começar pelo primeiro segmento de ensino, o Ensino Fundamental, destarte nele ser a iniciação de um projeto que se prolongará por toda vida da pessoa, por ser a base para outros segmentos que exigirá do aluno um amadurecimento como leitor. Assim, percebemos na literatura infanto-juvenil a possibilidade de evocar esse amadurecimento criativo e interpretativo, visto que a literatura infanto-juvenil consiste num recurso rico e importante por apresentar em suas histórias verdadeiras emoções e prazer, disponibilizando ao pequeno leitor o simbolismo, que subjacente nas narrativas e nas vivências de suas personagens, age no seu inconsciente e atua no seu ser, contribuindo para sua formação leitora e para a resolução, muitas vezes de conflitos interiores e familiares.

Acreditamos que os problemas vivenciados não somente pelos personagens das narrativas, mas também por tantas crianças, desencadeiam introspecção que necessita de reflexão em torno dos fatos e sendo assim, a leitura literária torna-se

também uma proposta de inclusão. Porque muitos alunos poderão se reconhecer ao se defrontarem com uma personagem que apresente uma mesma história, um mesmo conflito ou problemas de seu cotidiano. Tais experiências vivenciadas e identificadas pelo leitor apresentam oportunidade de a literatura infantil-juvenil contribuir com a inclusão e com a formação leitora do aluno. A narrativa por meio lúdico desconstrói conceitos difundidos no meio social, transgredindo normas e valores, inclusive sobre o preconceito. O argumento do texto literário proporciona a comunicação e a criação de novos saberes, e aprimoramento intelectual.

Para iniciar o trabalho da leitura literária em sala de aula de forma adequada, é preciso motivar o interesse, a curiosidade, o gosto pela produção. Entendemos que o professor deve ser o grande mediador para esse encontro do texto e o leitor, então cabe a ele desencadear os meios que permitam que esse encontro fique marcado na memória com o gosto de querer mais, que a cada descoberta através da leitura o leitor tenha consciência que precisa ir mais além, sempre buscando e recriando o mundo a partir do texto literário, que lhe proporcionará emoções, desejos, revoltas, medos, etc., mas também lhe fará crescer como leitor literário.

Nesta possibilidade de propor, de mediar o incentivo para a leitura literária é que pensamos que seria oportuno adotar como ferramenta auxiliar a *fanfic*, por ser uma ferramenta tecnológica ligada à internet, o que atualmente está presente na vida das crianças, desde a tenra idade, por ser algo permitido e possível no espaço lócus da pesquisa, por todos os envolvidos nesta experiência terem acesso gratuito a internet na escola e por último, pela maioria dos envolvidos possuírem internet em seus lares.

Há muitas reclamações de professores sobre o uso de celulares na hora de aula, pensando nisso, seria mais conveniente usar essa reclamação em favor do aprendizado da leitura literária. O aluno será levado a fazer o que sempre faz, mesmo em horas não permitidas. Contudo, de uma maneira sistematizada com objetivos propostos e conhecidos o celular pode ser usado perfeitamente para ensinar literatura e para promover a leitura.

Afinal, esses novos instrumentos tecnológicos podem, potencialmente, ampliar as maneiras com que os alunos realizem algumas atividades, incluindo novas formas de interação, Além disso, há ampliação dos os espaços de socialização de saberes, de emoções e interação didático-pedagógica. Assim, frente a tantas possibilidades, o uso de recursos tecnológicos como o celular, em contextos



educacionais, há a necessidade de se desenvolver propostas que apresentem novas possibilidades de ensino para o aluno, pois podem vivenciar novos processos criativos, estabelecendo aproximações e associações e ampliando significados antes desconexos, bem como amplia a capacidade de interlocução por meios de diferentes linguagens.

Trabalhar literatura a partir da leitura do texto literário é uma nova perspectiva abordada por este trabalho, que visa melhorar o desempenho leitor do aluno do primeiro segmento de ensino, o Ensino Fundamental, inferimos que há diversos obstáculos no caminho com intuito que o objetivo não venha acontecer, entre eles apontamos a falta de abordagem do tema ensino de literatura por parte dos Parâmetros Curriculares Nacionais para a Escola Básica.

Como o ensino de literatura somente é apresentado para o ensino médio, essa ausência da literatura na sala de aula da Escola Básica, muitas vezes, “desobriga” o professor de realizar tarefas que envolvam o ensino da literatura, porém entendemos que em se tratando da responsabilidade de cada um em formar cidadãos críticos, o que é abordado pelo os PCNs, não há como se ausentar do ensino da leitura literária, uma vez que ela é de fato uma grande aliada dessa formação.

Partimos do princípio que o professor deve iniciar o trabalho da leitura literária daquilo que pode acessar para desenvolver este trabalho: são os livros empilhados na biblioteca, os espaços da escola, a internet, talvez acessada só para pesquisa sem objetivos concretos, os materiais de mídia, etc. Porque, nesta busca e organização, o professor também vai descobrindo novas maneiras e reavaliando sua forma de ensinar, de sair do que é obsoleto e partir no alçar de novas descobertas proporcionadas pela/para o ensino da literatura.

Há que se buscar novos meios, novas tecnologias para o ensino da literatura, um ensino que haja sensibilidade, criação, transformação e interação. Meios que instiga o senso crítico e social do aluno. Que este aluno sinta-se parte do processo de aprendizagem, que possam “voar” com as histórias lidas e produzidas, que descubram que ler não é apenas gosto, mas é uma necessidade inerente de todo ser humano para se inserir como cidadão em um mundo complexo e tão cheio de desafios.

Assim, a conexão da leitura e a criação de *fanfics* no ambiente virtual devem ser encaradas como uma nova metodologia e uma nova forma de transmissão de

conhecimentos, que proporciona mais autonomia, mais dinâmica, mais interação e eficiência no alcance dos objetivos propostos.

Temos certeza de que este trabalho é apenas uma semente, no entanto que possa dar bons frutos para aqueles que se interessam pelo ensino da leitura literária em toda sua amplitude e possibilidades. Não podemos conceber que nossos alunos iniciem sua caminhada leitora sem passar pela experiência de compreender o texto literário, sem ser permitido a eles gostar ou recusar a leitura de um texto por fazer parte daquilo que ele escolheu para fazer parte do seu arsenal literário, daquilo que o provoca enquanto leitor, daquilo que o faz viajar...

Enfim, as janelas foram abertas... Enxergar o horizonte dependerá de cada olhar individual proposto para o entendimento do ensino da leitura literária, em sala de aula, na escola básica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Ricardo. **No meio da noite escura tem um pé de maravilha:** contos folclóricos de amor e aventura. São Paulo: Ática, 2006.

BAKTHIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** São Paulo: HUCITEC, 1992.

BARTHES, Roland. **Aula:** aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio da França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977/ Roland Barthes; tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. – São Paulo: Cultrix, 2013.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's).** Ensino Fundamental. Língua portuguesa- Brasília: 1998.

CADERMATORI, Lígia. **O que é literatura infantil.** São Paulo: Brasiliense, 1986.

CANDIDO, Antônio. A literatura e a formação do homem, In: **Revista Ciência e Cultura**, SPPC, V. 24, Nº 9, setembro de 1972.

COLOMER, Teresa. **A Formação do Leitor Literário.** São Paulo: Global, 2003.

COSSON, Rildo, **Letramento Literário: teoria e prática.** 2ª. ed., São Paulo: Contexto, 2014.

DICK, Teun A. Van. **Racismo e discurso na América Latina.** São Paulo: Contexto, 2008.

DU GAY, P. **Production of culture/cultures of production.** Londres: Sage/The Open University, 1997, vol. 4.

ECO, Umberto. O leitor modelo. In:- -----, **Lector in fabula.** São Paulo: Perspectiva, 1986.

FARIA, Maria Alice. **Como usar a literatura infantil na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2004.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais.** São Paulo: Vozes, 2016.

GERALDI, Wanderley (org.). **O texto na sala de aula.** São Paulo: Ática, 1998.

GIL NETO, Antônio. **A produção de texto na escola.** São Paulo: Loyola, 1992.

GOMES, Nilma Lino (Org.). Diversidade e currículo. In: **Indagações sobre o currículo.** Brasília: MEC/SEB, 2007.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1996.

KERÉNY, C. **Os Deuses Gregos.** Trad. O. M. Cajado. São Paulo: Cultrix, 1993.

KLEYMAN, A. B. Introdução: O que é letramento? Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: KLEYMAN, A. B (org.). **Os significados do letramento**. São Paulo: Mercado de Letras, 2004.

KRISTEVA, Júlia. **Introdução à Semanálise**. São Paulo: Debates, 1999.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 1985.

----- . O texto não é pretexto. In: ZILBERMAN, Regina (org.). **Leitura e Crise na Escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1981.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: O Futuro do Pensamento na Era da Informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro. Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34 Ltda, 1999.

LUDKE, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 4ª ed., São Paulo, Atlas, 2001.

LOPES NETO, João Simões de. **Contos gauchecos, lendas do sul e caso do Romualdo**. Rio de Janeiro/ Brasília: Presença/INL. 1988.

MACHADO, Ana Maria. Literatura - o direito a uma herança. In: \_\_\_\_\_. **Texturas: sobre leitura e escritos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001, p. 126-137.

MANGUEL, Alberto. **Uma história de leitura**. São Paulo. Companhia de Letras, 1997.

MANGUINEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de; Spíndola, Arilma Maria de A. **Linguagens na educação infantil III - literatura infantil**. NEAD. Cuiabá- MT: EdUMT, 2008.

PAIVA, Jane; BERENBLUM, Andréa. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. Pro- Posições, v. 20, n. 1, p. 173- 188, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v20n1a10.pdf>>. Acesso em 30 de jun. 2016.

PAULINO, Graça. Para que serve a literatura infantil In: **Presença Pedagógica**. Belo Horizonte, Dimensão, n. 25, jan/fev. 2009.

PINSKY, Jaime (org.). **12 fases do preconceito**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

PNLL. **Plano nacional do livro e da literatura**. Ministério da Educação; Brasília: Mec, Minc, 2007.

BRASIL. PROGRAMA Gestão da Aprendizagem Escolar - Gestar II. **Língua Portuguesa: Atividades de Apoio à Aprendizagem 4 - AAA4: leitura e processos de escrita (versão do professor)**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.

SANTOS, Leonor Werneck: **Análise e produção de textos**. São Paulo: Contexto, 2013.

SILVA, Paulo Vinícius Baptista da; ROSEMBERG, Fúlvia. Brasil: lugares de negros e brancos na mídia. In: DIJK, Teun A. Van. **Racismo e discurso na América Latina**. São Paulo: Contexto, 2008.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Chapecó: Argos, 2011.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Martins; BRANDÃO, Heliana Maria Brina; MACHADO, Maria Zélia Versiani (Orgs.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOUSA, E. **História e Mito**. Brasília: Ed. UnB, 1981.

TODOROV, Tzvetan. **A Literatura em Perigo**. Rio de Janeiro, Difel, 2009, p. 76.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**. Tradução de Leônidas H. B. Hegenberg, Octany Silveira da Mota e Anísio Teixeira São Paulo: Editora Nacional, 1969.

ZAPONNE, M. H.Y. Fanfics: um caso de letramento na cibercultura, IN: **Letras de hoje**. Porto Alegre. 43 (2). Abr/Jun, 2008.

ZILBERMAN, Regina. **Fim dos livros e dos leitores?** São Paulo: Editora SENAC, 2001.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert; SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos (Org.). **Multiplicidade dos signos: diálogos com a literatura infantil e juvenil**. 2. ed. Caxias do Sul: Educs, 2010. v. 01.

ZINANE, Cecil Jeanine Albert (org). **Transformando o ensino de língua portuguesa e literatura: análise da realidade e propostas metodológicas/ 2. Ed. rev. Ampl.** – Caxias do Sul: Educs, 2015.

# ANEXOS

## Texto 1

### Pepeu mãos de fada

Havia uma menina que ganhou de presente de sua mãe uma linda fita. Ela disse a garota que aquela fita era muito especial, era herança de sua família. Toda vez que usasse aquela fita, ao dormir conseguiria percorrer em sonhos a história de seus antepassados e descobrir o mistério de sua beleza e como conheceu o mais travesso dos amigos o coelho "Pepeu mãos de fada".

Enquanto a menina ouvia a linda história da fita, o mais travesso dos amigos esperava do outro lado mundo aventurar-se novamente. Chegou a noite, a garota adormeceu abraçada com a fita. Foi assim, que conheceu "Pepeu mãos de fada", fazia cada penteado digno de uma verdadeira princesa, suas mãos parecia mesmo ser de fada que até em acessórios a transformava.

## Texto 2

### Coelho atrapalhado

Havia um coelho todo atrapalhado que tinha uma das orelhas caída. Que gostava muito de dar cambalhota na grama ao ar livre. Ele sonhava muito em ter uma amiguinha para brincar. Já que todo dia observava uma bela criança brincando em seu jardim. Ele a imitava mais não tinha coragem de se aproximar dela. Ele sabia que a menina era a criança que queria como sua amiga.

No mundo em que o coelho vivia todos eram pálidos sem cor e a menina tinha uma beleza que o coelho tanto sonhou. Até que um dia ele criou coragem e se aproximou da garota e lhe perguntou: você deixa eu ser seu amigo e brincar com você? Ela disse, sim. Ele ficou tão feliz que não se continha em si e corria de um lado para o outro pulando e dando belas cambalhotas.

## Texto 3

### O Mistério

Havia um reino de tão perto era tão longe, nele morava um coelho muito curioso que percorria o universo em busca de seres de outras cores. Ele não conseguia entender porque era tão branco, enquanto, a noite era tão escura. E sempre se questionava: \_ Que tinta pincelou o céu em noites turvas se era o mesmo céu de dia claro? Chegou, então, a um mundo bem diverso e conheceu Luna. Seu corpo tinha fragmento da noite turva como breu e risos claros como dia ensolarado. Aquela era a cor do elo que perdido dos tempos passados...

## Texto 4

### Coelho levado

Havia um coelhinho levado e muito atrapalhado que ia de quintal a quintal em busca de crianças para brincar. Ele já estava desanimado porque não conseguia nenhuma criança para brincar, é como se ele fosse visível a elas. Um certo dia pediu a mãe natureza algo que o tornasse visível a uma criança mais que fosse aquela que mais gostasse de brincar assim como ele.

A mãe natureza disse ao coelhinho levado para procurar nos jardins, uma menina de olhos pretos como o véu que cobre a noite, de pele cor de mama cachorra que de tão madura chega ser azulada. Que usa laço de fita para enfeitar seus cabelos, trançado por sua mãe. Aquela menina, desde então, tornou-se sua melhor amiga, companheira de suas aventuras.



## Texto 5

### A Resposta!

Era uma vez um coelho bem branquinho de focinho inquieto que não parava de mexer. Um dia ele conheceu uma garotinha de uma beleza exuberante, que tanto lhe chamava atenção. Certo dia resolveu perguntá-la: \_ Que fizeste tu menininha para ter essa beleza? Desfiaste a noite para se enrolar em seus mistério! Ela riu, olhou-o e disse: \_ E você? Desfiaste as nuvens em um dia ruim para ter essa beleza opaca!

## Texto 6

### Diamante negro

Havia uma menininha muito bela, que tinha os olhos da cor do diamante negro e a pele cor de caramelo. Ela amava contar historinhas sempre que o coelho perguntava sobre sua beleza. Ela dizia que ele tinha que misturar o leite com café e bebê-lo para ficar da cor de chocolate, outras vezes, dizia ao coelho, que teria de tomar banho no Reino de Luar ou ser um príncipe da Terras da África, assim como sua vovó para aquela beleza ganhar.

## Texto 7

### Coelho encantado

Um dia um coelho encantado conheceu uma jovem que tinha uma imaginação extraordinária capaz de viajar há universos perdidos dentro do ser. Ela não via a cor da pele, para ela o corpo é o reflexo da alma e a alma não tem cor, é transparente como o pingo da chuva que da vida a todo o ser.

O coelho ficou muito curioso e agraciado com a imaginação daquela criança e então, perguntou-lhe: \_se você pudesse escolher a cor de sua pele que cor seria? A menina riu educadamente e lhe respondeu: \_ Não mudaria nada, apenas a falta de amor e respeito um pelo outro e logo em seguida, perguntou: - E você, mudaria algo? \_ Sim, teria a cor do meu doce predileto, caramelo.

## Texto 8

### Coelho branquinho como a neve

Um lindo dia uma criança brincando no quintal de sua casa encontrou um coelho branquinho como a neve. Ele tinha um focinho inquieto e cada vez que espirrava ele realizava um de seus maiores desejos. Então, ele desejou falar para conversar com a menina já que ela todo dia conversava sozinha ao brincar.

A garota não sabia mais o coelho amava ficar ali em seu quintal a admirando. Ela tinha uma beleza rara que ele muito sonhara em um dia ter. No dia seguinte, ao se encontrarem de novo ele perguntou a criança se ela topava somente por um dia trocar com ele sua cor, ela sem titubear aceito o pedido, mas impôs uma condição: não perca sua essência ainda que o mundo não te estenda a mão. Para eles não existia uma cor e sim, um irmão.

## Texto 9

### Coelho levado e sapeca

Havia um coelho levado e sapeca que percorria o universo a procura de uma criança para brincar. Ele buscava alguém de uma beleza esplêndida capaz de ativar o laço mágico que carregava no pescoço. Já que no mundo em que vive ninguém mais é capaz de perceber a beleza do outro. A sua vida é como se não existisse naquele universo.

Depois de dias viajando pelo espaço, a mágica do laço brilhou ao encontro daquela linda menina de cabelos cachos como a noite em breu, pele sedosa e reluzente como jabuticaba, seu olhar tinha um fulgor como o sol em pleno meio dia e seu riso era contagiante. Para o coelho a garota não tinha uma cor era simplesmente perfeita, tinha a essência de um verdadeiro ser 'criança'.

## Texto 10

### Coelho contador de histórias

Havia um coelho que amava contar historinhas. Só que ele estava ficando muito triste porque não tinha ninguém mais para ouvi-lo. Pois tinha se perdido da sua família na floresta, então ouviu uma voz distante dando lindas risadas e quanto mais se aproximava mais hipnotizado ficava por aquela linda e doce voz, era uma linda menina brincando em seu quintal.

Então, ele aproximou da garota e começou a contar-lhe suas historinhas de aventura pela floresta. Deu um passo à frente e delicadamente tocou a pele da criança, olhou em seus olhos e disse: \_ você têm os olhos e a pele tão linda da cor da pantera negra que percorre a floresta em noites turvas e como um passe de mágica seu brilho reluz como o mais lindo dos cristais.

## Texto 11

### Laço sem ponta

Existi uma menina que usa um laço sem ponta no seu cabelo que se transforma em um anjo. Ele protege a garota das longas tempestades, em seu colo não há medo e muito menos dor. Já que no mundo em que ela vive a esperança o desespero a levou. A sua vida era fugir para sobreviver das tempestades de horrores.

O anjo que aparece para a menina tem rosto comum, com muitas missões, e o mais engraçado é que a tempestade se congela no tempo. Outro fato muito interessante é que o céu se torna uma linda mansão, as estrelas um lustre cristalino, as nuvens o cobertor, a lua devolve a esperança, a brisa o frescor dos sonhos e o anjo "laço sem ponta" seu protetor.

## Texto 12

### Vida um ato de sobrevivência

Havia uma criança que morava num lugar belo. Tinha uma família maravilhosa, muitos amigos, uma paisagem belíssima e uma vida perfeita, com uma cultura, uma identidade. Todos se conheciam e partilhavam do mesmo mundo. Ela tinha o cabelo em forma de espiral, os olhos e pele da cor de berinjela madura. Tinha algo consigo inseparável, uma fita em forma de laço.

Um dia seu mundo do nada mudou. Teve que se aventurar por um mundo distante e desconhecido, onde o céu e o mar seus melhores guias, sua família e amigos ficaram para trás junto com a esperança de os vê-lo um dia. A vida tornou-se um ato de sobrevivência e o céu que fora um guia, agora, seu teto, sua casa. E a água que tinha em abundância falta até para beber.

## Texto 13

### Encantada pelas historinhas.

Havia uma garotinha que morava numa casa muito especial. Sua mãe amava fazer trancinhas em seus cabelos, prendendo-os com fitas bem coloridas de laços na ponta. Enquanto, fazia as tranças sua mãe contava histórias sobre um coelho de orelhas cor-de-rosa que morava ao lado de sua casa e que aquelas fitas ganhavam vida, quando o coelho delas se aproximava.

A menina encantada com as historinhas, saiu correndo ao pátio de sua casa a procura do coelho de orelha cor-de-rosa. Quando de repente, levou um grande susto. Era vários filhotes de coelho, cada um de cores diferentes. Alguns quietos, outros tristonhos, levados, atrapalhados, até mesmo patetas, quando de repente: \_ plooffe! Uma cambalhota, igualzinho o da história.



## Texto 14

### **Criança ou fada!**

Há muito, muito tempo atrás havia um coelhinho muito charmoso que gostava muito de se aventurar a procura de algo novo. Todo dia ele saía de sua toca e percorria trilhas, atravessava rios e subia montanhas. Até que num belo dia ele não percebeu o pôr-do-sol, logo escureceu e ele não conseguia voltar. Então, cuidou logo de cavar um buraco e se esconder até que o sol voltasse a brilhar. Quando acordou deu de cara com uma joia preciosa que de tão rara tinha uma formosura como o mistério que encanta a noite, quando da toca o céu admirava. Ele não sabia se era uma criança ou uma fada!

## Texto 15

### **OS AMIGOS**

Há muito tempo, num passado bem distante deste que conhecemos, existia uma garota que tinha os cabelos parecidos com cachos de uvas daquelas bem negras, os lábios carnudos como maçãs, de cor de mel, tinha a pele e os olhos negros como a noite em eclipse, sua pele macia como puma. Ela parecia diamante negro dos mais raros e mais belos que existira. Na verdade parecia uma princesa daquelas de conto de fadas, ainda mais porque tinha um coelho falante que de tão pateta chegava ser engraçado, vivia se tropeçando, aquela beleza o hipnotizava...

## Texto 16

### A Brincadeira

Havia uma criança muito esperta que conseguia driblar quaisquer pensamento. Um dia o seu amiguinho coelho a desafiou. Quero ver você beber o leite sem tocar o chão, ela cheia de travessura subiu na mesa e bebeu o leite, ela rapidamente, o desafiou a tomar o mesmo leite sem tocar as mãos, e o coelhinho puxou com os dentes o copo e tacou-o no chão, em seguida perguntou: \_ Poço tentar novamente? É claro, e ele se lambuzou no leite por toda a cara. E ela pegou o copo com os braços e tomou todo o leite da garrafa. E ele, que coisa mais abusada!

## Texto 17

### Como conheci o coelho nariz de Fadas

Num pequeno vilarejo morava uma senhora bem velhinha que amava contar história do seu tempo de juventude. Ela disse que certa vez apareceu na varanda de sua casa algo muito inusitado, pulando de um lado para o outro, meio que atrapalhado. Tinha uma curiosidade bem aguçada, daquela que não deixa nada escapar. De repente ela ouviu uma voz meia que rouca perguntando: \_ Qual é teu segredo para uma beleza divina? Aquilo tornou-se habitual dia após dia. Achei engraçado e sempre falei o que de logo veio-me a mente. Era o coelho nariz de Fadas.

## Texto 18

### O pedido

Havia uma menina que morava em um lugarejo muito pacato. Ela não tinha brinquedos para brincar, um certo dia ela fez um pedido ao luar: \_ Quero um amiguinho bem divertido que saiba todas as brincadeira do universo. No dia seguinte, ganhou um coelhinho nariz de palhaço que dava risadas em seus tropeços. Para ela, era algo maravilho já que sua vida era apenas trabalhar para tentar sobreviver com sua mãe, pois não tinham ninguém para as socorrer daquela tamanha aflição, faltava o leite, sobrava decepção. E o coelho conseguia devolver-lhe o chão...

## Texto 19

### Coelho de pelo cor-de-rosa

Num reino muito distante havia um coelho de pelo cor-de-rosa que usava na ponta do chapéu um laço doce como mel capaz de adoçar a vida mais amarga que o fel. Toda vez que alguém em algum lugar da terra tivesse triste com o coração amargo ele ia adoçar sua vida. Para ele a vida é bela em sua plenitude para deixar ser amarga.

Foi assim que ele conheceu o mundo real em que a menina de cachos de uva vivia com sua família. Por ela ter a pele mais rara cheia de melanina de valores inestimáveis, era sempre machucada pela aquela sociedade. Ele cuidou logo de curar adoçando a vida daquela sociedade amargurada e aquela criança a partir daí não soube mais o que é ser discriminada.

## Texto 20

### Contrapondo pensamentos

Há muito tempo atrás onde o humor era algo místico e um tabu. Havia um coelhinho que driblava o vento para saborear a vida. Um dia esperto como ele só, resolveu perguntar a fada da noite: \_ Como você consegue driblar o véu que rompe a noite e aparecer como dois vagalumes em um piscar de olhos! Ele foi por ela surpreendido, quando retrucou: \_ É com a mesma artimanha que você rompo o manto que traz o dia e sequestra o fio que tece as nuvens!

## Texto 21

### Minha cor, minha história

Há muitos anos atrás, em um tempo bem remoto havia dois seres distintos, mas com o mesmo desejo pelo novo. Até que um belo dia um deles avistou algo de beleza plena era o ser mais lindo e perfeito que conhecera. Admirá-lo era algo prazeroso, aos poucos foi se aproximando até que, tomou coragem e se aproximou. Então, perguntou-lhe: \_ Qual o segredo para ter a cor mais bela e rara do universo em um somente ser? Ligeiramente, ouviu-se uma voz ecoar: \_ Minha cor vem da minha origem, cada cor tem a ver de onde viemos, das misturas dos sangues vermelhos com a descendência negra, indígena e branca... se sou negra com certeza a minha família, meus ancestrais são e foram negros...

## Texto 22

### Menina Bonita

Havia uma criança que tinha um amiguinho branco como leite. Ela gostava muito de brincar no quintal de sua casa com ele, e ele sempre lhe fazia a mesma pergunta todos os dias: \_ Menininha qual o mistério por trás de sua beleza? Aquilo para ela era muito divertido, pois amava inventar historinhas para ver seus amiguinho fazer o que ela dizia. \_ Eu comi jabuticaba beijando a noite. Ao anoitecer comia as jabuticabas na esperança de conseguir beijar a noite, até que adormecia.



## Texto 23

### Sonho e realidade

Em um mundo onde os sonhos eram ilusões mais impossíveis de existir e proibido de ter, existiu uma criança capaz de quebrar barreiras entre os universos para reatar o elo perdido da verdadeira amizade. Toda noite sonhava com um mundo onde a cor da pele seja ela negra, branca, parda, indígena ou mulata não fosse o impedimento para olhar um para o outro como um ser e compartilhar da mesma alegria de viver e ser amado, simplesmente por existir...

## Texto 24

### Coelho invisível

Era uma vez, há muito muito tempo havia um lugar bem distante, onde morava crianças que por algum motivo tiveram de se submeter a vida adulta para sobreviver. Entre elas uma criança de pele da cor da noite e cabelos com ondas bem curtas como as dos mar. Ela tinha uma imaginação que toda noite dava asas a seus sonhos e um coelho invisível vinha para com ela brincar. Eles percorriam lugares belíssimos onde tudo se transformava em brinquedo e muita diversão.

## Texto 25

### A cor da pele

Havia uma menina que já estava cansada de tantas perguntas que o coelho lhe fazia. E ela sempre se questionava: \_ Por que o espanto pela minha cor! Será que é mais importante a cor ou o ser que há em mim? E se fosse ao contrário! Se fosse eu que perguntasse a ele sobre sua cor. Do tipo: \_ Como faço para ser tão branquinha como você? Sendo que ele morava em um país no qual todos os descendentes eram oriundos dos negros, por aí já podia imaginar de onde vinha a minha cor... Que coelho sem noção!

## Texto 26

### Menina dos cachos encantados

Havia uma coelho que tinha as orelhas cor-de-rosa e bem empinadas, de nariz inquieto e pelo macio. Era astuto como ele só. De tanto observar a menina e ver sua mãe fazendo tranças em seus lindos cachos que de tão pretos lembrava cachos de uvas de tão maduras era azuladas. Se aproximou da garota para observar sua mãe entrançando aqueles belos cachos e qual segredo ela usava. Pois, o coelho tinha um grande sonho, ter uma filhinha igualzinha a menina dos cachos encantados.

## Texto 27

### Laçado dourado

Havia uma menina que usava um laço dourado no cabelo e toda vez que brilhava desejos lhe concedia. Ele dava a jovem o direito de fazer três pedidos onde a imaginação dela era o limite. Pois, no mundo em que vivia a realidade aprisionava a imaginação. A sua vida era imposta a condição adulta e a criança aos poucos desaparecia.

A sua imaginação a levava a um mundo divertido, onde as nuvens se transformava em escada ligando a terra ao céu, o arco-íris num tobogã, os pássaros bailavam e cantavam uma suave canção, os animais se comunicavam por telepatia e as criancinhas sua melhor companhia. Algo muito mais muito engraçado é que de tanto rir a criança soluçava e o laço dourado se acabava em gargalhada.

## Texto 28

### Laço colorido

Há muito muito tempo atrás existira uma menina linda e engraçada que adorava brincar na chuva. Do outro lado da floresta havia um coelho muito curioso, ele ficara horas e horas admirando os pingos da chuvas caindo na pele da garota. Para ele era como as estrelas brilhando no céu.

O mundo em que o coelho vivia era triste e ele era muito solitário, pois ninguém o queria como filho por já ter uma certa idade e por isso, na floresta sozinho morava, então sua curiosidade o levou até aquela linda menina de pele morena e laço colorido e desse dia por diante nasceu ali a mais bela e pura das amizades.

## Texto 29

### Amor além da fronteira.

Havia uma menina muito linda parecida com uma princesa das Terras da África. Sua mãe amava fazer tranças bem alegre com laço na ponta. Seus cabelos tinha ondas como o mar e sua pele era da cor da noite sem luar. Ela tinha um amiguinho muito curioso, o Theo, que gostava muito de perguntar: \_ qual o segredo para ser tão linda como fadas do Reino de Luar?

O Theo era deslumbrado pela cor da sua amiguinha. Para ele, não havia uma garota mais linda do que ela. Por isso, sempre a perguntava o segredo de tanta beleza. A menina com a inocência de uma criança dava sempre uma solução para sua beleza. Porém, ele não tinha êxito, até que um dia a mãe dela contou-lhe o segredo que era o amor que ultrapassa quaisquer fronteira.

## Texto 30

### Linda menina dos olhos pretos azulados

Havia uma menina de olhos tão pretos que chegava a ser azulados, cabelos cacheados como uma gavinha e preto como o breu que sela a noite. Ela amava quando sua mãe fazia trança envolvida pela fita colorida. No inverno a fita dava cor a neve intensa daquela cidade e assim a menina tinha em sua rua um parque de diversões e com a neve dava vida ao coelho imaginário.

No mundo em que a menina vivia havia pouquíssimo brinquedo da sua cor. Ela não conseguia entender e por isso, ficara muito triste. A criança não conseguia se ver naquele mundo. Então, esperava até chegar o inverno para brincar com seu brinquedo imaginário 'o coelho peludo' que tinha todas as cores que existia no universo, e claro, a mais linda delas, cor de canela.



A seguir mostram-se os textos originais produzidos pelos alunos:

### Texto 1

#### Pepeu mãos de fada

Havia uma menininha que ganhou de presente de sua mãe uma linda fita. Ela disse a garota que aquela fita era muito especial, era herança de sua família. Toda vez que usasse aquela fita, ao dormir conseguiria percorrer em sonho a história de seus antepassados e descobrir o mistério de sua beleza e como conheceu o mais traloso dos amigos e colheu "pepeu mãos de fada".

Enquanto a menina curava a linda história da fita, o mais traloso dos amigos esperava do outro lado mundo aventurar-se novamente. chegou a noite, a garota adormeceu abraçada com a fita. foi assim, que conheceu "pepeu mãos de fada", fazia cada penteado digno de uma verdadeira princesa, suas mãos parecia mesmo ser de fada que até em acessórios a transformava.

Texto 2

Celinho atropelado



Havia um cachorro todo atropelado que tinha um dos melhores coitos. Ele gostava muito de dar combalustos no gramado ao lado. Ele não havia muito em ter um amiguinho para brincar. Já que todo dia ele brinca com uma boneca brincando em seu jardim. Ele o imitava mais não tinha coragem de se aproximar dele. Ele sabia que o menino era o criança que queria ser seu amigo.

no mundo em que o cachorro vivia todos eram políticos sem cor, o menino tinha um brinquedo que o cachorro tanto queria. Ali que um dia ele criou coragem e se aproximou de quem tinha o brinquedo: Você disse eu sei seu brinquedo é melhor com você? ele disse, sim ele ficou tão feliz que não se contentou em si e correu de um lado para o outro pulando e dando combalustos.

### Texto 3

#### O mistério

havia um reino de tão perto, era tão longe, nele morava um velho muito curioso que percorria o universo em busca de seres de outras cores. Ele não conseguia entender porque era tão bronzeado, enquanto, o outro era tão escuro. E sempre se questionava: - Qual tinha pintado o céu em noites turvas se era o mesmo céu de dia claro? Chegou, então, a um mundo de um diâmetro e conheceu Luna. Seu tempo tinha fragmentos da noite turvas como bronze e seus dias como dia ensolarado. Aquilo era o céu de ele que perdeu dos tempos passados...



### Texto 4

#### Coelho leuado

Havia um Coelho leuado e muito atrapalhado que ia de quintal a quintal em busca de Cuoneas para Brimear. É como ele já estava desanimado porque não conseguia nenhuma Cuonea para Brimear e como se ele fosse Usinel a elas. Um dos certo dia pediu a mãe natureza algo que o tornasse Usinel uma Cuonea, mais que fosse aquele que mais goste de Brimear assim como ele.

A mãe natureza deu ao Coelho leuado para procurar no jardim uma minhoca de olhos azuis como veio de bolear o leite, de pele cor de mamãe Coelão de to madura. Chegou o ser azulada que usou laço de fita para empilhar suas Calceles tomoadas por sua mãe e que o mãe deste então louvace sua mulher amiga companheira de suas aventuras.

Texte 5

A Supplicato!

Era um dia um coltro bem tranquillo inquieto que  
 não parecia de medo. um dia ele conheceu uma  
 garotinha de uma garotinha de uma beleza vultu-  
 rante, que tanto lhe chamou a atenção. todo dia se en-  
 tre perguntava: - tu presta tu maninha para ter uma  
 beleza? depois o noite para se mostrar em um  
 misterioso. ele não ultrapassava disso: - e não? depois  
 se mostrou em um dia assim para ter uma beleza após!






## Text 6

### Diamante negro

Havia uma menina muito bela que tinha os olhos da cor do diamante negro e a pele cor de caramelo. Ela amava contar histórias em que se esconde a beleza. Ela dizia que ele tinha que misturar o leite com café e beber a hora fria do cor de chocolate outras vezes dizia as coisas que teria de tomar banho no Reino de luar ou ser um Príncipe da terra de Afreca assim como sua Mãe fora aquela beleza ganhar.



D S T Q Q S S

Texto 7

Caelho encantado

um dia um caelho encantado conheceu uma jovem que tinha  
 uma imaginação extraordinária capaz de viajar no  
 universo através dentro do seu Bala não via o cor do olho  
 Para ele a cor do olho se reflete do alma e o alma não tem cor  
 é transparente como o pinga de chisco que do lado a  
 todo o ser

o Caelho ficou muito curioso e apaixonado com a imaginação  
 daquela criança e então perguntou-lhe: - Se você pudesse  
 escolher a cor do seu Bala que cor seria? A menina não  
 respondeu e lhe respondeu: Não mudaria nada apenas  
 a falta de amor e respeito um Bala outro e logo em seguida  
 perguntou: E você, mudaria algo? Sim teria o cor do meu  
 doce Bala de Caramelo.



## Texto 8

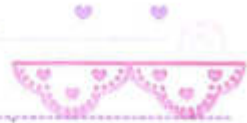
### Cachorro branquinho como a neve

Um lindo dia uma criança brincando no quintal de sua casa encontrou um cachorro branquinho como a neve. Ele tinha um focinho inquieto e cada vez que espirrava ele realizava um de seus maiores desejos. Então, ele desejou falar para conversar com a menina já que ele todo dia conversava sozinho ao brincar.

O garoto não sabia mais o cachorro amava ficar ali em seu quintal a admirando. Ela tinha uma beleza rara que ele muito sonhara em um dia ter. No dia seguinte, ao se encontrarem de novo ele perguntou a criança se ela topava somente por um dia trocar com ele sua cor, ele sem titubear aceita o pedido, mas impôs uma condição: não perca sua essência ainda que o mundo não te estenda a mão. Para eles não existia uma cor e sim, um irmão!







### Texto 10

#### Coelho contando de histórias

Havia um coelho que amava contar histórias. Só que ele estava ficando muito triste porque não tinha ninguém mais para ouvir. Ele tinha se perdido da da sua família na floresta, então corria uma vez distante de onde todos viviam e quando mais se aproximava mais felizizado ficava por aquela linda e doce voz, era uma lince menininha brincando em seu quintal.

Então ele abraçou a do garoto e começou a contar de suas histórias de aventura pela floresta. Um um coelho a frente e delicadamente tocou a pele da criança sobre os olhos e disse: você tem os olhos e a pele tão linda da cor da pantera negra que brilha a floresta em noites turvas e como um coelho de magia seu brilho reluz como o mais lindo dos cristais.





## Texto 11

### Luça sem ponta

Existe uma menina que usa um laço sem ponta no seu cabelo que se transforma em um anjo de proteção e guarda das longas tempestades. Mas seu cabelo não brilha e acurta mesmo das jóias que ela usa. Ela vive a esperança de despertar o laço. A sua vida vai fugir para sobreviver das tempestades de bruxas.

O anjo que aparece para a menina tem rosto comum, como muitas crianças, mas mais magro e que a temperatura se congela na Terra. Outra fato muito interessante é que o céu se torna uma linda manhã, as estrelas um leito cristalino, as nuvens se cobrem, a lua dá a esperança, a vida e freira das bruxas e o anjo "laço sem ponta" seu protetor.

D S T Q Q S S

## Texto 12

## Vida em ato sobrenatural

Havia uma criança que nasceu num lugar belo. Tinha uma família maravilhosa, muitos amigos, uma paisagem belíssima e uma vida perfeita, com cultura, uma inteligência. Todos se conheciam e possivelmente conheciam o mundo. Ela tinha o cabelo em forma de espiral, os olhos e pele era cor de buriela madura. Tinha algo consigo coisa imperável, uma fita em forma de loop.

Um dia seu nicho do nada mudou. Tudo que se desentrou por um mundo distante e desconhecido, onde ele e sua mãe e suas mulheres, sua família e amigos ficaram para trás junto com a esperança de vê-lo um dia. Ela não tornou-se um ato de sobrenatural e o ele que fora um guia, agora, seu teto, sua casa. E a água que tinha em abundância falta até para beber.

Texto 13

Encontrada pelos historinhos.

Havia uma garotinha que vivia numa casa especial. Sua mãe amava fazer Trançinhos em seus cabelos, prendendo-os com fitas bem coloridas na ponta. Enquanto fazia os Tranços mãe contava histórias sobre um velho de olhos car-de-rasa que morava ao lado de sua casa e que aquelas fitas ganhavam vida, quando delas se aproximavam.

A

A menina encontrada com os historinhos, saiu correndo ao pátio de sua casa a procura do velho de olhos car-de-rasa. Quando se viu, viu um grande rinto, em vários filhotes de cor, cada um de cores diferentes, alguns quistos, outros Tristonhos, Lebadon, elias alhadon, até mesmo patos, quando se viu - ploffe! uma cambalhota, igualzinha a da história.



data / /  
3 7 0 0 3 1 2

Exato 19

## Criança ou Fada!

Há muito, muito tempo atrás havia um Coelhozinho muito charmoso que gostava muito de se aventurar a procura de algo novo. Todo dia ele saía de sua toca e percorria, trilhas, atravessava rios e subia montanhas. Até que num belo dia ele não percebeu o pôr-do-sol, logo escureceu e ele não conseguia voltar. Então, cuidou logo de cavar um buraco e se esconder até que o sol voltasse a brilhar. Quando acordou deu de cara com uma joia preciosa que de tão rara tinha uma formosura como o mistério que encanta a noite, quando da toca o céu admirava. Ele não sabia se era uma Criança ou uma Fada!

Texto 15

data / /  
5 2 8 8 5 2 8

## Os Amigos

Há muito tempo num período bem distante deste  
 conhecemos existiu um guriato que tinha os cabelos  
 corcoidas com cachos de urias dequiles bem negros  
 os lábios carnudos como meças de sor de mel  
 tinha o pelo os olhos negros como a noite em  
 cabelos sua pele melia como Puma ele parecia  
 diamante negro do mais raro e mais belo  
 que existia na Verdade parecia uma Princesa  
 dequiles de conto de fadas sendo mais por que  
 tinha um cabelo falante que de São Bartolomeu  
 chegava nos engracado raios se abraçava  
 Aquella beleza o fascinava

date / /  
S T U O S D

## Texto 16

### A Buncadina

havia uma criança muito esperta que conseguia  
 driblar quaisquer pensamentos. um dia o seu  
 Amiguinho calhou a derrota queria ver vacar beber  
 o leite sem tocar o chão ela cheia de truques  
 subiu no muro e bebeu o leite de rapidamente o  
 desafiou a tomar o mesmo leite sem tocar os pés  
 e o calhinho ficou com os dentes o cabo e lançou o  
 no chão em seguida Perguntou Por quê tentas  
 mais (mente) e claro e ele se lambuzou no leite por  
 toda a cara e ela pegou o cabo com os braços  
 tomou o leite do garrafa e ele que coube mais  
 abusado!

data / /  
1 1 2 2 3 3 3

## Texto 17

## Como conheci o Coelhozinho Nariz de Fadas

Num pequeno vilarejo morava uma senhora bem velhinha que amava contar histórias do seu tempo de juventude. Ela disse que certa vez na varanda de sua casa algo muito inusitado, pulando de um lado para o outro, meio que atrapalhado. Tinha uma curiosidade bem aquecida, daquela que não deixa nada escapar. De repente ouviu uma voz meia que rouca perguntando: Qual é teu segredo para uma beleza divina? Aquilo se tornou habitual dia após dia. Achei engraçado e sempre falei o que de logo veio-me à mente. Era um Coelhozinho Nariz de Fadas.



Texto 18

data / /  
 6 7 8 9 0 1 2

## O Pedido

Havia uma menina que morava em um lugarejo muito  
 pobre. Ela não tinha dinheiro para comprar  
 um corte de cabelo, então ela fez um pedido ao  
 seu amigo, um menino muito rico que sabia toda  
 a verdade de um lado no dia seguinte.  
 Quando um menino rico de nome Polho  
 estava andando em sua tropa, pois ele era  
 algo maravilhoso, ele viu sua vida era apenas  
 trabalho para tentar sobreviver com sua mãe, pois  
 não tinha ninguém para se apoiar, então  
 tomou a decisão de fazer um pedido de casamento.  
 E o menino conseguiu desenvolver seu sonho.



Kajoma

Texto 19

cachho de pelo cor - de naso

Num nino muito distante havia um cachho de pelo cor - de naso que usava no parte do chapu um toco de cor como nasal capaz de deixar a vida mais amargo que o fil todo vez que alguém em algum lugar do lenho tivesse tusti com o corocor amargo de ia adoece. Sua vida. Amo ele a vida e belo em sua plenitude para deixar ser amargo.

Está assim que ele conhece o mundo real em que a maioria de cachos de uva vive com sua família por ele ter o pelo mais raro cheio de milerio de valores sustentáveis esse sempre machucado pelo aquela sociedade de cuidar logo de curar adequadamente a vida daquela sociedade amargurada e aquela criança a partir daí não soube mais a que se ser discriminado.

\*\*\*\*\* \* \* \*\*\*\*\*

Texto 20

### Contando Casamentos

Há muito tempo atrás onde o humor era algo muito comum. Havia um cachorro que driblaria a vento. Para saber o lado um dia esperto como ele se resolveu perguntar o pai da noite. Como se conseguiu driblar a Vênus que sempre o mata e aparece como dois volumes em um pulso de olhos de foi por ele surpreendido quando retrucou? É com a mesma astúcia que você rompa o manto que traz o dia e que seja o fim que leve os nublados!



data / /  
1 2 3 4 5 6 7 8

Ficte 21

Minha cor, minha história

Há muitas cores atrás, em um tempo bem rememorado, distintas, mas com a mesma desço pelo novo. Na que um belo dia um deles avistou algo de beleza plena - era o ser mais lindo e perfeito que conheceu. Admirado era algo prazeroso, aos poucos foi se aproximado até que tomou coragem e se aproximou. Então, perguntou: - Qual o segredo para ter a cor mais bela e rara do universo em um só ser? Riqueiramente, ouviu-se uma voz ecoar: - Minha cor vem da minha origem, cada ser tem a ver de onde viemos, das misturas dos sangue Vermelhos com a descendência negra, indígena e branca... SE SOU NEGRA COM CERTEZA A MINHA FAMÍLIA, MEUS ANCESTRAIS SÃO E FORAM NEGROS...



Texto 22

Nurina Kanita

Havia uma criança que tinha um amiguinho branco como leite da fantasia muito de brincar na quintal de sua casa com ele, sempre lhe fazia a mesma pergunta todos os dias: "Nurinha, qual o mistério por trás de sua beleza?" Aquela para ela era muito divertido, pois amava inventar histórias para os seus amiguinhos fazer e que ela dizia: - Eu sempre salticaba bilando a noite, as moiteiras comia as salticabas na esperança de conseguir beijar a noite, até que Adormecia.



Texto 23

Sonho e realidade

É em um mundo onde os sonhos e as ilusões são  
 impermissíveis de existir e proibido de ter existiu uma  
 crônica sobre de quebra de barreiras entre os sonhos  
 Para criar o do perdido da verdadeira amizade  
 Toda noite sonhada com um mundo onde a cor da  
 pele seja ela negra branca. Onde a indignação a  
 melancolia não fosse o impedimento Para olhar um olhar  
 outro para um ser e compartilhar da mesma  
 alegria de viver e ser amado. simplesmente Por  
 existir



Parte 2/4

## Coelho invisível

era uma vez, há muito tempo havia  
 um lugar bem distante, onde  
 moravam crianças que por algum motivo  
 tiveram de se submeter a vida adulta  
 para sobreviver. entre elas uma  
 criança de pele do cor do noite e  
 cabelos com ondas bem curtas como  
 as das mar. ela tinha uma imaginação  
 que todo noite dava asas a seus  
 sonhos e um coelho invisível tinha  
 para com ele brincar. eles percorriam  
 lugares belíssimos onde tudo se  
 transformava em brinquedo e muito  
 divertido.

## A cor da pele

Havia uma menina que já estava cansada de tantas perguntas que o pai lhe fazia e ela sempre se questionava: Por que o pai insiste pela minha cor! Será que mais importante a cor ou o ser que há em mim? e se fosse ao contrário! se fosse eu que perguntasse ela sobre sua cor do pai - como faço para ser tão tranqüila como você? sendo que ele morava em um país no qual todos os descendentes eram oriundos dos negros Por já sabia mesmo de onde vinha a minha cor... que cor é... sem nome





калопа

Texto 26

### Méminha das cachos encantados

Havia uma coelha que tinha os seios  
 cor-de-rosa e bém empinados, de nariz inquirida  
 e pelo macio. Era astuto como ele só, de tanta  
 observar a méminha e ater sua mãe fazendo tranças  
 em seus lindos cachos, que de tão pretos lembrava  
 cachos de uns de tão maderas era azuladas, se  
 apertimou da gata para observar sua mãe  
 entrançando aqueles belos cachos e qual segredo  
 ela usava. Pois, a coelha tinha um grande sonho  
 ter uma filhinha igualzinha a méminha das cachos  
 encantados.

\*\*\*\*\*  \*\*\*\*\*

data / /  
1 2 3 4 5 6

## Texto 27

### Laçador Davado

Havia uma manimã que usava um laço no cabelo, e toda vez brincava de jogos de comédia. De dava a Joum o direito de fazer três pedidos onde a imaginação dita era o limite. Pois no mundo em que vivia a Realidade apertava a imaginação. A sua vida era imposta de codição adulta, e a criança aos poucos desaparecia.

A sua imaginação a levava a um mundo divertido, onde as nuvens se transformavam em escada ligando a Terra ao céu, o arco-íris num tobogã, os pássaros saltavam e cantavam uma suave canção, os amendoins se comunicavam por telepatia e as crianças nas sua melhor companhia. Algo muito mais muito agradável e que de tanto vir a criança chorava e o que raso chorado se acabava em gargalhada.

## Texto 28

### Lazo colorido

Há muito tempo atrás existia uma menina linda e engraçada que adorava brincar na chuva. Do outro da floresta havia um coelho muito curioso, ele ficava horas e horas admirando os pingos da chuva caindo na pele da garota. Pare ele era como as estrelas brilhando no céu.

O mundo em que o coelho vivia era triste e ele era muito solitário, pois ninguém o queria como filho por já ter uma certa idade e por isso, na floresta sozinho morava, então sua curiosidade o levou até aquela linda menina da pele macia e laço colorido e desse dia por diante nasceu ali a mais bela e pura das amizades.



## Texto 29

### Amar além da fronteira.

Havia uma menina muito linda parecida com uma princesa das terras da África. Sua mãe amava fazer tranças bem alegres sem laço na ponta. Seus cabelos tinham ondas como o mar e sua pele era doce da noite sem luar. Ela tinha um amiguinho muito curioso, o Theo, que gostava muito de perguntar: - qual o segredo para ser tão linda como Jadas do Reino de Luar?

O Theo era deslumbrado pela cor da sua amiguinha. Para ele, não havia uma garota mais linda do que ela. Por isso, sempre a perguntava o segredo de Santa Beata. A menina com a inocência de uma criança dava sempre uma resposta para sua beleza. Porém, ele não tinha êxito, até que um dia a mãe dela contou-lhe o segredo que era o amor que ultrapassa quaisquer fronteiras.





## Texto 30

Bunda menina dos olhos pretos azulados.

Havia uma menina dos olhos tão pretos que chegava a ser azulados, cabelos cacheados como uma gavinha e pretos como o buraco que se abre à noite. Ela amava quando sua mãe fazia trança enrolada pela fita colorida. No inverno a fita dora como a neve intensa da aquela cidade e assim a menina tinha em sua rua um parque de diversões e com a neve dava a vida ao coelho imaginário.

No mundo em que a menina vivia havia pequenino brinquedo da sua cor. Ela não conseguia entender e por isso, ficava muito triste.

A criança não conseguia se ver naquele mundo. Então, esperava ali chegar o inverno para brincar com o seu brinquedo imaginário, o coelho peludo ali que tinha todas as cores que existia no universo, e claro, a mais linda delas, cor de lamela.